



# Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins

*investigação, inovação, divulgação*

## **Organizadora**

Bethania Mariani

## **Autores**

Alexandre da Silva Zanella

Bethania Mariani

Fernanda Luzia Lunkes

Juciele Pereira Dias

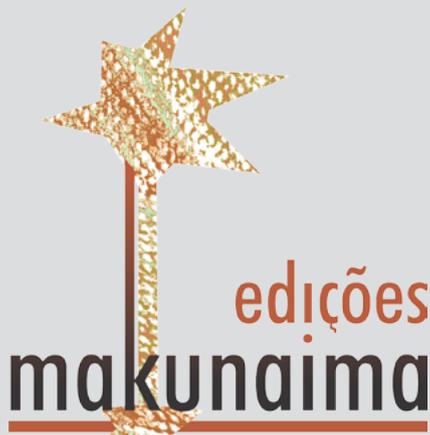
Luiza K. Castello Branco

Marcos de Sá Costa

Raphael de Moraes Trajano

Silmara Dela Silva

Vanise Gomes de Medeiros



**Enciclopédia audiovisual virtual  
de termos, conceitos e pesquisas  
em Análise do Discurso  
e áreas afins:**  
*investigação, inovação, divulgação*

Bethania Mariani  
organizadora

Rio de Janeiro

2016



Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas  
em Análise do Discurso e áreas afins  
*investigação, inovação, divulgação*  
Bethania Mariani (organizadora)

1ª edição / fevereiro 2016

Edição e Revisão de texto  
Bethania Mariani  
Luiza Castello Branco

Diagramação  
Elir Ferrari

E-book formato PDF

Apoio



CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

E56 Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em análise do discursos e áreas afins : investigação, inovação, divulgação / Bethania Mariani, organizadora. - Rio de Janeiro : Edições Makunaima : FAPERJ : CNPq, 2016.  
139 p.

eISBN: 978-85-65130-13-4

1.Enciclopédias eletrônicas. 2. Análise do discurso. I. Mariani, Bethania.

CDU 81'42

**Edições Makunaima**  
www.edicoesmakunaima.com.br  
Rio de Janeiro / RJ

**Editor**

José Luís Jobim

**Conselho Consultivo**

Alcír Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)  
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)  
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)  
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)  
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)  
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)  
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)  
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
Jorge Fonet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)  
Livia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)  
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)  
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)  
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)  
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)  
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)  
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)  
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)  
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)  
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)  
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)  
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)  
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)  
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)  
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)



# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>6</b>
Bethania Mariani	
<b>Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias</b>	<b>10</b>
Bethania Mariani e Vanise Medeiros	
<b>Considerações sobre a construção da <i>Enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso</i></b>	<b>25</b>
Fernanda Luzia Lunkes	
<b>Inovação – signifiicante em movimento</b>	<b>40</b>
Luiza K. A. Castello Branco	
<b>Por uma definição de enciclopédia da Análise do Discurso: processos de criação de tecnologia no campo das ciências da linguagem</b>	<b>63</b>
Juciele Pereira Dias	
<b>De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente</b>	<b>77</b>
Silmara Dela Silva	
<b>Sujeitos, sentidos e(m) rede: práticas discursivas (d)e direcionamentos da interpretação no meio eletrônico urbano</b>	<b>92</b>
Raphael de Moraes Trajano	
<b>Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre (condições de produção do discurso de) divulgação científica na contemporaneidade</b>	<b>106</b>
Marcos de Sá Costa	
<b>(Um)a relação de Michel Pêcheux com as máquinas</b>	<b>121</b>
Alexandre S. Zanella	
<b>Sobre os autores</b>	<b>136</b>
<b>Equipe de filmagem (entre 2013 / 2016)</b>	<b>139</b>

# Apresentação

Bethania Mariani

Este livro reúne artigos resultantes de reflexões sobre o projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* (FAPERJ E-26/111.085/2013), realizado coletivamente no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF), configurando um percurso que ainda não se esgotou. Se os artigos aqui reunidos se propõem a sintetizar as várias facetas do trabalho realizado, que durou aproximadamente trinta meses, o ponto final, ou momento de conclusão dessa pesquisa, por outro lado, configura-se como transitório, apesar de necessário em função do prazo concedido pela FAPERJ, agência que financiou boa parte do projeto.

Como afirma Auroux, “sem memória e sem projeto simplesmente não há saber”.<sup>1</sup> É no horizonte de retrospectiva das formas de constituição dos saberes sobre as línguas (Auroux, *idem*) e, também, na historicidade do trabalho incessante realizado por um conjunto de pesquisadores em Análise do Discurso na Universidade Federal Fluminense, em parceria com tantos outros inscritos no vasto e complexo teórico da Análise do Discurso, que é possível depreender a proposta colocada pelo projeto em seus caminhos de pesquisa: a organização e realização de uma **ENCICLOPÉDIA AUDIOVISUAL VIRTUAL DE TERMOS, CONCEITOS E PESQUISAS EM ANÁLISE DO DISCURSO E ÁREAS AFINS**.

1 AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: ed. Da UNICAMP, 1982, p. 11

O objetivo maior do projeto constituía-se em um desafio, arriscamos a dizer, inovador: construir uma enciclopédia virtual de termos, conceitos e pesquisas da Análise do Discurso, uma enciclopédia aqui considerada, inicialmente, como lugar de saber teórico. A elaboração de tal enciclopédia toma como ferramenta básica para sua construção as tecnologias vigentes no aparato virtual atual. Desdobrava-se, desse objetivo, um outro não menos relevante: a esse lugar de saber teórico, incorporava-se a divulgação científica da Análise do Discurso sendo concretizada a partir de pequenos vídeos gravados pelos próprios pesquisadores da área. E, ainda, um horizonte de projeção se descortinava: para além das discussões teóricas sobre os instrumentos linguísticos, as tecnologias de linguagem e a posição-sujeito pesquisador frente a tais tecnologias, a possibilidade de experimentar e compreender técnicas de gravação e edição de vídeos, por parte de docentes e discentes integrantes do LAS.

Ao longo do processo, no entremeio de discussão possibilitada pelo engajamento na Análise do Discurso como lugar teórico em que se inscrevia o próprio fazer da enciclopédia, inúmeros questionamentos eram feitos, dentre os quais se destacam: o próprio título a ser atribuído à enciclopédia; a discussão do que seria uma enciclopédia e seus verbetes construídos nessa configuração audiovisual virtual; a reflexão de como pensar em uma enunciação científica em que voz e imagem do pesquisador se materializam virtualmente; a própria metodologia do trabalho com seus desafios técnicos no meio acadêmico; as técnicas de filmagem em si e a posição de autoria do pesquisador, com seu estilo próprio de enunciar. Além disso, era imperativo tomar de forma crítica dois significantes presentes no título do projeto: “divulgação e inovação”. Sem cair nas evidências que a incessante circulação desses significantes produz no meio acadêmico e científico, já como resultado de políticas científicas direcionadas pelo Estado nos últimos anos, indagamos e tentamos reterritorializar discursivamente o que seria a produção de um saber tendo em vista a sua divulgação de forma diferenciada. Ler o sintagma “divulgação e inovação” não como pré-condição imposta, mas sim como inscrito na historicidade de formas de produção do

conhecimento em que o fazer científico pode ser divulgado com as ferramentas tecnológicas contemporâneas.

A organização do livro segue, em parte, esse conjunto de reflexões. Assim, o primeiro artigo, de Bethania Mariani e Vanise Medeiros, apresenta o projeto como um todo e sua pertinência ao campo de estudos do discurso. Fernanda Lunkes discorre sobre o processo de trabalho em si, com seus percalços e descobertas. Luiza Katia Castello Branco reflete criticamente sobre inovação em ciência tendo em vista as políticas de Estado. Juciele Pereira Dias, por sua vez, discute o que seria uma criação de tecnologia no campo das ciências da linguagem. Silmara Dela-Silva reterritorializa discursivamente o gesto de produzir vídeos, tendo em vista um fazer enciclopédico. Já Raphael de Moraes Trajano interroga a própria rede eletrônica considerando a questão da interpretação. Marcos de Sá Costa se pergunta sobre as condições de divulgação científica nos dias de hoje. E, por fim, Alexandre Zanella segue as pegadas de Michel Pêcheux em sua relação com as máquinas e seus deslocamentos no campo do fazer científico.

É importante dizer que a proposta de organização desse livro surge ao final do percurso, justamente no momento em que o principal objetivo da pesquisa, a edição dos verbetes, ganhava concretude. Para fechar essa apresentação, sabendo minimamente que nosso percurso não se esgotou, ao contrário, abre-se para uma desejada continuidade, listamos os pesquisadores com seus respectivos verbetes. A eles deixamos nosso agradecimento pela disponibilidade e pelo interesse em fazer as gravações.

*Bethania Mariani*

	<b>Pesquisador</b>	<b>Data de Gravação</b>	<b>Verbetes 1</b>	<b>Data de Gravação</b>	<b>Verbetes 2</b>
1	<b>Cristiane Dias (UNICAMP)</b>	19/02/2014	<b>Memória metálica</b>		
2	<b>Evandra Grigoletto (UFPE)</b>	18/02/2014	<b>Espaço virtual</b>	18/02/2014	<b>Lugar discursivo</b>
3	<b>José Simão da Silva Sobrinho (UFU)</b>	28/03/2014	<b>Discurso</b>		
4	<b>Lucília M. Abrahão e Sousa (USP)</b>	28/03/2014	<b>Arquivo e Museu da Língua Portuguesa</b>	28/03/2014	<b>Ideologia e rede eletrônica</b>
5	<b>Lauro Baldini (UNICAMP)</b>	11/11/2014	<b>Tríplice aliança</b>	11/11/2014	<b>Discurso e cinismo</b>
6	<b>Pedro de Souza (UFSC)</b>	01/04/2015	<b>Gesto e voz como objeto simbólico I</b>	01/04/2015	<b>Voz e processo de subjetivação</b>
7	<b>Luciene Jung de Campos (UCS)</b>	01/04/2015	<b>Acontecimento, deslocamento, estranhamento</b>		
8	<b>Maria Cristina Leandro Ferreira (UFRGS)</b>	09/09/2014	<b>Equívoco na língua Glossário da Análise do Discurso</b>	09/09/2014	<b>Sujeito e Língua</b>
9	<b>Fabiele de Nardi (UFPE)</b>	02/06/2015	<b>Condições de produção</b>		
10	<b>Mônica Zoppi-Fontana (UNICAMP)</b>	17/04/2015	<b>Acontecimento discursivo</b>	25/11/2015	<b>Enunciação</b>
11	<b>Freda Indursky (UFRGS)</b>	25/06/2015	<b>Formação discursiva I</b>	25/06/2015	<b>Formação Discursiva II</b>
12	<b>Carolina Fedatto (UNIVÁS)</b>	17/04/2015	<b>Negação e negação discursiva</b>	17/04/2015	<b>Formação Discursiva</b>
13	<b>Claudia C. Pfeiffer (UNICAMP)</b>	25/11/2015	<b>Sujeito urbano escolarizado</b>	25/11/2015	<b>Texto escolar e discurso</b>
14	<b>José Horta Nunes (UNICAMP)</b>	27/11/2015	<b>Dicionário e discurso</b>		

# Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias

Bethania Mariani | Vanise Medeiros

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)

## ► 1. A temática do projeto, seu histórico e sua memória

O projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* (projeto número E-26/111.085/2013), apresentado por Bethania Mariani à FAPERJ, recebeu durante dois anos recursos financeiros ao ser aprovado no edital Humanidades, número 14, em 2013. À época, sob a coordenação geral de Bethania Mariani, contou em sua equipe inicial com as professoras Silmara Dela Silva e Vanise Medeiros. As três pesquisadoras fazem a coordenação colegiada do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS<sup>1</sup>), sediado na Universidade Federal Fluminense (UFF). O projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* foi implementado no LAS com a característica de ser um projeto coletivo, ou seja, um trabalho a ser realizado por professores, pós-doutores, doutorandos, mestrands e graduandos.

Em 2013, a equipe inicial, apresentada à FAPERJ, contava com nove integrantes<sup>2</sup>. Porém, ao longo de dois anos e meio de trabalhos,

1 O LAS tem um site próprio: [www.uff.br/LAS](http://www.uff.br/LAS).

2 Equipe em outubro de 2013:

Coordenação geral: Bethania Mariani (CNPq e Cientista do Estado pela FAPERJ)

Pesquisadores associados: Vanise Medeiros (CNPq e Jovem Cientista do Estado pela FAPERJ) e Silmara Dela Silva (UFF e Jovem Cientista do Estado pela FAPERJ)

Pós-doutores: Maurício Beck (FAPERJ), Carla Moreira Barbosa (PNPD CAPES) e Juciele Pereira Dias (PNPD CAPES)

Doutorandos: Fernanda Luzia Lunkes (CNPq), Marcos Sá Costa (CNPq), Alexandre Zanella (CNPq), Raphael de Moraes Trajano (CAPES)

PIBIC: Sarah Casimiro (FAPERJ)

alguns membros saíram, outros entraram, em um movimento acadêmico característico da dinâmica do funcionamento universitário. É importante registrar essa movimentação acadêmica em função de o projeto apresentar pequenos vídeos como resultado de sua produção, sendo que tais vídeos registram em seus créditos finais o nome daqueles que efetivamente participaram da filmagem e das discussões.

O projeto em tela apresentava como objetivo principal investir fortemente na divulgação dos trabalhos em Análise do Discurso bem como atuar solidamente na formação de pesquisadores também em Análise do Discurso, visando, desta forma, contribuir para o desenvolvimento mais acentuado da área no Estado do Rio de Janeiro. Assim sendo, a coordenação do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), dando continuidade aos estudos que visam à elaboração de verbetes em Análise do Discurso, buscou apoio no edital Humanidades da FAPERJ para desenvolver um trabalho de divulgação científica voltado especificamente para termos e conceitos teóricos da Análise do discurso, em sua vertente vinculada aos trabalhos desenvolvidos por Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Em 2001, a pesquisadora Mara Cristina Leandro Ferreira (UFRGS) foi pioneira na elaboração de um levantamento dos termos conceituais, como se pode ver e ouvir no verbete “*Glossário*”, de sua autoria, em nossa Enciclopédia. Em trabalho realizado com alunos de graduação e de pós-graduação, Ferreira produziu o *Glossário de termos do Discurso* com 28 páginas, registrando alguns dos principais conceitos da Análise do Discurso. Já em 2009, o Grupo de Teoria do Discurso (GTDIS), coordenado por Bethania Mariani e registrado no CNPq, teve a iniciativa de propor uma *wikigtdis*, ou seja, tomando como inspiração a *wikipedia* que circula na internet, a *wikigtdis* seria uma enciclopédia de termos da Análise do Discurso, em (permanente) elaboração pelos membros do GTDIS a ser disponibilizada online. Essa iniciativa rendeu até o momento dois frutos, os verbetes ‘arquivo’ e ‘real’ que podem ser lidos no site do LAS.

Os planos de organização de uma enciclopédia continuaram e, após conversas internas realizadas no LAS, a ideia de elaboração de uma enciclopédia virtual em vídeo, ou seja, uma *wiki em vídeo*, agregando

*imagem e som*, ganhou força. A proposta era simples e, ao mesmo tempo, bastante complexa e elaborada. Nosso objetivo era fazer vídeos curtos, com 5 minutos de duração em média, em que pesquisadores relevantes da área apresentassem conceitos fundamentais da Análise do Discurso e/ou pequenos trechos de pesquisa desenvolvida em AD. Na sequência, após edição, tais vídeos seriam postados no canal do *youtube* da UFF, chamado popularmente de *ufftube*, o qual já inclui diversos vídeos do LAS. Esse projeto, além de propiciar de modo inovador a divulgação da Análise do Discurso, permitia a promoção, o estudo e a pesquisa por parte dos alunos do LAS envolvidos, uma vez que os conceitos gravados eram objeto de estudo em reuniões do Laboratório.

## ▶ 2. O LAS e o projeto em tela

O *Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS)* foi fundado, em 2008, pelas três pesquisadoras do Departamento de Ciências da Linguagem da UFF, já mencionadas, a partir de recursos recebidos com a aprovação do projeto *Arquivos sobre o sujeito nacional: discursividades na sociedade e na cultura contemporânea* (Edital Universal CNPq, 2008, processo número 475481/2008-9, projeto proposto por Bethania Mariani).

Além das pesquisadoras da UFF, o LAS conta com a participação do já mencionado Grupo de Teoria do Discurso (GTDIS), grupo interdisciplinar e interinstitucional, formado por pesquisadores em Análise do Discurso e em Psicanálise das seguintes universidades brasileiras: UNIOESTE, IUPERJ, UFAL, UFRGS, UFSM, UNICAMP, USP, UNEMAT, UFRR. O LAS conta também com a presença forte de um corpo discente em seus diferentes níveis de formação. Cabe ressaltar, por fim, que além dos laços internos, o LAS objetiva também constituir laços institucionais de pesquisa outros Laboratórios e outros pesquisadores interessados nas temáticas e na teoria da Análise do Discurso. Para tanto, promovemos encontros e seminários internos bem como realizamos, em 2012, o *ENLACES*, primeiro encontro inter-laboratórios. Participaram desse encontro os laboratórios LAS-UFF, EL@ADIS–USP-RIBEIRÃO PRETO e CORPUS– UFSM. Ainda dentro desse objetivo geral, em março de

2013, o LAS consolidou convênio com Laboratórios coordenados pelos professores Marie-Anne Paveau e Éric Bideau, também psicanalista, ambos pesquisadores da Université Paris XIII.

Um dos objetivos do LAS é promover a investigação teórica em torno da questão do sujeito tal como vem sendo formulada no campo da Análise de Discurso com base na proposta de Michel Pêcheux, ou seja, no entremeio dos continentes do Materialismo Histórico e da Psicanálise. Consoante a tal objetivo, uma das metas do LAS é depreender, discutir e analisar a subjetividade contemporânea em suas mais diversas materialidades textuais, orais, visuais e digitais. Para tanto, desde sua fundação, o LAS visa construir um arquivo digital sobre o sujeito na contemporaneidade, arquivo que possa servir de base de estudos e pesquisa tanto para os pesquisadores do próprio Laboratório, como para demais interessados em partilhar discussões nessa temática.

As atividades em andamento no LAS, visando a formação do jovem pesquisador, demandam o envolvimento do corpo docente e discente em diferentes graus de atividades. Entendemos que o fazer científico em Análise do Discurso se tece e se consolida na discussão teórica continuada, promovendo uma dialetização com os vários campos dos estudos de linguagem. Assim, alunos de IC, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, com suas pesquisas específicas, com seus objetos próprios, vêm contribuindo na constituição do mencionado arquivo sobre o sujeito na atualidade bem como incrementando discussões sobre a construção de dispositivos analíticos. É finalidade do LAS ir disponibilizando, aos poucos, em seu próprio *site* esse rico material de pesquisa composto por essas discursividades dispersas e variadas: do texto mais formalizado a grafites, da imagem parada ou da imagem em movimento na TV a filmetes do Youtube, da entrevista gravada a fragmentos entreouvídos, da música e da poesia e da literatura às charges e piadas, *etc.* Por outro lado, as constantes leituras e os inúmeros debates teóricos sobre teoria e metodologia em Análise do Discurso são fomentados pelo LAS em pequenos grupos de estudo coordenados por pós-doutores. Outro ponto importante, que aponta para o envolvimento integrado de todos os segmentos discentes do LAS, é a realização dos *Seminários Internos*. Em

sua quarta edição, o *Seminário Interno* de 2015 contou com a participação e apresentação de trabalhos de mais de 20 alunos.

O projeto em tela - *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* - alinha-se aos objetivos teórico-analíticos do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) bem como alinha-se também aos objetivos voltados para a formação de jovens pesquisadores. Por um lado, o projeto visa mapear e dar visibilidade a conceitos e pesquisas basilares da Análise do Discurso; por outro, supõe um forte investimento em leituras teóricas prévias. Além disso, a organização dessa *wiki em vídeo* coloca a equipe em contato com as tecnologias contemporâneas, abrindo um campo novo para os alunos de Letras.

### ▶ 3. Questões teóricas do projeto

A construção de uma enciclopédia virtual em vídeo, a ser disponibilizada no *ufftube* e no *site* do Laboratório, contemplando noções teóricas do quadro da Análise de Discurso e de áreas afins, como a Psicanálise, por exemplo, justifica-se por ser constituída de atividades de pesquisa que remetem para o mapeamento e para a divulgação dos conceitos da Análise do Discurso. A inovação está na forma de divulgação do conhecimento produzido pela Análise do Discurso.<sup>3</sup> Para o projeto em tela – *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* – os objetivos específicos desdobraram-se em dois. O primeiro é voltado para o próprio campo da pesquisa, a partir do mapeamento dos conceitos basilares em Análise do Discurso. Espera-se, aqui, estimular ainda mais o interesse do jovem pesquisador. O segundo está vinculado à divulgação científica em relação às novas tecnologias. A postagem dos pequenos filmes dessa enciclopédia audiovisual no canal *ufftube* que a UFF mantém no *youtube* proporcionará uma ampla divulgação do que vem sendo realizado em Análise do Discurso.

3 Cf. texto de Luiza C. Branco, *Inovação: significante em movimento*, neste livro.

Em 2012, além da discussão sobre o sujeito na contemporaneidade, trabalhamos no sentido de teorizar sobre a construção do *site* do LAS, em termos da utilização das novas tecnologias no fazer científico das ciências da linguagem. Como já dissemos, o *site* do LAS já abriga o fórum permanente de discussões e objetiva abrigar, também, o já mencionado arquivo de pesquisa a ser alimentado pelo conjunto dos pesquisadores. A forma de trabalho, nesse sentido, priorizou um processo de pesquisa *in progress*, pressupondo um fórum de discussões contínuo, e a organização de um arquivo alimentado de modo permanente. Esse fórum, porém, mostrou-se pouco produtivo para o grupo e, com o tempo, foi desativado. As discussões ocorrem de outras formas, seja por email, ou, mais recentemente, por *whatsapp*.

Com o projeto que foi apresentado à FAPERJ, manteve-se a discussão teórica inicial, considerando-se que o funcionamento das tecnologias da linguagem vem ao longo de séculos revolucionando o modo do homem se relacionar com o mundo. De acordo com o filósofo francês, Sylvain Aurox (2001), duas revoluções tecnocientíficas são os grandes pilares das ciências da linguagem, invenção da escrita e a gramatização. A segunda revolução tecnocientífica da linguagem, também denominada revolução tecnológica da gramatização, apresenta duas tecnologias fundamentais para as ciências modernas: a gramática e o dicionário.

O acontecimento dessas duas revoluções tecnocientíficas está articulado com outras tecnologias as quais, na história, têm servido como suporte para a sua consolidação, dentre as quais podemos apontar, por exemplo, o *pergaminho*, o *livro*, o *gravador de voz* e, a partir do século XX, o *computador*, ou no século XXI, o *tablet*, o *iphone*, etc.

No ciberespaço, há diferentes formas de funcionamento da linguagem em que, além da escrita, também podem colocar em cena, concomitantemente, a fala e a imagem ou vídeo. Tendo isso em vista, pesquisadores da equipe de Aurox já vem considerando a possibilidade do acontecimento de uma terceira revolução tecnocientífica da linguagem, advinda de uma relação com a internet/computador.

Uma consolidação nesse sentido demanda trabalhos inovadores no campo dos estudos linguístico-discursivos a serem desenvolvidos por

pesquisadores da área, pois para além do conhecimento técnico, a tecnologia só se realiza quando fundamentada em um conhecimento científico. É, portanto, inseparável a produção desse conhecimento de tal domínio técnico-tecnológico que a tornou possível.

E aqui entra o pressuposto da necessidade de inovação em ciência, característica que, já há alguns anos, se tornou presente nos discursos oficiais que estabelecem políticas públicas em editais que estabelecem critérios para a distribuição de recursos. Nosso projeto incorporou esse termo, porém, com muitas ressalvas e críticas<sup>4</sup>. A circulação de ciência, por sua vez, sobretudo nas condições de produção da atualidade, incorpora tanto a visibilidade quanto o caráter público da produção de conhecimento, sendo assim também vinculada a políticas de Estado que fomentam essa produção (GUIMARÃES, 2001, 2009).

No caso da proposta de uma *Enciclopédia audiovisual virtual* vários foram os desafios e questionamentos realizados durante os dois anos e meio de realização do projeto. Como caracterizar um verbete enciclopédico nesse caso? Seria uma enciclopédia virtual uma tecnologia de linguagem? E como caracterizar uma definição em termos discursivos em uma enciclopédia audiovisual virtual?<sup>5</sup> Essas foram algumas discussões que visamos teorizar em reuniões de trabalho e nos textos que compõem esse livro.

Por um lado, os autores são convidados a escrever um texto de uma lauda, mas não são instados a ler o referido texto. O texto serve apenas como referência ao que será falado. Ao ser falado, outros movimentos de linguagem se instauram na enunciação: paráfrases, polissemias, associações e hesitações que só poderiam ocorrer na fala daquele pesquisador em termos específicos; sem contar com as nuances de voz que singularizam ainda mais um dado pesquisador em sua posição de autoria do verbete. Voz como lugar e marca de processos de subjetivação, como nos ensina Pedro de Souza no verbete “Voz”, que consta em nossa Enciclopédia, e

4 Novamente, cf. Branco, neste livro.

5 Cf. Dias, artigo *Por uma definição da enciclopédia da Análise do Discurso: processos de criação de tecnologia no campo das ciências da linguagem*, neste livro.

em vários de seus textos escritos (SOUZA, 2009). Essas são alterações que materializam o funcionamento da linguagem em seu incessante movimento significativo, lugar da falta que sinaliza o não-todo da língua em seu real sempre impossível de dizer.

Além disso, nessa forma falada de enunciação científica - que, em nosso projeto, não pretende uma unidade do dizer por supor, na base teórica que o fundamenta, o próprio da língua, em seu movimento significativo -, esses verbetes ficam associados à imagem do pesquisador, registrando a singularidade de seus movimentos corporais com gestos largos ou contidos, e de seu olhar tantas vezes pleno de sorrisos, passeando da câmera aos participantes da filmagem presentes no entorno.

As técnicas de gravação<sup>6</sup> poderiam se sobrepor à singularidade da fala de um pesquisador? Em termos discursivos, tal questionamento só pode ser trabalhado no entremeio da Psicanálise, da Linguística e do Materialismo Histórico, como sempre afirmamos em Análise do Discurso. Somos, assim, conduzidos ao mais íntimo do trabalho com a discursividade que é o de compreender os processos de produção de sentidos, o que inclui a falta como constitutiva da cadeia significativa, produzindo na materialidade da língua falhas e equivocações, a história com suas contradições e o sujeito em seu assujeitamento ideológico e em sua divisão pelo inconsciente.

Tendo em vista estas primeiras observações, deve-se mencionar que os próprios procedimentos de trabalho<sup>7</sup> do projeto da *Enciclopédia* foram pensados e realizados com o embasamento teórico da Análise do Discurso. Nosso lugar teórico teceu e vestiu todo o processo de trabalho: das reuniões de discussão dos textos teóricos à filmagem dos pesquisadores, com seus percalços e imprevistos; do processo de edição (decupar as imagens gravadas, fazer a minutação e a montagem inicial dos verbetes) à organização final do filme de cada verbe; das inúmeras

6 Cf. Dela Silva, artigo *De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente*, neste livro.

7 Cf. Lunkes, artigo *Considerações sobre a construção da Enciclopédia audiovisual virtual de conceitos da Análise do Discurso*, neste livro.

discussões com técnicos variados, discussões que incluíram do aprendizado de como lidar com a câmera, com o computador, com programas específicos de edição, à seleção do formato de abertura e fechamento de cada verbete, que, por sua vez, inclui o *design* e a temporalidade da sonorização, por exemplo.

Além disso, cabe registrar que a proposta de elaboração de um livro decorre justamente do trabalho realizado. É um livro que se integra de forma orgânica ao projeto teórico e prático.

#### ► 4. Laboratório e o trabalho coletivo

Como já dito, de imagens (paradas ou em movimento), grafites, entrevistas, fragmentos de dizeres e de escuta capturados no cotidiano das ruas, enunciados advindos de slogans ou de propagandas, pedaços de vida inscritos no *youtube*, nacos de poesia, literatura e músicas, ou seja, de materialidades que suportam a escrita, o corpo, a oralidade e o sonoro se compõe o arquivo em construção permanente do nosso laboratório, que, vale lembrar ainda uma vez mais, se chama *Laboratório Arquivos do Sujeito*. Arquivo, no plural, que não se inscreve na ilusão de tudo compor, de tudo dizer, de, seguindo Mariani (2010), tudo guardar; ao contrário, arquivo com outro funcionamento, isto é, que se marca, ainda com Mariani, pelo *não-esgotável* dos gestos do pesquisador em suas tentativas de capturá-lo; arquivo que considera nossa contemporaneidade e que se propõe como espaço de reflexão consistente e com consequências sobre ela.

Cada sociedade, nos lembra De Certeau (2002), tem suas formas de fazer saber, de proceder o que e como será o saber. O saber tem, pois, condições de produção que permitem inscrevê-los (ou não) numa rede de saberes de uma sociedade e de fazê-los (ou não) circular. Os laboratórios atualmente se configuram como espaços de trabalho<sup>8</sup> nas

8 Cabe lembrar que a palavra laboratório, no latim *laboratorium*, lugar de trabalho, advém de *laborare*, trabalhar.

nossas universidades de produção e de legitimação de saberes. Não mais o gabinete<sup>9</sup>, isolado, marca de uma erudição que se constrói solitariamente, mas um espaço que comporta uma equipe, um coletivo. Foi frente a tal necessidade imperativa para produção de pesquisa no Brasil que se fundou nosso laboratório. Foi para fazer frente à, lançando mão de Auroux (2008), gestão da ciência atual, isto é, uma gestão que corresponde “a massas consideráveis de investigadores e créditos” (*idem*) e que planifica e quantifica a produção posta como científica, (con)fundindo *ofício do investigador* com *ofício do burocrata*. Em outras palavras, foi assumindo um modelo (im)posto como forma de produção de conhecimento, mas não sem jogar com tal modelo, não sem, sempre, promover uma reflexão sobre tal prática, não sem uma preocupação sobre as injunções e implicações de tais *necessidades*, não, enfim, sem o desejo de trabalhar equivocando tais necessidades.

A noção de arquivo, por exemplo, foi motivo de leituras em grupo com alunos e orientandos, foi mote para produção de um verbete em livro produzido por grupo de trabalho vinculado ao laboratório, como dito anteriormente, foi ainda foco de artigo de Mariani e de tantos outros pesquisadores em Análise do Discurso. Em outras palavras, a noção de arquivo com que trabalhamos se inscreve como *gesto de leitura* (PÊCHEUX, 1982) para compreender as subjetividades contemporâneas e fazer face aos apagamentos e esquecimentos que fazem parte do funcionamento de qualquer sociedade em qualquer momento histórico.

O mesmo ocorre com o trabalho coletivo, marca de nosso laboratório. Se o trabalho coletivo se inscreve num modo de produção capitalista<sup>10</sup>, e se ele se torna, novamente recuperando Auroux (2008), indispensável “a partir da segunda metade do século XX, quando o desenvolvimento da ciência corresponde a massas consideráveis de investigadores e créditos”,

9 À guisa de comentário: a palavra gabinete tem como uma de suas etimologias, *capanna*, no latim, casa rústica, cabana. Em francês, no século XV, cabinet, tinha como um dos sentidos *quarto íntimo* que se estende a *ministério*. Por fim, não podemos deixar de assinalar o *Gabinete Português de Leitura*, que também faz parte da nossa historicidade.

10 Marx, Karl. Produtividade do Capital, trabalho Produtivo e Improdutivo. Manuscritos Econômicos de Marx, 1861 a 1863, parte 3. Mais Valia Relativa, 1863.

no nosso laboratório, o jogo consiste não somente em não se ater apenas à produção acadêmica requerida (atualmente exaustiva) aos pesquisadores, mas, sobretudo, na aposta na formação do aluno (com seminários, palestras, grupos de estudo e Encontros Internos, eventos em que cada um do corpo discente apresenta à equipe e com ela divide seu trabalho intelectual). Se o laboratório, na atualidade, decorre de uma imposição da relação entre universidade e sociedade privada, isto é, se nasce também da possibilidade da pesquisa poder se apoiar na empresa privada, no nosso caso, o jogo consiste em investir sobremaneira no trabalho coletivo com pesquisadores de outras universidades e, como dito, e na formação crítica de um corpo discente. É aí que entra em cena o projeto de uma enciclopédia digital como, diremos com Orlandi (2003), *interferência nos modos de ler*, nos modos de produzir e de (des)estabilizar sentidos. Como modo ainda de fazer uso outro das novas tecnologias – outro elemento do fazer científico contemporâneo (AUROUX, 2008).

## ► 5. Por que uma enciclopédia?

São três, conforme Auroux (2004), as revoluções tecnológicas concernentes à linguagem, ou revoluções tecno-linguísticas: a invenção da escrita, a gramatização das línguas e o tratamento automático da linguagem. De acordo com este autor, a primeira, que possibilita a produção de tradições gramaticais, ganha mais força com a invenção da escrita; a segunda, que consiste em dotar as línguas de instrumentos linguísticos (gramáticas e dicionários), se amplia com as políticas nacionais de alfabetização; e a terceira, tratamento eletrônico da informação apresentado como linguagem natural, consiste na mecanização de formas privilegiadas da comunicação humana (*idem*, p. 269). São revoluções que alteram profundamente, de acordo com Colombat, Fournier e Puech (2010), a ecologia das línguas.

Gramáticas e dicionários, como se sabe, constituem instrumentos de gramatização (AUROUX, 2008) e fazem parte da segunda revolução. Neste sentido, é preciso dizer, ainda que brevemente, da relação entre

dicionários e enciclopédias. Se a enciclopédia, conforme Auroux (2008), tem história que data da Antiguidade, no entanto, seu modelo, tal como hoje conhecemos, é fruto da Idade Moderna e de um equívoco: da ausência de metalinguagem (*idem*). Auroux (*idem*) vai recuperar a *inadvertência* de Diderot<sup>11</sup> na cisão entre dicionários e enciclopédias: aqueles se ocupando da metalinguagem; estes das coisas a saber.

Nunes (2007) vai nos fazer ver com tal separação uma outra que se dava na distinção entre duas práticas: do “conhecimento das outras ciências (...) separado do conhecimento linguístico” (p. 175); cisão com implicações na escrita de um ou de outro. Esteves (2014) vai nos mostrar que as enciclopédias vão passar a contar com imagens que antes figuravam em livros cujo público alvo era a aristocracia e que elas, as enciclopédias, irão servir a divulgação de um conhecimento técnico, ou seja, irão circular em lugares sociais outros. Com as enciclopédias, observamos, então, que uma outra forma de expor/produzir conhecimento entra em cena desestabilizando sentidos e lugares sociais de saber, uma forma que pressupunha a exaustividade, o acúmulo. É interessante recuperar ainda que a enciclopédia passa a ser considerada uma empreitada perigosa (dos iluministas) na medida em que, como nos lembra Esteves (2014), recuperando Darnton, substituiu o “papel central da teologia do antigo mapa da ciência”.

Nossa proposta é de uma enciclopédia virtual e conceitual. No primeiro caso, salientamos aqui uma outra enciclopédia, a ENDICI, à qual também nos filiamos teórica e metodologicamente. Cumpre destacar, no entanto, que a ENDICI tem como objeto a “cidade enquanto objeto simbólico, passível de gestos de interpretação” (NUNES, 2012). A nossa se debruça sobre conceitos e pesquisas que desdobram conceitos, o que a joga em outro lugar que não o do dicionário de termos da língua, tampouco no de coisas do mundo a saber.

11 “Mas o conhecimento da língua é o fundamento de todas essas grandes esperanças; elas ficarão incertas, se a língua não for fixada e transmitida à posteridade em toda sua perfeição; e esse objeto é o primeiro do qual convinha aos Enciclopedistas se ocupar profundamente. Nós o percebemos tarde demais; e esta inadvertência jogou (sic) imperfeição em toda a nossa obra. O lado da língua ficou fraco (digo da língua e não da gramática) (...)” (DIDEROT, art. *Enciclopédia*, apud AUROUX, 2008).

Os verbetes que o compõem não são verbetes quaisquer, e sim conceitos de um campo específico das ciências da linguagem, no caso, a Análise de Discurso. Não se trata, importa sublinhar, de um espaço de compilação de termos definidos, explicados ou desenvolvidos em livros, artigos ou textos da área, mas de um espaço de elaboração teórica de saberes da área e de colocá-los de forma a circular na formulação oral na web. Diferentemente do dicionário, não se inscreve na ilusão de completude (ORLANDI, 2002); diferentemente da enciclopédia, não se inscreve na ilusão da exaustividade. Trata-se de uma enciclopédia, como já dito, conceitual, na web. Se na web a ilusão reside em tudo poder encontrar, construir uma enciclopédia conceitual dando voz e espaço a especialistas, consiste em fazer uso da tecnologia – dada a sua existência imperiosa em nosso dia a dia – como forma de incidir na leitura da teoria e na circulação de conceitos.

Nossa proposta de enciclopédia de termos da Análise do Discurso e áreas afins visa reterritorializar um instrumento linguístico (a enciclopédia), usualmente em forma escrita, em um outro formato no campo das chamadas novas tecnologias. Daí a necessidade de teorização dessa reterritorialização, uma espécie de reinvenção do instrumento tal como era conhecido. Como nos lembra Nunes, em suas reflexões sobre o processo de elaboração da *Enciclopédia discursiva da cidade* (ENDICI/LABEURB), “reinventar um instrumento implica em um trabalho de ajuste de conceitos às especificidades técnicas do instrumento, reformulação de conceitos devido a essas mesmas especificidades, colocações de outras questões que surgem durante esse processo, além certamente das muitas experimentações e das questões que aí se colocam nesse percurso marcado por descobertas e obstáculos.” (NUNES, 2012, pg. 3).

## ► Referências

AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências*. Campinas/SP: RG, 2008.

AUROUX, S.; DESCHAMPS, J.; KOULOUGHLI, D. *La philosophie du langage*. Paris: PUF, 2004.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J-M.; PUECH, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

De CERTEAU, M. *A escrita da história*, Rio de Janeiro: Forense, 2002.

GUIMARÃES, E. A ciência entre as políticas científicas e a mídia. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Produção e circulação do conhecimento*. Volume 1. Campinas/SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Linguagem e conhecimento: produção e circulação da ciência. *Revista Rua*, nº 15, vol. 2, novembro, 2009. Disponível em <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/15-2/1-15-2.pdf>.

ESTEVES, P. M. *O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1963-1973)*, Tese (doutorado em Estudos de Linguagem), Instituto de Letras, UFF, 2014.

MARIANI, B. 2010. Arquivo e língua nacional: percursos de pesquisa. IN TEDESCO, M. T. e MEDEIROS, V. (org.) *Travessias nos estudos de Língua Portuguesa. Homenagem a Evanildo Bechara e a Olmar Guterres*. Ri de Janeiro: Dialogarts, 2010. (ebook)

MARX, Karl. Produtividade do Capital, trabalho Produtivo e Improdutivo. Manuscritos Econômicos de Marx, 1861 a 1863, parte 3. Mais Valia Relativa, 1863. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1863/mes/prodcapital.htm>.

NUNES, J. H. A Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI). In: A. C. F. Ferreira, R. T. Martins. (orgs.). *Linguagem e Tecnologia*. 1ed. Campinas: RG, 2012, v. 1, p. 159-175.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia, Estado e Escola os Sentidos de Música. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Cidade, linguagem e tecnologia: 20 anos de história*. Campinas: Labeurb, 2013.

NUNES, J. H. Um espaço ético para pensar os instrumentos lingüísticos: o caso do dicionário. In: ORLANDI, Eni P. *Política lingüística no Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento lingüístico; para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. Ler a cidade: o arquivo e a memória, In: \_\_\_\_\_. *Por uma enciclopédia da cidade*. Campinas/SP: Pontes, Labeurb, Unicamp, 2003

PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1982

SOUZA, P. *O trajeto da voz na ordem do discurso*. Campinas: RG Editora, 2009.

# Considerações sobre a construção da Enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso

Fernanda Luzia Lunkes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

## ► O ponto inicial de um percurso

*Desconfiai do mais trivial, /na aparência singelo. /  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual. /  
Suplicamos expressamente: /não aceiteis o que é de hábito /  
como coisa natural. /  
[...] Nada deve parecer impossível de mudar.  
(Bertold Brecht)*

Foi com a leitura de “Nada é impossível de mudar”, mais denso e provocador poema de Bertold Brecht, que Bethania Mariani deu início, em 02 de outubro de 2013, à primeira reunião de um grupo formado por professores-pesquisadores, alunos de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado da Universidade Federal Fluminense, além de estagiários e voluntários, para, em um primeiro momento, apresentar e dar início ao projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base em novas tecnologias*, sob sua coordenação geral, que havia recebido apoio da FAPERJ (Edital Faperj nº 14/2013-Humanidades, processo nº E-26/111.085/2013, vigente de setembro/2013 a setembro/2015). A reunião tinha como principal objetivo apresentar o projeto como um todo. Destacamos um dos objetivos: gravar vídeos de curta duração (em torno de 5 minutos), com diferentes pesquisadores, cada vídeo tratando de um ou mais conceitos (designados no projeto como ‘verbetes’) relativos à Análise do Discurso, e colocá-los a circular no

canal do *youtube* da Universidade Federal Fluminense – conhecido como *ufftube* –, e também em um canal a ser criado posteriormente pelo Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF) no *Youtube*. Com um canal próprio, entende-se que se pode produzir um maior impacto no alcance de visitantes, além de criar um canal para divulgar outros trabalhos que venham a ser produzidos pelo LAS. Este arquivo a ser construído pelo conjunto de vídeos foi designado no projeto como *Enciclopédia Audiovisual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*.

Nesta reunião, também se debateu sobre os modos pelos quais se encaminhariam os trabalhos, cujo passo a passo proposto inicialmente seria o seguinte, transcrito a seguir tal como se encontra no projeto em tela: na primeira etapa “[...] pretende-se mapear conceitos basilares da Análise do Discurso tendo em vista o modo como essa disciplina de entremeio se constituiu [...]”; na segunda etapa, seria encaminhado o convite para os pesquisadores apresentarem os verbetes selecionados; na terceira etapa, seria realizada a gravação do verbete. Vale destacar, conforme previsto no projeto, que

[...] Um mesmo pesquisador, de acordo com seu campo mais específico de investigação, poderá ser convidado para apresentar mais de um verbete. Por outro lado, um mesmo conceito poderá ser apresentado por mais de um pesquisador, considerando-se que a Análise do Discurso reterritorializa conceitos das Ciências Humanas e Sociais e que, em função das análises realizadas, a teorização de marcas linguístico-discursivas demandam novas teorizações e novas conceituações. Incluiremos, ao final dos filmes, bibliografia referente ao conceito. (Projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base em novas tecnologias*, Edital Faperj nº 14/2013-Humanidades, processo nº E-26/111.085/2013, p.09-10).

A quarta etapa consiste na edição dos vídeos gravados e a postagem no site *ufftube* e, posteriormente, em um canal próprio, no *youtube*. É importante frisar que estava também prevista a criação de legendas de todos os vídeos realizados em espanhol e em inglês, “[...] considerando que a presença desses vídeos na internet pode alcançar estudantes de

universidades não brasileiras [...]” (*Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base em novas tecnologias*, Edital Faperj nº14/2013-Humanidades, processo nº E-26/111.085/2013, p.10).

Além de ser uma reunião teórica, foi, sem dúvida, um encontro repleto de expectativas. Foi neste encontro, que pode ser considerado fundador, que Bethania Mariani colocou os integrantes a par da grande aventura discursiva que estava por vir. Passados dois anos, desde seu começo, pode-se olhar com maior perspectiva para o quão complexo, inovador e repleto de possibilidades se faz este projeto, inclusive nos modos de se recortá-lo, seja para analisá-lo, seja para delinear seus rumos.

Assim, como efeito de recorte para o processo de escrita, este texto se dedicará a apresentar alguns dos percursos teóricos e dos procedimentos adotados pelo grupo, concentrando-se no período de outubro de 2013 a fevereiro de 2015, que corresponde ao início deste percurso coletivo de trabalho e de grande parte das gravações dos vídeos para a construção dos verbetes de Análise do Discurso para a criação da *Enciclopédia Virtual*.

Ainda como gesto de recorte, serão apresentadas algumas leituras feitas coletivamente, bem como leituras construídas em um percurso outro, mais solitário por assim dizer, para apontar algumas das tomadas de posição teórico-metodológicas de um projeto, que visa, em amplas linhas, construir saberes formulados no campo teórico da Análise do Discurso e divulgá-los no ciberespaço. Um modo de se formular saberes científicos entendendo que o político modula todo processo de produção de conhecimento. Um projeto, pois, que não se coloca fora dos processos histórico-ideológicos, mas que se inscreve como campo teórico de luta no interior destes mesmos processos. Como afirma Henry (1992), a partir de uma concepção materialista, “o processo de produção do conhecimento, enquanto processo histórico, realiza-se concretamente sob formas históricas variadas [...] nas práticas sociais, principalmente no que chamamos a prática científica” (HENRY, 1992, p. 22).

Este texto é uma das possíveis maneiras de se formular a construção e a execução do projeto, as bases teóricas que sustentam esta empreitada, e de relatar como o grupo elaborou, muitas vezes de modo singular, os

procedimentos para se construir uma “prática científica” nas ciências humanas e, mais especificamente, filiada à Análise do Discurso.

### ► As bases teóricas de um percurso

Conforme exposto na seção anterior, o projeto se volta às tecnologias de linguagem, privilegiando-as enquanto materialidade significativa passível de análise, uma vez que são objeto de estudo em reuniões do Laboratório Arquivos do Sujeito, e, também, enquanto materialidade a partir da qual são formulados saberes científicos que entrarão em circulação na *web* e serão divulgados a sujeitos identificados ou não à Análise do Discurso. É certo que, uma vez lançado no ciberespaço, não há como prever ou garantir que sujeito navegador poderá vir a se interessar em assistir aos vídeos. Os links do ciberespaço funcionam, “estabelecendo conexões, passagens e deslocamentos, instalam sentidos de trânsito, possibilitando fugidios movimentos de recortes plásticos e inscrições verbais” (ROMÃO, 2006, p. 305). E já que estamos tratando de ciberespaço, vale definir como estamos considerando este conceito. Lévy (2010) o define como

[...] novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2010, p. 17)

Articular essa definição, de modo especial a expressão “universo oceânico de informações” disponíveis na ‘rede’ (termo do qual Lévy se vale e que funciona de modo parafrástico ao termo ‘cibercultura’), ao postulado teórico da Análise do Discurso não nos permite prescindir de algumas considerações em torno da noção de arquivo e de sua constituição ideológica. Da perspectiva da Análise de Discurso, há uma relação de poder em todo gesto de arquivamento, tanto de documentos impressos quanto eletrônicos. Para evitar ceder à ilusão reducionista da técnica e da informática, recorramos à Sousa Romão (2006), que explica:

[...] pensar a questão do arquivo (impresso e eletrônico) dialoga com uma reflexão sobre o poder em sua essência. Poder de disponibilizar instrumentos de permanência de certos sentidos, de recolher ou aniquilar a memória, de burocratizar e oficializar informações, de constituir lugares de resistência, de autorizar que alguns sentidos sejam divulgados e outros não, de servir para que algumas vozes sejam caladas ou insurjam na infomaré. Enfim, poder de selecionar interesses, de emprestar prestígio e de dar link para que redes de conexão se construam ou se dissolvam. (ROMÃO, 2006, p. 307)

Deste modo, o ciberespaço não escapa às relações de força que o arquivo impõe diante do gesto radical entre, por exemplo, aquilo que é aceito a permanecer, e o que sofre processos de silenciamento (ORLANDI, 2002).

É preciso retomar, entretanto, o postulado de Pêcheux ([1975] 2009) de que a ideologia é um ritual passível de falha, de equívoco, de rupturas, para apontar que o investimento em um projeto de pesquisa no campo das ciências humanas relacionado às tecnologias de linguagem produz fissuras nas práticas discursivas consolidadas institucionalmente a respeito das relações sobre determinadas áreas de saber e o produzir tecnologia no Brasil. Conforme Guimarães (2003), em análise aos programas especiais do “Relatório” do CNPq, de 1996, “[...] aquilo que deve receber atenção especial é o campo das tecnologias e das ciências que possibilitam seu desenvolvimento”. (GUIMARÃES, 2003, p. 198). Uma questão institucional que não escapa à ordem do político à medida que, de acordo com o mesmo autor, “[...] tecnologia é o que diz respeito à produção de resultados vindos das áreas Técnicas, Exatas e Experimentais” (*ibidem*). No entanto, alerta ainda Guimarães, há muito as Ciências Humanas produzem tecnologias, como os dicionários, por exemplo, o que aponta para uma “concepção tradicional de tecnologia” à qual se filia o CNPq ainda no fim do século XX (o relatório em análise, lembremos, é de 1996), que impele os pesquisadores das Ciências Humanas a uma determinada tomada de posição e a reivindicar um lugar outro de saber institucional, questões estas com as quais o projeto em tela contribui fortemente.

Tanto pelo modo crítico como a Análise do Discurso concebe o conceito e a construção de todo arquivo enciclopédico, quanto pelo modo igualmente crítico como este campo de saber analisa o discurso institucional sobre o fazer científico e o produzir tecnologia, são, em grande medida, questionamentos possíveis em função da maneira pela qual a Análise do Discurso, uma disciplina de entremeio (ORLANDI, 1998), desconstrói as produções de evidências em diferentes discursividades que visam significar ciência, conhecimento e tecnologias, sem deixar de lado os processos de subjetivação aí decorrentes.

Isto posto, vale trazer uma questão que imperou durante os debates realizados pelo grupo: como um projeto que se investe destas tecnologias pode ser desenvolvido evitando justamente a “reduplicação da ilusão de autonomia” (PÊCHEUX, [1976] 2012, p. 240), ou seja, evitando inscrever-se na evidência de que basta utilizar um dispositivo tecnológico para produzir saberes na atual conjuntura histórico-ideológica?

Um projeto desta envergadura que não leve em conta as condições de produção mais amplas acerca das tecnologias e, mais especificamente, do ciberespaço, pode, em grande medida, recair no equívoco apontado por Pêcheux (*ibid.*). Guimarães (2003) também problematiza a trama ideológica que perpassa a relação entre tecnologia e construção de saberes, e salienta: “É preciso repensar fortemente os sentidos das políticas científicas de modo que elas sejam elemento de motivação real de um desenvolvimento mais consequente do campo de saber e não caia na armadilha do esvaziamento teórico pela vertigem de um tecnológico que vale por si e vive por si”. (GUIMARÃES, 2003, p. 199)

Interessado por estas questões, sobretudo porque, como já dissemos, o empreendimento do projeto se volta não apenas à análise de discursividades em torno das tecnologias e da ideia de inovação<sup>1</sup>, mas em uma inscrição teórica no interior do ciberespaço, o grupo se propôs a construir, coletivamente, um processo de leitura e debate que apontasse para determinadas tomadas de posição em relação às tecnologias e ao que estava sendo construído por meio do desenvolvimento do projeto.

1 Cf. artigos de Luiza Castello Branco e Juciele Pereira Dias, neste livro.

Guimarães foi um autor cujos textos embasaram várias reuniões, posto que aponta, entre outros aspectos, para um funcionamento discursivo convergente entre “organismos de Estado” (como Ministério da Ciência e Tecnologia e CNPq) e a imprensa voltada à divulgação científica, qual seja,

[...] a divisão, própria de um discurso tradicional, entre os domínios das Humanidades (Filosofia, Literatura, Ciências Humanas e Sociais, História) e as Ciências e Tecnologia. Pode-se dizer, de um certo ponto de vista, que esta divisão significa uma concepção social pragmática e utilitária do conhecimento e que compreende quase exclusivamente as Ciências Exatas, da Vida e suas Tecnologias. (GUIMARÃES, 2001, p. 76).

Tal divisão, prossegue Guimarães, opera de maneira que o discurso de divulgação científica circulante na mídia sustenta os discursos que o Estado mantém com a formação social e com o estatuto de ciência, que, afirma o autor, é atribuído sobretudo às Ciências Exatas e da Vida, construídas discursivamente como utilitárias a partir de uma concepção empirista de ciência.

Ainda sobre as leituras, em reunião, em função dos objetivos gerais do projeto em tela, o grupo adotou o procedimento de selecionar um ou mais textos dos pesquisadores que seriam entrevistados para a gravação dos verbetes. Em pequenos grupos, houve um levantamento dos artigos produzidos por cada pesquisador a ser entrevistado. Em seguida, cada equipe elegeu o texto que contribuiria de maneira mais efetiva ao projeto e para os debates a serem realizados pelo grande grupo. Cada leitura era posta a circular entre os integrantes do projeto que, após a leitura individual, se reuniam para um amplo debate. Assim, quando o pesquisador chegava à Universidade Federal Fluminense para realizar a gravação, seus textos não apenas haviam circulado pelo grupo, mas haviam sido efetivamente lidos e já debatidos. Este encaminhamento, além de fundamentar os debates das reuniões teóricas, oportunizou um espaço mais produtivo de interlocução entre o pesquisador durante o processo de gravação e os integrantes, enriquecendo o projeto como um todo.

Desta maneira, cada pesquisador convidado a gravar um vídeo teve um ou mais de seus textos apreciados pelo grupo. Pela complexidade colocada por esta proposta, abordaremos alguns deles. Vale destacar que o artigo de Romão (2006), citado no início deste trabalho, compõe a lista dos textos sobre os quais os integrantes do projeto se debruçaram, posto que esta autora foi uma das pesquisadoras entrevistadas para o projeto.

O texto de Dias (2011) foi mais um importante aporte teórico para a empreitada. Nele, a autora empreende uma análise das redes sociais e da “constituição do sujeito do conhecimento contemporâneo” (*idem*, p. 631) afetado pelas tecnologias. Para situar este funcionamento, a autora aborda, além do conceito de discurso, o político e os modos de subjetivação e individuação. Serão estas duas noções que queremos desenvolver melhor para compreender em que medida marcam algumas das tomadas de posição da Análise do Discurso.

O político permite compreender uma resistência às práticas discursivas segundo as quais a produção de conhecimento científico seria sempre neutra e objetiva. Deste modo, a autora articula o político com conhecimento e tecnologia para mostrar que todo “processo de produção de conhecimento é político” (DIAS, *idem*, p. 632), construindo um caráter histórico-ideológico, relacionado às tomadas de poder e sua administração. Os modos de subjetivação e individuação permitem compreender o duplo movimento de constituição do sujeito. Com base nos trabalhos de Orlandi (2001), a autora situa o primeiro como sendo a entrada do indivíduo na linguagem, em um mundo com história e sentidos em movimento, e o segundo como aquele no qual o sujeito estabelece sua relação com o mundo a partir da qual irá assumir determinadas posições nos discursos.

Grigoletto (2010) foi outra autora cujas pesquisas serviram de base aos trabalhos desenvolvidos no projeto. No texto eleito pelo grupo, analisa-se, a partir de uma retomada da teoria construída por Pêcheux, o discurso pedagógico em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), o qual é, de acordo com a autora, um objeto simbólico que, pelo modo como Pêcheux formou a teoria do discurso, coloca-se como recente e possível materialidade para análise.

Uma importante definição é formulada pela autora em relação ao espaço virtual, que recortamos: “O espaço virtual constitui-se assim num espaço simbólico, marcado por contradições, por silenciamentos, por múltiplas vozes (algumas anônimas, outras não) que se (con)fundem numa trama de sentidos” (GRIGOLETTO, 2010, p. 6). Deste modo, ainda que o projeto aqui apresentado circule em *sites* de compartilhamento, entendemos que muitas vezes o sujeito navegador os acessa para construir seu processo de aprendizagem. O que fica posto nesta afirmação da autora é a tensão que constitui este espaço virtual, pelos movimentos da história, dos sentidos e dos sujeitos aos quais ele não escapa.

A autora também destaca as diferentes dimensões que a leitura e a escrita assumem no ensino a distância. Sendo práticas sociais e para garantir um processo de aprendizado, leitura e escrita devem “sustentar a prática pedagógica desses ambientes” (*idem*, p. 10). Um movimento de sentidos que permite, nas palavras da autora, ajudar a entender “por exemplo, os modos de interlocução construídos nos fóruns, bem como o imaginário construído sobre o professor” (*loc. cit.*). Nesse ponto, é interessante articular com o projeto “*Divulgação científica em Análise do Discurso [...]*”, já que a gravação dos verbetes trará, também, a dimensão da voz do pesquisador e(m) suas diferentes modulações<sup>2</sup>. A escrita, comparece, a título de exemplo, na inserção de uma ou mais referências citadas pelo pesquisador durante sua fala ou mesmo pelo acréscimo de *hiperlinks* no vídeo para que o leitor possa, se quiser, acessá-los, produzindo diferentes efeitos no percurso de leitura do vídeo. Só este último aspecto já pontua um possível ponto de partida para análises sobre os modos de se ler os vídeos produzidos.

Antes do encerramento desta seção, deve-se destacar que, além da gravação do vídeo para o verbete, a vinda de alguns pesquisadores à Universidade Federal Fluminense possibilitou a realização de vários seminários: “Análise de discurso e novas tecnologias de linguagem”, realizado em 18 de fevereiro de 2014, com a participação das professoras

---

2 Sobre a questão da voz do pesquisador, cf. artigo de Mariani & Medeiros, neste livro.

pesquisadoras Evandra Grigoletto (UFPE) e Cristiane Dias (LABEURB-UNICAMP); “Museu da Língua Portuguesa na Análise do Discurso”, promovido em 27 de março de 2014, com a presença dos professores pesquisadores Lucília Maria Abrahão e Sousa (USP-Ribeirão Preto) e José Simão da Silva Sobrinho (UFU); “Por que negamos? Apontamentos para um estudo discursivo do não”, promovido em 30 de setembro de 2014, com a presença do professora pesquisadora Carolina Fedatto (pós-doc CAPES/UFF/UFMG); “Discurso enciclopédico sobre índio: palavras e saberes na subjetivação”, promovido em 26 de novembro de 2015, com a presença do professor pesquisador José Horta Nunes (LABEURB/UNICAMP).

Outros seminários foram promovidos com pesquisadores de diferentes áreas para contribuir teoricamente ao projeto e promover a circulação das análises e dos sentidos construídos por outros campos de saber em torno do impacto das tecnologias na formação social contemporânea. Como exemplo, podemos citar o seminário promovido em agosto de 2014, intitulado “Novas tecnologias e a natureza da linguagem”, ministrado pela psicanalista Mirra Fernandes (Escola Lacaniana de Psicanálise/RJ).

O oferecimento destes seminários foi feito não somente aos integrantes do projeto, mas a todos os pesquisadores do Laboratório Arquivos do Sujeito e também a qualquer um que tivesse interesse pelo tema, sem necessidade de vínculo com o Laboratório ou com o projeto.

A iniciativa de proporcionar encontros com pesquisadores alinhados com outras concepções teóricas corrobora fortemente aquilo que aponta Orlandi (2012) em seu texto “Análise de discurso e contemporaneidade científica”. A autora destaca as exigências impostas à Análise do Discurso pelas novas formas de funcionamento da formação social e os procedimentos analíticos a serem reconsiderados. Assim, Orlandi mostra que não se pode abrir mão em uma análise discursiva da “mundialização, das novas tecnologias da linguagem, a mídia tal como se apresenta hoje, [...] as formas sociais, o ecologismo, a xenofobia” (ORLANDI, *idem*, p. 48) que, de acordo com Orlandi, constituem as “formas históricas dos modos de assujeitamento e da existência da discursividade” (*ibid.*).

Os seminários, portanto, promoveram outras dinâmicas de interlocução com os pesquisadores, fortalecendo o projeto e construindo diferentes modos de construção do conhecimento na Universidade.

### ► **Uma enciclopédia audiovisual e os procedimentos para as gravações dos verbetes**

Esta seção se dedica à apresentação de alguns procedimentos adotados para a gravação dos verbetes. Tratou-se de um processo que, como se verá, colocou em pauta, também, um gesto de resistência à medida que, por não contar com o que supostamente seriam as condições técnicas ideais para a gravação de vídeos, não o deixa de fazê-lo.

Antes disso, precisamos destacar que a escolha do verbete foi feita pelo próprio pesquisador entrevistado, eventualmente a coordenadora do projeto sugeria um tópico a ser abordado. Sempre era feita a sugestão de que o pesquisador escrevesse em torno de uma lauda sobre o verbete escolhido. Caberia ao pesquisador decidir se leria ou não o verbete a ser falado. Para as gravações, não houve elaboração de um roteiro prévio, exceto algumas orientações técnicas, como a melhor posição da cadeira para o enquadramento da imagem, por exemplo. Assim como não houve escolha do verbete, tampouco houve interferência do grupo quanto ao texto construído pelo pesquisador, o que produz sobre cada processo de formulação um efeito de autoria, efeito este definido por Sousa como “movimento discursivo do sujeito para assumir uma posição de responsabilidade pelo seu dizer [...] preenchendo espaços lacunares com estratégias de contenção dos sentidos e de amarração do seu dizer na ancoragem de outros dizeres e na rede de memória.” (SOUSA *apud* ROMÃO, 2006, p. 315).

Também vale deixar como registro o espaço físico no qual ocorreu a maioria das filmagens. Quase todas as gravações realizadas no período recortado para este texto (set./2013 a jan./2015) foram realizadas na sala do Laboratório Arquivos do Sujeito, localizada na sala 410 – Bloco B, do *Campus* Gragoatá/UFF. Algumas gravações foram realizadas no local de trabalho do pesquisador, como foi o caso

de Claudia Pfeiffer e Monica Zoppi-Fontana. José Horta Nunes foi gravado na Biblioteca Nacional, onde realizava suas pesquisas. Já Freda Indursky e Fabielle de Nardis foram gravadas na biblioteca pessoal da Coordenadora, professora Bethania Mariani, em função de greve com piquete na entrada do *campus* da UFF.

Neste momento, é preciso levar em conta as condições de produção mais amplas da própria Universidade Federal Fluminense. A sala do Laboratório Arquivos do Sujeito como ambiente de filmagem não conta com as condições técnicas ideais de um estúdio especialmente preparado para o processo, e foi com estas condições materiais possíveis em um ambiente universitário que se trabalhou com o processo de produção das filmagens. Neste sentido, as interferências externas, como aviões sobrevoando o *Campus*, portas adjacentes batendo, telefones de salas vizinhas tocando, não foram um obstáculo ao desenvolvimento do projeto, o que demonstra, inclusive, que algumas lacunas podem ser contornadas a despeito da falta de condições técnicas para o desenvolvimento de projetos como este em tela.

O processo inicial de edição de três verbetes, durante grande parte do desenvolvimento dos trabalhos, foi realizado sobretudo por uma integrante do projeto, Mariana Vita, que à época era aluna do curso de Comunicação Social do IACS, e bastante interessada em Análise do Discurso. Sua presença trouxe para nossas discussões contornos diferenciados, sobretudo àquelas voltadas para questões mais técnicas, como programas para edição de vídeos e da necessidade de microfones para uma melhor captação da fala dos pesquisadores. É importante realçar que todos os integrantes realizaram treinamentos em torno destes procedimentos técnicos, treinamento garantido com financiamento da Faperj e que possibilitou a vinda de um profissional que colaborou no ensino do manuseio de câmeras, tripés, iluminação em um dia dedicado especialmente a um treinamento para todo o grupo.

O mais relevante é que nesse processo paralelo entre discussões que abordam teoria e metodologias de trabalho, todas as etapas podiam ser compartilhadas com e pela equipe, que podia fazer sugestões desde

elementos mais técnicos, como, por exemplo, sobre a música que abre o vídeo, assim como sugerir recursos que tornem mais didática a apresentação do pesquisador. Deste modo, os integrantes envolvem-se com o processo de edição, exigindo um retorno ao material e a revisão do que está sendo construído.

Na fase final de execução do projeto, sentiu-se a necessidade de contratar um profissional mais especializado a fim de agilizar o acabamento dos vídeos. Assim sendo, após consulta à equipe, e levantamento comparativo de orçamentos, optou-se por desenvolver o trabalho com a *CastVideos*. Em função da premência dos prazos, e da pouca disponibilidade de recursos na “reta final”, optou-se por não realizar um workshop de treinamento de edição, com uma posterior distribuição dos filmes entre os participantes da equipe final. Assim, a fim de agilizar o processo, e sob a orientação do designer de web Maurício W. X. Almeida, coube a Bethania Mariani e Juciele Pereira Dias realizarem o trabalho de edição, minutando e decupando as imagens, além de pensar e propor, junto com o designer, a abertura e o fechamento dos vídeos, incorporando uma animação, sons e os créditos iniciais e finais.

### ► Um percurso sem ponto final

Este texto objetivou apresentar alguns encaminhamentos teórico-metodológicos do projeto intitulado *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base em novas tecnologias*. Um projeto desta envergadura que, a partir de sua filiação teórica à Análise do Discurso, compreende que “**A prática científica é primeiro**, como toda prática, **uma prática social**, secundariamente é uma prática específica” (HENRY, 1992, p. 23, negritos nossos), não tem um ponto final. Tem, antes, um efeito de encerramento, necessário para novos empreendimentos dos pesquisadores envolvidos e também por necessidades burocráticas e institucionais. No entanto, os vídeos, dispostos na rede, podem vir a produzir, enquanto materialidade significativa, ressonâncias, possibilidades de análises discursivas, de novos vídeos...

Em grande medida, pode-se afirmar, pois, que o ponto final não se coloca. Diante de um campo de saber que interroga o analista a respeito dos sentidos que circulam em uma dada formação social e de um projeto que colocou justamente todos os envolvidos a exercitar um determinado processo de escuta, vale retomar o poema de Brecht para trazer um dos efeitos colocados diante deste percurso discursivo construído: “Desconfiai do mais trivial,/na aparência singelo/E examinai, sobretudo, o que parece habitual”.

### ► Referências

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem e(m) (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011. Disponível em: < [http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem\\_Discurso/article/view/824](http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/824)>. Acesso em: 07 jan. 2016. ISSN on line: 1982-4017.

GRIGOLETTO, E. Do discurso político às novas tecnologias: um percurso sobre o objeto de estudo da Análise do Discurso. *Organon*, 2010, v.24, no48. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28649/17327>>. Acesso em: 07 jan. 2016. ISSN eletrônico: 2238-8915

GUIMARÃES, E. Política científica e produção de conhecimento no Brasil (uma aliança tecnológica?). In: \_\_\_\_\_ (org.). *Produção e circulação do conhecimento: Política, ciências, divulgação*. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 193-200. v.2

\_\_\_\_\_. A ciência entre as políticas científicas e a mídia. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Produção e circulação do conhecimento: Estado, mídia e sociedade* (Vol. 1). Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 73-79. v. 1

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Trad. Maria Fausta de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

LÉVY, P. *Ciberspaço*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ORLANDI, E. Análise de discurso e contemporaneidade científica. In: \_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012, p. 37-54.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Trad. Eni Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. [1976] Posição sindical e tomada de partido nas ciências humanas e sociais. Trad. Lauro J. S. Baldini. In: ORLANDI, Eni (org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012a, p.231-249.

ROMÃO, L. M. S. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *DELTA*, São Paulo, 2006, vol.22, no.2, p.303-328. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502006000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 jan. 2016. ISSN 0102-4450.

# Inovação – significativa em movimento

**Luiza K. A. Castello Branco**

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/LAS/CAPES-PNPD

*Começava a penetrar os mistérios da linguagem figurada.  
Ideias que só se impõem pelo fato de serem repetidas;  
hábitos que se formam pelo fato de serem impostos;  
palavras cuja significação original há muito se perdeu e  
que são usadas como rebanhos pacíficos.  
(SABINO, F. Lugares comuns)*

*E não devemos constatar, ainda uma vez,  
que só nos aventuramos nessas regiões [a dos fatos de sentidos]  
porque não podemos nos desviar delas, por razões que, paralelamente,  
não vêm sem riscos pessoais para aqueles que as habitam?  
(HENRY, P. Sentido, sujeito, origem)*

O sentido sempre pode ser outro, mas não qualquer um, aprendemos com Orlandi e Pêcheux.

Assim é quando se tem a oportunidade de vivenciar um projeto coletivo como esse de que tratamos nesse livro: o projeto de pesquisa *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* (Edital Faperj nº 14/2013-Humanidades, processo nº E-26/111.085/2013, p.09, com coordenação geral de Bethania Mariani), e de quando se tem a oportunidade de vivenciar os gestos de construção de um arquivo de verbetes enciclopédicos filmados em vídeos, o principal objetivo do projeto: a *Enciclopédia Audiovisual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*.

Esse é um projeto des(a)fiador; fia e desfia, sai do fio, do linear, do estabilizado e coloca em movimento novos efeitos de sentidos a partir da

prática e do trabalho teórico discursivos e coletivos que se historicizam pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico dos sujeitos de linguagem. Diremos que é inovador<sup>1</sup>.

Esse movimento de sentidos é trabalho que se dá no acontecimento de dizer, reatualizando relações entre linguagem e história, interdiscurso feito memória, produzindo o efeito de diferente. Assim se dá com o significante *inovação* no nome do projeto e o significante *enciclopédia* no nome do arquivo; vão sendo (re)lidos / (re)significados a partir da própria historicidade que o projeto constrói e que por ela é construído, ao longo do processo. Significantes – formas materiais<sup>2</sup> – tomados na sua incompletude, no que deles desliza, no que neles insiste.

Propomo-nos, então, nesse texto, a nos debruçar sobre o funcionamento do significante *inovação* em relação com o significante *enciclopédia*. Para tanto vamos observar o modo como os efeitos de sentido produzidos no discurso “sobre” e “da” inovação se atravessam e se sustentam por/ em outros discursos – como, por exemplo, o do empreendedorismo –, e como essa discursividade (se) (re)produz (em) uma forma histórica sujeito capitalista empreendedor – o sujeito da tríplice hélice.

Nosso texto se estrutura em três partes. Uma sobre o discurso da inovação, uma outra sobre como o modo discursivo de pensar e realizar o projeto e a construção do arquivo fazem deslizar os sentidos estabilizados de inovação/enciclopédia; e uma final com possíveis considerações.

## ► 1. Fatos de sentidos da ordem do discurso 'sobre a' / 'da' inovação

Antes de começarmos, achamos interessante assinalar dois fatos de que não trataremos nesse texto, mas que se apresentaram como marcas de

1 Cf. aqui Mariani & Medeiros, "Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias"; e Lunkes, "Considerações sobre a construção da enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso", neste livro.

2 A *forma material* é investida na/da materialidade da história para significar. Isso ocorre porque, segundo Orlandi (2003a), a *forma material* encarna a memória do dizer reunindo estrutura e acontecimento, o que permite compreendê-la como o acontecimento do significante, em suas múltiplas formas, em um sujeito que é necessariamente constituído pela história.

regularidade no discurso da inovação: o modo como o significante ‘inovação’ em seu princípio de determinação se apresenta nas nominalizações “gestão de”, “secretaria de”, “agência de”, “pró-reitoria de”, etc. como pré-construído – um saber construído alhures que funciona como um “sempre-já-aí” no âmbito da formulação, ou seja, como uma evidência – sustentando cada tomada de palavra. E como no nosso arquivo de leitura ele se inscreve significando ora teoria filosófica, ora metodologia de análise/gerenciamento, ora modelo econômico, ora disciplina de currículo, ora programa de governo, ora braço de ministério público, ora projeto de plataforma de conhecimento, ora política pública, ora conhecimento propriamente dito – uma multiplicidade de sentidos, porém num movimento parafrástico, inscrevendo o diferente no mesmo. Pensamos que esses fatos de sentidos merecem um artigo próprio em torno de sua reflexão teórica. Apesar disso, não podemos deixar de observar que já assim, pela simples menção desses fatos, efeitos de sentidos sobre o significante inovação já se produzem em determinada direção. Começemos.

Pensar o funcionamento do significante *inovação* não é nem simples nem direto. Começar por compreender a historicidade de seu processo de produção de sentidos é um modo de dar visibilidade a como o efeito de evidência funciona discursivamente.

Se pensarmos retroativamente, consideraríamos como inovação o que foi descrito como novo, criação, invenção, revolução? Se partirmos dos efeitos de sentido de inovação hoje produzidos, poderemos incorrer num anacronismo; mas não se considerarmos as condições de produção em que os sentidos são constituídos.

Há múltiplos gestos desde há muito que parecem ter deslocado sentidos em seus tempos, modificando a práxis<sup>3</sup> linguageira, social e política, e as relações de poder. Dentre eles, citamos a revolução tecnológica da escrita

---

3 Práxis, conceito básico na filosofia marxista, remete para a transformação material da realidade; o poder que o homem tem de transformar o ambiente externo, tanto natural quanto social. Diz respeito aos instrumentos em ação que determinam a transformação das estruturas sociais. Atividade que tem a sua origem na interação entre o homem e a natureza, sendo que esta não existe por si, só em relação ao homem; a natureza só tem sentido para o homem na medida em que foi por ele modificada (BOBBIO, 1991).

(AUROUX (2001 [1992])), a primeira revolução tecnolinguística<sup>4</sup>, que operou uma profunda transformação tanto em nossa forma de viver a linguagem, a língua e as práticas sociais, quanto no modo de produção de saberes científicos sobre elas, língua/gem e formação social. E esse é um dos efeitos de sentido em que não parece evidente o elo entre inovação e “as demandas de um mundo econômico e financeiro”, por exemplo.

No século XXI, podemos pensar em inovação a partir de uma definição clássica que nos dão Mark Dodgson & David Gann<sup>5</sup> (2014, p. 24), autores do campo da Gestão & Política Científica e Engenharia Civil, respectivamente, “inovação como ideias aplicadas com êxito a resultados e processos organizacionais”. Ou, ainda, “é a arena onde a criação e a aplicação de novas ideias são organizadas e gerenciadas formalmente. Envolve tanto preparação e objetivos deliberados quanto benefícios planejados para novas ideias que precisam ser concretizadas e implantadas” (*idem*, capa).

Ou, em termos jurídicos e práticos, no texto da Lei de Inovação nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que conceitua inovação como “introdução de novidade ou aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social que resulte em novos produtos, processos ou serviços” (BRASIL, 2004), produzindo efeitos de sentidos em relação às demandas do mundo econômico e financeiro. Lei que inscreve nas condições de produção a inclusão do ‘novo’ em ciência ou na produção social geral como uma necessidade. E, em termos discursivos, essa necessidade “cega”, como nos diz Pêcheux, produz efeitos de evidência, de um já lá...

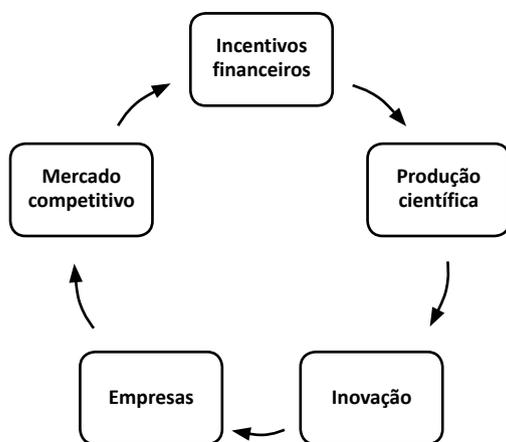
Em Andrew Michael Spence (2011)<sup>6</sup>, economista americano premiado com o Nobel em 2001, lemos que “a teoria moderna do crescimento defende a hipótese de que o progresso tecnológico (inovação) é parte

4 Cf. neste livro Costa em *Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre divulgação científica e sobre significação dos objetos*, Dias em *Por uma definição da enciclopédia da Análise do Discurso: processos de criação de tecnologia no campo das ciências da linguagem* e Morais em *Sujeitos, sentidos e(m) rede: práticas discursivas (d)e direcionamentos da interpretação no meio eletrônico urbano*.

5 Mark Dodgson é diretor do Centro de Gestão da Tecnologia e da Inovação da Universidade de Queensland, Austrália e David Gann é diretor do Centro de Estudos da Inovação da Tanaka Business School, no Imperial College London e agraciado com a Ordem CBE (Order of Commander of British Empire).

6 Chegamos a esse autor lendo o texto de Corrêa, 2013.

integrante do modelo econômico”, ou seja, as bases tecnológicas da economia integram o funcionamento da economia. Ele nos mostra, então, a formação de um ciclo da inovação, o qual relaciona numa determinada organização/direção o movimento entre produção científica e mercado (representado na figura abaixo).



Esse ciclo daria flexibilidade entre a linearidade da fase industrial e a complexidade de um novo modelo de sociedade capitalista, na qual a inovação tornou-se um dos grandes diferenciais competitivos, fazendo da constante atualização de tecnologias e processos um requisito para a sobrevivência das empresas, e instituições de ensino, pesquisa e desenvolvimento. Nesse contexto, a informação e o conhecimento passaram a ser fundamentais para o estabelecimento de estratégias eficientes das organizações modernas (MENDONÇA *et alii*<sup>7</sup>, 2008). Essas relações de cooperação prevista no ciclo de Spence são interpretadas como indispensáveis componentes para gerar esforços de inovação.

<sup>7</sup> Chegamos a esses autores pelo texto de Castello Branco Madeu, 2015 (proposta de projeto de pesquisa). Marco Aurélio A. de Mendonça é pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea); Divany G. Lima é capitão-de-fragata da Marinha do Brasil, e coordenador do Centro de Catalogação do Ministério da Defesa (MD); e Jano M. de Souza é professor de Gestão do Conhecimento Científico e da Engenharia na Coppe/UFRJ.

Nos países do hemisfério norte, considerados capitalisticamente “desenvolvidos”, esse ciclo adquire características quase tradicionais, enquanto que, no Brasil, essa situação ainda não foi consolidada (MENDONÇA *et alii*, 2008).

Ainda segundo estes autores, historicamente, a cooperação entre ciência e mercado e a inovação são eventos raros no Brasil, devido à trajetória autônoma da comunidade acadêmica, a sua dissociação das necessidades do setor produtivo, e, também, a falta de interesse e de perspectiva do setor produtivo em relação a uma possível contribuição da academia para a solução de seus problemas. Estes autores nos dizem ainda que o estabelecimento de diversas formas de cooperação já existe há séculos. Até os anos de 1980, no entanto, o estudo dessas formas de cooperação parecia restrito a cartéis. Com o aumento da concorrência decorrente da globalização e das mudanças radicais na tecnologia, particularmente em comunicação e em informação, os pesquisadores passaram a investigar outro aspecto do processo: os acordos que visam à promoção da inovação (MENDONÇA *et alii*, 2008).

Segundo Vogt & Knobel (2004, p. 5), “transformar conhecimento em riqueza é o grande desafio contemporâneo para países em desenvolvimento, ou, na nova nomenclatura, emergentes como o Brasil”. Continua o autor dizendo que vivenciamos no país “um esforço permanente para criar as condições de competitividade que lhe permitam participar mais efetivamente da distribuição da riqueza, hoje cada vez mais concentrada em alguns poucos países pelos efeitos da globalização da economia” (*ibid.*, p. 4).

Para tanto é preciso “produzir valor agregado” e “Ciência, Tecnologia e Inovação (C,T&I) são indispensáveis” (*ibid.*, p. 5). Isto é, há uma “imperiosa necessidade de o Brasil criar, com urgência, uma cultura empresarial em que o risco faça parte dos investimentos e em que os investimentos de risco constituam, como nos países ricos, fontes efetivas de financiamento da pesquisa tecnológica nas empresas” (*ibid.*, p. 4).

Joseph Schumpeter<sup>8</sup>, economista do século passado, já escrevia a

8 Tomamos conhecimento desse autor lendo Ferry, 2015.

respeito da lógica da inovação, ou como ele a chamava, da “destruição criadora”, nos anos de 1940,

“De fato, o impulso fundamental que mantém em movimento a máquina capitalista é impresso pelos novos objetos de consumo, pelos novos métodos de produção e de transporte, pelos novos mercados, pelos novos tipos de organização industrial – todos eles elementos criados pela iniciativa capitalista [...]. A abertura de novos mercados nacionais ou externos e o desenvolvimento das organizações produtivas, desde o ateliê de artesanatos e a manufatura até as empresas amalgamadas, tais como a U.S. Steel, constituem exemplos do mesmo processo de mutação industrial – se me permitem essa expressão biológica – que revoluciona incessantemente, de dentro, a estrutura econômica, destruindo continuamente seus elementos envelhecidos e criando do mesmo modo elementos novos. Esse processo de “destruição criadora” constitui o dado fundamental do capitalismo: é nele que consiste, em última análise, o capitalismo, e todo empreendimento capitalista deve, quer queira, quer não, adaptar-se a ele.” (Schumpeter, *ibid.*, p. 5)

Podemos perguntar, após essa discursividade sobre inovação: a definição de inovação inova em quê? Por que é preciso haver inovação obrigatoriamente; obrigação que vem junto com necessidade?; daí a lei?; a ponto de uma política pública ser desenvolvida para isso? É evidente que a forma material inovação produza sentidos na direção do empreendedorismo capitalista?

Nessa esteira, segundo Luc Ferry (2015) – filósofo francês e defensor do humanismo secular –, podemos compreender que é porque há o capitalismo, e nele a possibilidade das democracias liberais, que pode haver os movimentos revolucionários, inseparáveis ambos (movimentos e democracias) da lógica inovadora e racionalista que caracteriza mais profundamente o desenvolvimento do capitalismo.

Pensar a inovação se apresentando como o discurso do novo, significa pensar esse discurso em relação à invenção e ao discurso sobre o novo, lembrando sempre que o discurso da inovação, que se coloca como atual, diferente, “novo”, atualiza redes de memória parecendo produzir uma memória outra, sentidos outros: o discurso que “aproveita fragmentos do

ritual já instalado – da ideologia significante, apoiando-se em retalhos dele para instalar o novo” (ORLANDI, 2003b, p. 13).

Retomando nosso arquivo de leitura construído sobre o significante ‘inovação’, compreendemos que os efeitos de sentidos que circulam há algum tempo sobre inovação estão sempre ligados a mercado/demanda; comércio/finanças, custos; tecnologia; organização/estrutura, gestão, habilidades e equipe; rede/parcerias, contextos/políticas públicas, regulamentações, impostos; enfim, ligada ao retorno econômico. E é de investimento, retorno econômico, que se trata. Essa sociedade significada como sociedade de risco<sup>9</sup> – risco ambiental, financeiro, econômico, etc. – precisa que se regue com significantes como (discurso da) sustentabilidade, (discurso do) empreendedorismo (“lucrar sem destruir o planeta”); e, para isso, é preciso uma nova forma de subjetivação.

### ► **Algo sobre o sujeito da inovação<sup>10</sup>**

Como nos diz Orlandi,

“[a] mundialização, as novas tecnologias da linguagem, a mídia tal como se apresenta hoje, as guerras ideológicas contundentes, as formas sociais, o ecologismo, a xenofobia, o racismo, a relação ressignificada do Estado com o Mercado, a reorganização de uma direita letal [podem ser compreendidas, de um lado, como] as formas de existência histórica da discursividade [, e, por outro, como] as formas históricas de assujeitamento.” (ORLANDI, 2012, p. 48).

Nessa direção, propomos pensar a forma histórica sujeito na discursividade da inovação. O sujeito se produz no efeito do sujeito empreendedor. Essa forma histórica começou a se constituir no início do século XVIII (DODGSON, p. 56). “Uma das primeiras definições da

9 Cf. a reflexão de Ulrich Beck sobre a sociedade de risco mais adiante no texto.

10 Nesse sentido, é interessante ler o artigo de Yurij Castelfranchi *A propriedade das invenções: história de um equilíbrio instável* (2004) em que o autor discorre sobre o conceito de patente, o que nos faz produzir relações entre forma sujeito capitalista e inovação, na medida em que coloca em jogo diferenças entre invenção e inovação, e também produz efeitos sobre a noção de propriedade do que se inventa ou se inova, discussão que ajuda a reflexão sobre a forma sujeito-empreendedor.

palavra *empreendedor* foi elaborada no início do século XIX pelo economista francês J.B. Say, como aquele que ‘transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento’” (ÂNGELO<sup>11</sup>, 2003).

É pelo discurso da inovação que vamos ver esse sujeito afetado e interpelado como aquele que tem de estar (se) (re)(i)novando no ritmo (tempo/espço) da inovação tecnológica, administrativa, jurídica, urbana, social. E esse, é um sujeito tripartite, composto pela universidade, pelo governo, pela empresa. Assim, no discurso da inovação ganha o nome de Tríplice Hélice<sup>12</sup> (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF<sup>13</sup>, 2000). Essa forma sujeito empreendedor interpela o professor, o governo e a empresa no lugar do empreendedorismo<sup>14</sup>.

11 Eduardo Bom Ângelo é economista brasileiro, e ocupou a posição de diretor-presidente da Brasilprev Seguros e Previdência até 2014.

12 Algumas correntes de pensamento discutem o desenvolvimento econômico por meio de modelos de interação formados pelo governo, setor empresarial e a infraestrutura científica e tecnológica. Uma dessas correntes é a que cria o modelo da Tríplice Hélice. Há vários tipos de modelo de tríplice hélice. Nos últimos anos, a maioria dos países tem adotado a hélice tripla em que o governo participa e incentiva o processo de inovação. Nesse modelo, a fronteira entre as instituições participantes é, em maior ou menor grau, dissolvida (ETZKOWITZ; LEYDESDORFF, 2000). Essa nova forma sujeito da hélice tripla produz efeitos de uma nova e estável infraestrutura de conhecimento, diferenciando-se do modelo tradicional de fazer ciência.

No Brasil, mais especificamente em Niterói, há o Triple Helix Research Group (THERG-Brazil). Assim ele se define, “[o grupo] foi formalizado em agosto de 2008 para estudar as relações entre a Universidade, as Empresas e o Governo com base na abordagem da Hélice Tríplice. O núcleo de pesquisadores integrantes do grupo vem desde 1997 trabalhando em conjunto temas relacionados à gestão da inovação. O THERG-Brazil está sediado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense – UFF, utiliza as instalações do Laboratório de Multi-Aplicações em Gestão – LAMAG e conta com o apoio da FAPERJ e do CNPq”. (Disponível em: <http://www.triple-helix.uff.br/sobre.html>)

13 Henry Etzkowitz e Lötet Leydesdorff, ambos do campo das ciências sociais e humanas, são os fundadores da teoria da Tríplice Hélice.

14 “O empreendedorismo é hoje um fenômeno global, sobre o qual diversas instituições públicas e privadas têm investido para pesquisar e incentivar. Existe uma clara correlação entre o empreendedorismo e o crescimento econômico. Os resultados mais explícitos manifestam-se na forma de inovação, desenvolvimento tecnológico e geração de novos postos de trabalho. A riqueza gerada pelos empreendedores contribui para a melhoria da qualidade de vida da população e, não raras vezes, é reinvestida em novos empreendimentos e, de maneira indireta, nas próprias comunidades. A inovação trazida pelo empreendedorismo permite ao sistema econômico renovar-se e progredir constantemente. De acordo com Schumpeter, ‘sem inovação, não há empreendedores, sem investimentos empreendedores, não há retorno de capital e o capitalismo não se propulSIONA.’” (ÂNGELO, 2003).

Para o THERG-Brazil, grupo de pesquisa citado na nota 12, essa forma sujeito se sustenta

na revisão da relação entre a Universidade e a Sociedade na qual uma segunda revolução acadêmica vem ocorrendo e a Universidade incorpora uma terceira missão, além do ensino e da pesquisa, que é ser um ator ativo do desenvolvimento econômico via geração de conhecimento científico e tecnológico e, conseqüente, inovação. Os grupos de pesquisa atuam como quase-firmas e interagem com os atores das demais esferas ou hélices. Como consequência emerge uma Universidade Empreendedora na qual o relacionamento entre as hélices assume diferentes configurações. Elementos e organizações de intermediação são estruturadas como as firmas spin-off, incubadoras e parques tecnológicos; escritórios de propriedade intelectual e comercialização de tecnologia; redes de conhecimento; arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais (APLs e ASPILs); e universidades corporativas entre outros.

A dinâmica do processo de inovação situa as novas e complexas relações que se estabelecem entre as três esferas institucionais (hélices) universidade, indústria e governo como relações derivadas de transformações internas em cada uma das esferas, da influência que cada esfera tem sobre as demais, da criação de novas redes surgidas da interação entre elas, e do efeito recursivo dessas redes tanto nas espirais de onde elas emergem como na sociedade como um todo (RENAULT<sup>15</sup>, 2006).

A indústria é significada nessa relação da Tríplice Hélice como o *locus*, o governo como a fonte de relações contratuais que garantam interações estáveis e permutas, e a universidade como a fonte de novos conhecimentos e tecnologias, o princípio gerador das economias baseadas no conhecimento. A universidade empreendedora retém os papéis acadêmicos tradicionais de reprodução social e extensão do conhecimento certificado, mas os coloca num contexto mais amplo como fazendo parte do seu novo papel na promoção da inovação (ETZKOWITZ;

---

15 Thiago Renault é economista, professor na UFRRJ e diretor da Agência de Inovação da Universidade Federal Fluminense.

LEYDESDORFF, 2000). Assim, a terceira missão na abordagem da Tríplice Hélice é vista como a atuação das universidades no sentido de gerar atividade econômica a partir dos resultados das atividades de pesquisa. Vamos à trindade como forma histórica de assujeitamento nessa discursividade da inovação:

a) o governo – “contribui para a inovação de muitas formas, além das políticas de inovação”; “uma economia estável e em crescimento melhora a disposição de empresas e de indivíduos para que invistam em inovação e corram riscos” (DODGSON; GANN, 2014, p. 79);

b) a organização/empresa – “enquanto enfrentam os desafios de um mundo complexo e turbulento”, as organizações contemporâneas têm de responder às intermináveis demandas feitas a elas (DODGSON; GANN, 2014, p. 143). A inovação é fundamental para a “contínua existência” dessa forma histórica sujeito organização/empresa “já que lutam para se adaptar e evoluir para que possam dar conta de mercados e tecnologias em constante mudança” (DODGSON; GANN, 2014, p. 24-25).

Se querem progredir – desenvolver e crescer, tornar-se mais lucrativas, eficientes, sustentáveis –, as organizações precisam implantar novas ideias com sucesso. Precisam ser continuamente inovadoras. (DODGSON; GANN, 2014, p. 24-25).

c) a universidade – se pensarmos a chamada Sociedade do Conhecimento como o mais recente paradigma econômico, produzem-se sentidos de que as universidades são “um dos atores chaves na produção e disseminação do principal insumo impulsionador do desenvolvimento socioeconômico, o conhecimento” (RENAULT, 2006). Conhecimento nessas condições aparece ora como sinônimo de tecnologia e ora de inovação. Essa noção de conhecimento pensada dentro do conceito de “comercialização de pesquisa” é significada como *commodity*. A partir daí produz-se o grupo nominal “comoditização do conhecimento”, em que o conhecimento passa a ser tratado como um “ativo” sobre o qual direitos de propriedade podem, e são, expressos. E, contemporaneamente, esse conceito de conhecimento inclui a discussão do modo como deve ser

transferido, já que, pela tríplice hélice, o conhecimento não pode mais ficar retido na universidade; é preciso que chegue ao setor produtivo e à sociedade, ou seja, que seja entregue à empresa para que ela faça circular como deve ser (cf. Ciclo da inovação de Spence). Para que as transferências de tecnologia/conhecimento se processem, é preciso que se institucionalize espaços responsáveis por isso. Daí a criação dos Escritórios de Inovação e Transferência de Tecnologia – os EITTs. E mais de 70% deles estão ligados às universidades públicas. O objetivo é o de viabilizar a transferência de conhecimentos para o setor produtivo e para a sociedade como um todo, parques tecnológicos, incubadoras de empresas e escritórios de transferência de tecnologia (RENAULT, 2006). O que vem ao encontro do que nos dizem Mariani e Medeiros, em artigo neste livro, em relação à gestão de ciência hoje,

uma gestão que corresponde ‘a massas consideráveis de investigadores e créditos’ [AUROUX, 2008] e que planifica e quantifica a produção posta como científica, (con)fundindo *ofício do investigador* com *ofício do burocrata* (cf. aqui, p. 19).

Diremos, ofício do empreendedor.

É importante que esse lugar responsável pela transferência esteja

dentro de um modelo centralizado vinculado às pró-reitorias de extensão ou de pós-graduação. [...], uma das vantagens de se manter estruturas centralizadas é a possibilidade de acesso a informações de forma ampla, permitindo um acompanhamento geral de todas as potencialidades da universidade no que diz respeito a projetos de pesquisa e serviços tecnológicos. (RENAULT, 2006, p. 99)

Nessa discursividade da inovação, o significante “universidade”/“academia” é significado como um lugar de missão: sujeito nesse processo da inovação “a universidade engajada” tem uma “terceira missão” – “além de suas missões tradicionais de ensino e pesquisa, a terceira missão está relacionada ao conceito de universidade empreendedora [professor empreendedor] onde a instituição assume a missão de geração de atividade econômica a partir dos resultados das atividades de pesquisa.” (RENAULT, 2006, p. 17)

Elas educarão e empregarão pessoas capazes de trabalhar de várias maneiras com pesquisa, tanto em empresas quanto no governo, construindo conexões entre diferentes partes de sistemas de inovação, incentivadas pela mobilidade de diplomados com habilidades variadas e aprimoradas com o uso da e-ciência. (DODGSON&GANN, 2014, p. 141)

Objetivos: O foco dos Programas PIBITI e PIBINOVA é estimular a atuação de professores da Universidade Federal Fluminense, de alunos de qualquer curso de nível superior em atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação, visando contribuir para a solução de problemas de mercado ou da sociedade em geral. (EDITAL PIBITI e PIBINOVA, UFF, 2015)

O sujeito que se apresenta a partir dessas condições de produção nessa fase do sistema capitalista é uma unidade de três, e é denominado como os que trabalham juntos de um modo integrado para atingir um objetivo comum, para produzir empreendedorismo.

É importante percebermos que a forma histórica sujeito empreendedor da Tríplice Hélice constitui também os sujeitos que não produzem o conhecimento/inovação, porque estes também são interpelados nesse lugar do empreendedorismo, do lucro, da oportunidade. “A inovação exige que as pessoas sejam funcionários, clientes, fornecedores, colaboradores, membros de equipe e cidadãos informados, vigilantes e responsáveis” (DODGSON; GANN, 2014, p. 150).

Não podemos nos esquecer de que o discurso da inovação se sustenta pela própria necessidade de preservar, estabilizar, e fazer repetir a ordem da verticalização, da hierarquização, estruturante e constitutiva do espaço capitalista com divisões em classes – a dos que produzem o conhecimento/inovação e a dos que consomem – em que existimos nos subjetivando.

## ► 2. Sentidos em relação – o modo discursivo de fazer enciclopédia e inovação

A industrialização da ciência (no início do século XX), nos diz Boaventura Souza Santos (2001), do campo da economia, levou o seu

comprometimento com os centros de poder econômico e político que passaram a determinar prioridades científicas.

Continuando nossa observação do processo de constituição de sentidos para *inovação* nos perguntamos, como o ‘conhecimento de ponta’<sup>16</sup> / a inovação entra como componente indispensável para o “desenvolvimento” econômico, tecnológico e social? Sempre foi assim?

Ulrich Beck (2010)<sup>17</sup>, cientista social alemão, nos fala de uma sociedade capitalista pós-queda do muro de Berlim, a que ele chama sociedade de risco. O sociólogo defende a ideia de que a modernidade passa por um momento de ruptura histórica, assim como aconteceu na passagem da sociedade feudal para a industrial. Todavia a diferença está em que esse corte não representa o fim da sociedade moderna, e, sim, sua reconfiguração. De acordo com Beck, vivemos um momento de transformação da sociedade industrial clássica (com sua produção e distribuição de riquezas) no que ele denomina sociedade (industrial) de risco, na qual a produção dos riscos domina a lógica da produção de bens. Suas argumentações em torno dessa nova lógica social nos mostram que os riscos na contemporaneidade representam oportunidades de mercado, uma vez que se baseiam no conhecimento, tendo a ciência um papel central na produção dessa nova “moeda”. Assim nos afirma Beck: “A sociedade de risco é [...] também a sociedade da *ciência*, da *mídia* e da *informação*. Nela, escancaram-se assim novas oposições entre aqueles que produzem definições de risco e aqueles que as consomem” (BECK, 2010; grifos nossos).

O conhecimento, para Beck, se tornaria, então, a mais importante ‘manufatura intelectual da modernidade’, e o fazer circular esse conhecimento produziria um modo fundamental para manter o poder desse saber agora convertido em produto.

Assim, Beck (2010) significa a sociedade de risco como um mundo de incertezas fabricadas, através de inovações tecnológicas e respostas sociais mais aceleradas, produzindo um novo cenário de risco global, de

<sup>16</sup> Na textualidade do arquivo, observamos essa metáfora para inovação.

<sup>17</sup> Chegamos a esse autor em conversa com o pesquisador José Simão (UFU) e pela leitura do texto de Viero, 2015.

incertezas não quantificáveis. A globalização e os avanços tecnológicos são algumas das principais características da nova modernidade, que passa a ser em si mesma tema e problema. Os riscos produzem novas estruturas de divisão do trabalho na relação entre ciência, prática e espaço público (BECK, 2010). Fato que aumenta a relevância social e política do conhecimento, do acesso aos meios de fabricá-lo (ciência e pesquisa) e de fazê-los circular (mídias).

Nesse aspecto, a superação dos riscos exige um olhar ampliado, ou seja, uma cooperação que atravesse todas as fronteiras estabelecidas, uma reintegração dos especialistas e a confluência do trabalho. Os riscos perpassam a diferença entre teoria e prática, as fronteiras funcionais e disciplinares, as competências especializadas e as responsabilidades institucionais, a diferença entre valor e fato e, os âmbitos da política, do espaço público, da ciência e da economia (BECK, 2010).

### ► **Inovação e enciclopédia**

Como dissemos na abertura desse texto, o sentido sempre pode ser outro, mas não qualquer um. Aqui, refletimos sobre como o modo discursivo de pensar e realizar o projeto em tela e a construção do arquivo fazem deslizar os sentidos estabilizados de inovação/enciclopédia, apontando para o não-um do sentido.

O processo de produção de sentidos pode ser observado e estudado se fizermos algumas questões de necessidade contingente, como, por exemplo: inovação é invenção? Quem inova é inventor ou inovador? Invenção – sujeito inventor /invenção – sujeito inovador. Dizer um não é dizer o outro. O que não está dito para poder se dizer inovador? O que é o novo? Só o novo interessa como ‘conhecimento de ponta’? O quanto de novo há no gesto de inovar? E de inventar? Há alguma repetição? Algo retorna como novo? Mas se retorna, ainda é novo? Há uma fronteira visível entre inovação e invenção? É possível inventar sem retornar, repetir?

O que dos significantes inovação e enciclopédia insiste e o que deles desliza? Apesar de um retorno, aquilo que insiste em se atualizar,

o efeito da presença do interdiscurso no acontecimento do dizer, há a resistência, porque algo alhures afeta o dizer e seu sujeito de modo constitutivo, fazendo-os trabalhar sobre sentidos já-dados, o que produz uma necessidade discursiva outra (AGUSTINI, 2007); gesto que margeia, borda, (des)fia no movimento da intermitência, da incompletude.

### ► *Um pouco de etimologia*

Segundo Houaiss (2009),

inovação – s. f. (sXIV), lat. innovatīo,ōnis ‘**renovação**’; ação ou efeito de inovar; aquilo que é **novo**, coisa nova, novidade; qualquer **alteração** em situação de fato ou de direito que possa interessar à apreciação judicial da questão.

invenção – s. f. (sXV), lat. inventiō,ōnis ‘**descoberta**, invenção’, do rad. de inventum, supn. de invenire ‘**achar**, encontrar, descobrir; **imaginar**, inventar; saber; achar, ver (na história); ler; adquirir, granjear’.

enciclopédia – s. f. (sXVIII, 1713), fr. *encyclopédie* (1768), do grego *egkuklopaideia* ‘**ensino circular, panorâmico**’; conjunto de **todos** os conhecimentos humanos; obra que reúne **todos** os conhecimentos humanos ou **apenas um domínio deles** e os expõe de **maneira ordenada, metódica**, seguindo um critério de apresentação **alfabético** ou **temático**; obra que reúne **considerável** soma de conhecimentos. (HOUAISS, 2009, grifos nossos)

Começemos por possíveis interpretações, a partir das duas entradas sobre inovação e invenção: *inovação* teria a ver com o novo na direção da ‘renovação, alteração’, e *invenção* teria a ver com o ‘descobrir, achar, imaginar’ algo (novo, inédito).

O novo da inovação é diferente do novo da invenção segundo lemos no dicionário. Assim, inovar é renovar algo que já existe e inventar é descobrir algo que ainda não é conhecido. Mas, sabemos, essa borda semântica é porosa e deslizante, porque, ao mesmo tempo em que direciona para o efeito de evidência de que não haveria repetição na

invenção – e, aqui, lembramos com Nunes (2006) que o dicionário é um instrumento linguístico que ancora as evidências dos sentidos e funciona como instrumento de estabilização dos discursos –, deixa frestas para a produção de efeitos como: ‘não se inventa do nada’, ‘não se inova baseado em nada’, ou seja, o sujeito inventor ou o sujeito inovador não estão fora do processo histórico-político-ideológico de suas condições de produção.

Inovar, discursivamente, então, não é sem o político e o ideológico que nos constituem. Desloca-se do produto para o processo, do senso comum para o questionamento, da evidência da linearidade dos sentidos para o múltiplo, da memória arquivística para a memória discursiva, do tudo lembrar para o esquecer para poder lembrar.

Inovar, discursivamente, é pensar como a produção de sentidos se dá num processo sem sujeito e sem fim. É a partir da materialidade histórica incontável e incontível de discursos que permeiam as dimensões humanas (im)possíveis e (im)prováveis, que se pode refletir sobre materialidades discursivas que produzem efeitos de paráfrase e de polissemia, isto é, a repetição (o mesmo no diferente), e o deslocamento (o diferente no mesmo) (ORLANDI, 2003a).

Para a entrada enciclopédia, podemos compreender um produto que dá conta panorâmica e circularmente de “todos os conhecimentos humanos”; ou de todo um domínio, a que nada escapa. Esse modo de exposição dos conhecimentos seria “ordenado e metódico” por critério “alfabético ou temático”. Enfim, um lugar que teria a ver com a totalidade, com tudo que deve e pode caber aí. Se pensarmos que na formação de *enciclopédia* há *cicl(o)*- que produz efeitos de sentido de *círculo* – o único movimento perfeito para os gregos era o movimento circular<sup>18</sup>, pois somente nele o início e o fim coincidiam –, podemos compreender no significante *enciclopédia* a busca por um estado de caráter concludente, estável, sem perder o movimento circular, em

18 "Não nos esqueçamos que o único movimento perfeito para os gregos era o movimento circular, pois somente nele o início e o fim coincidem (cf. *Phys.* 246 a<sub>15-16</sub>: *hótan málista génetai kyklos kai hótan bélistos*; 'quando [o movimento] se torna o mais circular, isto é, quando se torna o melhor')" (PUENTE, 2003).

que o fim e o começo se articulam num movimento de retorno e de repetição; presença de uma cadeia fechada.

É justamente aí que a enciclopédia virtual desdiz.

Discursivamente sabemos que: a) a construção de um arquivo de pesquisa – o que pensamos ser uma enciclopédia – não é da ordem da finitude nem da completude, então as pontas não se tocam; b) o que aí é significado depende dos gestos de compreensão analítica produzidos por seus sujeitos pesquisadores; c) os saberes de um arquivo estão sempre em movimento na história, assim como os sujeitos, afetados pela materialidade da língua (MARIANI, 2010).

A história de um projeto de pesquisa se constitui pela memória da conjuntura teórica que o sustenta; pelo processo de sua escrita acadêmica enquanto produção de saber, pensando projetivamente sua circulação e transmissão, considerando suas condições de produção; e, pela possibilidade da troca consciente/inconsciente nas práticas enunciativas/interlocutivas entre sujeitos pesquisadores que se aventuram em seus dizeres.

Dessa forma, um projeto como esse não se faz sozinho, nunca se faz sozinho. É-se responsabilizado por ele, no final das contas. E, aí, estamos sozinhos. Mas é impossível ser produzido/construído por um único sujeito. Não só pela diversidade, singularidade e riqueza dos sujeitos pesquisadores implicados e fundamentais à execução dessa produção científica, mas também pela relação construída ao longo do percurso inovador de produção de uma enciclopédia filmada e digitalizada.

Lemos neste livro, no texto de Mariani e Medeiros, que “a inovação está na forma de divulgação do conhecimento produzido pela Análise do Discurso”. Dizemos, assim, que a dimensão inovadora do projeto tece o projeto e é tecida pelo projeto na medida em que a produção, circulação e transmissão dessa enciclopédia se dão sempre não como um estado de fato, acabado, mas como um processo sempre em recomeço, em vias de, às bordas.

Nós, os sujeitos pesquisadores desse projeto, sabemos estar sempre já inscritos em práticas político-científicas nacionais/internacionais, e já sempre interpelados pela ideologia. Sendo assim, nossos atos de enunciação/interlocução não são puros, isentos ou não afetados, mas

sempre perpassados pelo lugar teórico do conhecimento em jogo, o qual compartilhamos ou não, isto é, nós sujeitos e nossas práticas enunciativas/interlocutivas são sempre atravessados pela carga imaginária que se produz sobre o que está sendo enunciado/interlocucionado, produzido, transmitido, e dessa formação imaginária não há como se desvencilhar (MARIANI; MEDEIROS, 2014). Como nos dizem as autoras, “as imagens têm força inegável e constituem a própria produção/transmissão” (*ibidem*, p. 17).

Continuando com Mariani e Medeiros (2014), são ainda elas que nos advertem:

produzir conhecimento, nesse sentido, é se encontrar submetido aos efeitos da historicidade – seja aderindo, seja resistindo, seja propondo criticamente alternativas à política vigente –, que constituem e delimitam o lugar da produção científica no estabelecimento de relações com políticas de Estado, com a sociedade e com a universidade, enquanto lugar privilegiado da disciplinarização e transmissão. (MARIANI; MEDEIROS, 2014, p. 18)

### ► 3. Nas bordas de uma conclusão

Estar nas bordas é nossa condição *sine qua non*; diria, incontornável. Bordejamos o significante, a produção de sentidos e sua historicidade. Estar nas bordas, é estar nas portas, em vias de, no limite de, prestes a, o que possibilita o estar em processo, o desejo da travessia, o escorregar, o deslizar, o se aproximar, o se afastar, porém nunca o estar lá; ao contrário, é de movimento que se trata, movimento significante, do significante no sujeito.

Apesar de repetirmos, ler/interpretar é já estar no movimento, imerso no processo de produção de sentidos, mas não de qualquer sentido.

Assim é com o modo como significamos o trabalho coletivo no laboratório, a produção do conhecimento, a pesquisa e a tecnologia, a inovação e a enciclopédia; em movimento na história dos sujeitos e dos sujeitos na história. Não é sem o gesto político-ideológico que marcamos

nosso estar e nosso fazer no discurso da inovação e no modo como produzimos uma enciclopédia no espaço digital. Não apagamos que produzir conhecimento e fazer circular é da ordem da ética, porque é preciso que seja compartilhado, não só em sua circulação, mas também na sua produção, dando visibilidade a sua historicidade, porque como Auroux nos diz o conhecimento não destrói seu passado, “mas sim, o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza e também tenta antecipar seu futuro, sonhando enquanto o constrói.” Assim se dá esse projeto, em processo, e por isso o uso do presente. Retomamos. É trabalho que se dá no acontecimento de dizer, reatualizando relações entre linguagem e história, interdiscurso feito memória, produzindo o efeito do diferente no mesmo. É uma enciclopédia outra, é uma inovação outra. Faço minhas as palavras de Ferreira (2012) em sua apresentação do livro *Dois campos em (des)enlaces: discursos em Pêcheux e Lacan*, “na busca incessante de nosso objeto (de nunca encontrar), ganhamos um valioso aliado para tentar chegar mais perto de um saber que não se sabe, um todo que não se é e um tudo que não se diz”. Isto é o que causa o projeto de pesquisa *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias* e a *Enciclopédia Audiovisual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*.

## ► Referências

AGUSTINI, C. (N)as dobraduras do dizer e (n)o não-um do sentido e do sujeito: um efeito da presença do interdiscurso no intradiscurso. In: FERREIRA, M. C. L. e INDURSKY, F. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos, SP: Claraluz, 2007. p. 303-312.

ÂNGELO, E. B. Empreendedorismo: a revolução do novo Brasil. *Revista da Faap de Economia & Relações Internacionais*. São Paulo, vol. 1, n. 2, p. 37-48, jan. 2003. Disponível em: <[http://www.faap.br/revista\\_faap/rel\\_internacionais/empreendedorismo.htm](http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/empreendedorismo.htm)>. Acessado em: dez. 2015.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001 [1992].

BOBBIO, N.; MATEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 3ª ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991. Obra em 2 v.

BRASIL. *Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004*. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica e dá outras providências. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/lei/L10.973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/lei/L10.973.htm)>. Acesso 30 set. 2015.

CASTELFRANCHI, Y. A propriedade das invenções: história de um equilíbrio instável. In: ComCiência, SBPC/Labjor, 2004. Disponível em: <[http://www.comciencia.br/reportagens/2004/08/03\\_impr.shtml](http://www.comciencia.br/reportagens/2004/08/03_impr.shtml)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

CORRÊA, L. P. A inovação tecnológica à luz dos paradigmas científicos: o lugar das ciências da linguagem. In: RBPG, Revista Brasileira de Pós-Graduação, vol. 10, nº 20 (julho, 2013, Brasília, Capes, 2013. p. 269-285.

DODGSON, Mark; GANN, David. *Inovação*. Tradução Iuri Abreu. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university–industry–government relations. *Research Policy*, nº 29, 2000.

FERRY, L. *A inovação destruidora: ensaio sobre a lógica das sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. 9ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Versão monousuário 2009. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. Versão 3.0.

LOMBAS, M<sup>a</sup> Luiza. A circulação internacional de pós-graduandos e pesquisadores: uma prática de internacionalização da produção do conhecimento? In: *Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – diversidades e (des)igualdades*. Salvador, 07-10 agosto de 2011, Universidade Federal da Bahia, campus de Ondina.

MARIANI, B. Arquivo e língua nacional: percursos de pesquisa. In: MEDEIROS, V. G. e TEDESCO, M. T. (orgs.). *Travessia nos estudos de língua portuguesa: homenagem a Evanildo Bechara e Olmar Guterres*, 2010. p. 81-99. ISBN: Livro Virtual: 978-85-86837-75-3; Ebook: 978-85-86837-76-0.

MARIANI, B.; MEDEIROS, V. Disciplinarização dos Estudos em Análise de Discurso. In: *Gragoatá*, Universidade Federal Fluminense, nº 34, Niterói: EdUFF, 2014. ISSN 1413-9073.

MENDONÇA, M. A. DE; LIMA, D. G.; SOUZA, J. M. de. Cooperação entre o Ministério da Defesa e COPPE/UFRJ: uma abordagem baseada no modelo *triple helix* III. In: DE NIGRI, João Alberto; KUBOTA, Luis Claudio (ed.). *Políticas de Incentivo à Inovação Tecnológica*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo15\\_27.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/capitulo15_27.pdf)>. Acesso em: 18 Set 2015.

NUNES, H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes, São Paulo, SP: Fapesp, 2006.

ORLANDI, E. Análise de discurso e contemporaneidade científica. In: \_\_\_\_\_. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012. p. 37-54.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Pontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 2003b.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. E. Orlandi *et alii*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997 [1975].

PUECH, C.; CHISS, J.-L. *Le langage et ses disciplines XIXe-XXe siècles*. Paris, Bruxelles: Éditions Duculot, 1999.

PUENTE, F. R. *Télos como Arché e o fundamento temporal da ação em Aristóteles*. *Revista Philosophica*, nº 26, 2003, Instituto de Filosofia Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Disponível em: <http://www.philosophica.ucv.cl/abs26telos.pdf>. Acesso em: fev. 2010.

RBPG, *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, vol. 10, nº 20 (julho, 2013, Brasília, Capes, 2013).

RENAULT, T. *O desenvolvimento socioeconômico como terceira missão da universidade: elementos para estudo do caso brasileiro*. Dissertação (Mestrado) em Engenharia de Produção da Universidade Federal Fluminense, Engenharia de Produção. Área de Concentração: Tecnologia, Inovação e Trabalho, Niterói, 2006.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 2001.

UFF – PROPPI – CNPq – AGIR – Serviço Público Federal Ministério da Educação/ Universidade Federal Fluminense/ Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação /Agência de Inovação. 2015.

TRIPLE HELIX RESEARCH GROUP. Disponível em: <http://www.triple-helix.uff.br/sobre.html>. Acesso em 14 fev. 2016.

VIERO, Cibelle Mello. *Percepções de trabalhadores rurais acerca dos riscos frente ao uso dos agrotóxicos: possibilidades para enfermagem*. Dissertação (Mestrado), Centro de Ciências da Saúde, programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Santa Maria, 2015.

VOGT, C; KNOBEL, M. *Ciência, tecnologia e inovação no Brasil*. In: *ComCiência*, SBPC/Labjor, 2004. Disponível em: < <http://www.comciencia.br/reportagens/2004/08/01.shtml>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

# Por uma definição de enciclopédia da Análise do Discurso: processos de criação de tecnologia no campo das ciências da linguagem

Juciele Pereira Dias

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/LAS/CAPES-PNPD

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.  
Quero para mim o espírito [d]esta frase,  
transformada a forma para a casar como eu sou:  
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.  
Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser  
o meu corpo (e a minha alma) a lenha desse fogo.*  
(Fernando Pessoa)

Dos “navegadores” em caravelas (do poema de Fernando Pessoa) aos “navegadores” na internet, as tecnologias se fazem presentes, mas produzindo diferentes sentidos em relação ao que pode e deve ser necessário em uma dada época. Contemporâneo à tecnologia da caravela, o(s) sentido(s) de necessidade de criação do poeta português pode(m) se atualizar hoje, em nossa leitura, confrontando a repetição do sentido de “inovação”<sup>1</sup> enquanto necessidade, a qual vem inquietando cientistas de diferentes campos nas produções tecnológicas do contemporâneo. Tanto o poeta quanto o cientista, nas suas práticas, podem ir de encontro ao desconhecido, em relação ao qual trazem como desafio a criação enquanto um trabalho, ou seja, uma criatividade em que “se ponha em conflito o já produzido e o que vai se instituir, passagem do irrealizado ao possível, do não-sentido ao sentido” (ORLANDI, 2001, p. 38).

1 Cf. BRANCO, L. K. C. *Inovação: significante em movimento*, neste livro.

A criatividade, tradicionalmente colocada no campo da cultura literária (PÊCHEUX, 2010), se faz necessária hoje no campo da produção das ciências da linguagem como uma maneira de confrontar evidências de sentidos de ‘tecnologia’, que cada vez mais se relacionam com um movimento de informatização construindo efeitos de “unidade da língua” frente a “divisão discursiva” (PÊCHEUX, 2009 [1975] e 2010 [1982]) em processos de produções do conhecimento, determinados pela *mecanização da linguagem* e pela *matematização da linguística* (cf. AUROUX, 1998, 2012; PÊCHEUX, 2010 [1982]; LACAN, 2010). Constitutivo desse imaginário de unidade linguística, temos uma relação do sujeito com uma “*língua metálica*”, tecnologia sobre a qual não podemos ignorar seu funcionamento também na base das novas relações sociais, pela linguagem, no espaço digital, espaço esse a partir do qual dizemos “navegar na Internet”, em redes.

Desse modo, colocando a tecnologia hoje em questão, fazemos uma reflexão sobre seu processo de produção no campo das ciências da linguagem (cf. AUROUX, 1998), a partir de uma inovação<sup>3</sup> na prática de criação e organização de uma enciclopédia virtual, tecnológica e digital. É das faíscas desse processo de criação que as formulações escritas diante desta página, em tela vertical, se atualizam em um horizonte imaginário de texto linear, marcado por suas histórias, seus (re)tornos, apagamentos e lacunas constitutivas de nossa inscrição teórica no processo de produção coletiva<sup>4</sup> da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*, fundamentada

2 Lembremos, aqui, a afirmação de Pêcheux e Gadet: “As máquinas lógicas fabricam, hoje em dia, suas próprias memórias para melhor apagarem as dos povos, e para melhor administrarem os complexos industriais, administrativos e militares que vão tomar as decisões no lugar delas. Se é uma “língua fascista”, é precisamente essa língua lógica, língua metálica, sem aspecto exterior” (GADET e PÊCHEUX, 2010, p. 23).

3 Sobre uma perspectiva crítica e discursiva da ideia de inovação, conferir o texto de Luiza Castello Branco, neste livro

4 O trabalho desenvolvido nesse projeto coletivo, intitulado *Divulgação Científica em Análise do Discurso: divulgação e investigação com base nas novas tecnologias* (FAPERJ/Edital 14/2013) está relacionado com nossa pesquisa de pós-doutoramento *O brasileiro hoje: língua, cultura e novas relações sociais*, financiado pela CAPES-PNPD, processo n. 007096/2011-96. Ambos os projetos fazem parte do Laboratório Arquivos do Sujeito, e são coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bethania Mariani.

na Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1982, ORLANDI, 2003), na História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1998) e na Psicanálise (LACAN, 2010). O próprio gesto de nossa escrita no computador diz das condições sócio-históricas da produção do conhecimento científico hoje, evidência que nos leva a desconfiar do mais trivial das nossas “navegações”, dos nossos constantes retornos para editar, inserir ou substituir palavras repetidas, ambíguas, articular enunciados, seja por efeitos das práticas do saber gramatical ou informático nas tentativas de dar uma forma idealizada ao texto, seja pelo próprio desconforto do desafio de descrever/interpretar/definir uma prática científica (coletiva) sobre uma tecnologia (enciclopédia) enquanto uma possível nova maneira ou ação de se trabalhar/ler (n)a forma do digital. Essa palavra ‘digital’ vem do latim *digitus*, carregando o sentido de dedo. Os dedos que contavam os números antes dos ábacos ou das calculadoras e, hoje, os dedos que digitam no teclado dos computadores ou dos *smartphones*, atualizando sentidos por uma relação entre a língua e a linguagem das máquinas lógicas, nesse caso, a linguagem binária, do zero e do um, da ausência e da presença do sinal. Assim, no âmbito do digital, a enciclopédia virtual produziria uma i-nov(a)ção no campo das ciências da linguagem?

### ► A produção de tecnologias no campo das ciências da linguagem

No nosso dia a dia, ao enviarmos um e-mail, escrevermos uma mensagem no celular, lermos um livro, temos a escrita, as gramáticas e dicionários, a língua das máquinas ou “língua metálica” já postas, inscritas como técnicas ou tecnologias<sup>5</sup> cotidianas nas nossas relações sociais, e pouco nos questionamos sobre as evidências que determinam os sentidos sobre o seu funcionamento enquanto objetos necessários<sup>6</sup>.

5 As palavras técnica e tecnologia vem do grego *téchné* que em latim foi traduzido como *ars* (cf. Dias, 2012).

6 Cf. COSTA, M. S. *Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre a significação dos objetos*, neste livro.

Segundo Auroux (1998), a invenção da escrita é a *primeira revolução tecnolinguística*, e foi produzida em relação às técnicas essenciais<sup>7</sup> para a fixação de uma morada (revolução neolítica), o que, de um lado, possibilitou a construção do imaginário de fixação da língua pela ‘letra’ fazendo com que conhecimentos fossem escritos e circulassem em meios físicos ou digitais como, por exemplo, pedras, cerâmicas, papiros, pergaminhos, livros, sites, redes sociais, em diferentes épocas. Por outro lado, esse imaginário de língua escrita é confrontado pela fluidez da língua falada (cf. ORLANDI, 2009) e os efeitos dessa fluidez, próprios das línguas ditas naturais, produzem deslocamentos na forma das produções escritas ao longo do tempo (diacronia), o que leva à constituição de diferentes formas de institucionalização do saber (ciências) sobre as línguas – a tradução ou a (re)produção dos textos (DIAS, 2012) –; bem como constituem-se também pesquisas científicas sobre imagens, sons, corpo, vídeos, entre outras materialidades significantes do contemporâneo. Essas diferentes formas de institucionalização do saber sobre a língua na história (por exemplo: gramáticas gerais, gramática histórico-comparada, estruturalismo, funcionalismo, gerativismo, teoria da enunciação, análise do discurso) são denominadas, em nossa leitura, como ciências da linguagem, as quais advém do processo de passagem de um *saber epilinguístico* (saber que nos faz reconhecer, validar ou refutar formulações realizadas em uma dada língua) a um *saber metalinguístico* (saber que coloca a língua na posição de objeto para descrever/explicar sua forma ou seu funcionamento) (cf. AUROUX, 1998).

Nosso saber metalinguístico, segundo Auroux (2001), é sustentado por dois instrumentos linguísticos, a gramática e o dicionário, que são os pilares da *primeira revolução científica do mundo moderno*, a *revolução tecnológica da gramatização*, sem a qual as ciências modernas exatas e da natureza não teriam sido possíveis, tanto em sua construção quanto na sua circulação social. Esses dois instrumentos linguísticos

7 De acordo com Auroux (1998, p. 64), foram as “técnicas essenciais (a agricultura, a domesticação dos animais, a cerâmica, a tecelagem) que permitiram aos homens sair de uma dependência estreita em relação a seu meio natural”.

são tecnologias de linguagem, as quais se constituem por uma relação entre a arte da escrita e a produção das ciências da linguagem, em um processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua (cf. AUROUX, 2001). A revolução tecnológica da gramatização das línguas nacionais acontece em relação a saberes que irrompem dos/nos encontros entre desconhecidas línguas, de diferentes tradições faladas ou escritas (MARIANI, 2004) no período das navegações marítimas, ou seja, das descobertas linguísticas entre continentes. Essa entrada na Idade Moderna é marcada por rupturas em diversos campos do saber sobre o homem, sobre a língua, sobre o espaço físico. Conforme Cristiane Dias (2012), se antes a noção de corporeidade definia o espaço a partir do ponto de vista do corpo físico significando as coisas do mundo, com esse processo de descrição de línguas ágrafas e com os deslocamentos inscritos nesses encontros linguísticos, acontece “uma ruptura com a corporeidade, já que o olho sai do corpo para ver além, para alcançar territorialidades outras, através da utilização de instrumentos e mapas” (DIAS, 2012, p. 27). Logo, com o processo de instrumentalização constitutivo desse período de descobertas, de relações entre sujeitos, em diferentes espaços, as gramáticas e os dicionários tornaram-se, para nós, as tecnologias fundamentais para a formação e legitimação das línguas e dos estados nacionais, bem como para a produção de um efeito de unidade na articulação língua-estado-nação (cf. ORLANDI, 2007). De acordo com Auroux (1998), o processo de *gramatização* foi ampliado com o desenvolvimento de políticas linguísticas nacionais e de alfabetização, assim como a *escrita* se desenvolveu com a criação da imprensa, o que possibilitou a divulgação dos conhecimentos científicos e tecnológicos, bem como contribuiu fundamentalmente para a criação de tecnologias nos diferentes *meios* eletrônicos da contemporaneidade. *Meios* pelos quais o corpoletorado, pelo discurso audiovisual, na criação de tecnologias, pode ir mais além, reinventando-se nos processos de produção dos conhecimentos.

De acordo com Auroux (1998), especificamente no campo das ciências da linguagem, temos as três revoluções tecnolinguísticas: 1) a invenção da escrita, 2) a gramatização e 3) o tratamento eletrônico da informação

apresentada em língua natural, ou seja, a informatização, que pode ser definida como um processo de mecanização das formas privilegiadas da comunicação humana. Em nossa leitura, a informatização se constitui por um processo que coloca a “língua metálica” em um atravessamento da relação homem-linguagem-mundo, produzindo formas de administração da memória social e do saber linguístico na contemporaneidade, por exemplo, nos monitoramentos por GPS no espaço urbano (ORLANDI, 2004), estatísticas de acessos do computador, sugestões de vídeos outros, de mercadorias, de contatos, de palavras pelos corretores ortográficos, próprios do funcionamento das redes de compartilhamentos de vídeos como o WhatsApp, o Facebook, o Youtube. Há, no campo das ciências da linguagem, de um lado, diferentes pesquisas que buscam construir instrumentos de tradução automática, de monitoramento da leitura ocular, de documentação automática de dados, em que essa linguagem das máquinas lógicas é imprescindível à prática analítica. E de outro lado, temos diferentes projetos coletivos<sup>8</sup> que colocam a criação de tecnologias como um processo de inovação discursiva, de criação, na medida em que não se limita apenas ao resultado (produto, objeto) como inovação, mas compreende que o próprio processo teórico-tecnológico de produção (e de circulação) transforma a técnica pela teoria, revolucionando (n) o campo das ciências da linguagem.

Na história das ciências, as aproximações e distanciamentos entre as ciências exatas ou naturais e as ciências da linguagem ou das humanidades têm se dado pela via das tentativas de apreensão de sentidos e de legitimações dos saberes sobre as coisas do mundo, muitas vezes considerando as tecnologias produzidas pelos “outros” enquanto produtos, ferramentas ou utilidades a serem aplicadas na vida cotidiana. Nessa história, as separações administrativas e os abismos entre essas

8 Citamos como exemplos os seguintes projetos coletivos em desenvolvimento no Brasil: 1) a construção de uma *Enciclopédia da Cidade (ENDICI)*, no Laboratório de Estudos Urbanos, da Universidade Estadual de Campinas (cf. ORLANDI, 2003; NUNES, 2015) e 2) a construção da *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*, do Laboratório Arquivos do Sujeito, da Universidade Federal Fluminense (cf. MARIANI, B; MEDEIROS, V. *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, neste livro)

ciências se dão, frequentemente, por formas de legitimação do saber e por diferentes maneiras de se ler (PÊCHEUX, 2010) os objetos ou as tecnologias hoje.

Pêcheux (2010) e sua relação com as máquinas<sup>9</sup> são determinantes da fundação e do desenvolvimento das problematizações teórico-analíticas dos conceitos e procedimentos da Análise do Discurso, campo de entremeio que fundamenta a nossa pesquisa e, ao mesmo tempo, é colocado como objeto de conhecimento da criação dos verbetes da Enciclopédia audiovisual.

Desse modo, lançamo-nos no desafio de um trabalho em que as tecnologias estão em relação ao abismo do desconhecimento, o qual separa os conhecimentos produzidos pela cultura literária (ciências da linguagem e humanas) e pela cultura científica (ciências da informatização) (cf. PÊCHEUX, 2010 [1982]). Na cultura literária, de um lado, Pêcheux denomina que os profissionais da leitura de arquivo (conhecimentos, textos) são os literatos, ou seja, os historiadores, os filósofos, as pessoas das letras, que teriam como hábito praticar uma leitura própria (singular e solitária), criativa. Já na cultura científica, por outro lado, há uma massificação das leituras, dos textos, pela produtividade em maquinários, por exemplo, com tradutores ou corretores automáticos que, de certo modo, se opõe à ideia de singularidade ou de criatividade constitutivos da cultura literária. Com a massificação da leitura, o que entra em jogo é a promoção de uma instrumentalização utilitária pela via das *tentativas de linearização dos sentidos* (*literalização, apego à Letra*) e articulada a essa cultura científica. Pêcheux (2010 [1982]) define a informatização como um processo para se objetivar o discurso textual (ou os conhecimentos), colocando em questão as tentativas de um processamento automático dos textos; textos fáceis de serem lidos, ancorados na ilusão de objetividade e em virtudes de ordem, seriedade, limpeza, bom caráter, etc. Essa noção de “objetividade” atualiza sentidos em relação às “ciências dos grandes números” (lógica matemática) que administra a produtividade dos

---

9 Cf. Zanella, A. (*Um*)a relação de Michel Pêcheux com as máquinas, neste livro.

conhecimentos, construindo evidências/verdades no campo do tratamento da leitura e das tecnologias na sociedade.

A proximidade da ciência dos números ou das combinações (LACAN, 2010 [1957]) com as “línguas naturais” tem conquistado espaços, de diferentes modos, nas tentativas de tornar possível o aprendizado da leitura e da escrita em direção ao sentido como administrável/controlável por meio do trabalho com noções como a de “ambiguidade” (cf. AUROUX, 1998; PÊCHEUX, 2010 [1982]), em que se recortam e se explicitam determinados sentidos de modo que possam ser evitados. São tentativas de controle dos processos de significação, de apreensão de uma univocidade, de construção de clareza e verdades pela via dos dispositivos ideológicos de produção de evidências. Desse modo, sem denegar a informatização e trazendo à cena a questão da criação poética (artístico), voltamo-nos para o confronto entre as duas culturas (literária e científica, cf. PÊCHEUX, *idem*), com o objetivo de problematizar a definição de uma ‘tecnologia’ e seu processo de criação, ou seja, o gesto de definir a Enciclopédia virtual da Análise do Discurso enquanto uma prática coletiva que (se) fundamenta (em) conceitos teóricos-analíticos e ao mesmo tempo discursiviza conhecimentos técnicos<sup>10</sup> da comunicação social e da informatização.

### ► Por uma definição da enciclopédia tecnológica da Análise do Discurso

O processo de construção de uma *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins* foi desenvolvido em duas etapas, não cronológicas, pois ambas estão em relação no desenvolvimento coletivo do projeto, que, além de pesquisadores e discentes do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), também contou com a participação de quatorze pesquisadores de diferentes universidades brasileiras (Unicamp, UFPE, UFU, USP, UFSC, UCS, UFRGS, Univás)

10 Cf. o artigo de Dela Silva, S. *De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente*, neste livro.

entre os anos de 2014 e 2015<sup>11</sup>. Na primeira etapa, iniciada em 2013, foram realizadas reuniões científicas<sup>12</sup> de discussão de textos teóricos, de planejamento das gravações de vídeos e da edição de vídeos, bem como oficinas sobre técnicas de uso dos softwares de edição, das filmadoras e de construção de um ambiente de filmagens dos pesquisadores convidados que apresentaram oralmente um ou dois verbetes de conceitos ou análises em Análise do Discurso, preferencialmente vinculados às suas próprias pesquisas. O convite apresentava um pedido de preparação de um texto com extensão de uma lauda (TNR, corpo 12, espaço 1,5) que funcionaria como uma forma de organização da gravação, podendo ser lido e/ou recriado pelo autor no momento da gravação. O texto tinha a abertura para a indicação de gravuras, links, tabelas ou outros textos com a possibilidade de serem incluídos na edição da gravação. Na gravação, de cerca de cinco minutos, o verbete poderia ser falado duas ou mais vezes, conforme a disponibilidade do convidado e da equipe de filmagem. E um dos primeiros pontos a serem definidos era o nome ou o título do verbete a ser apresentado (podendo ser alterado após a filmagem) e, por vezes, a sugestão de artigos do convidado para leituras em nossos grupos de estudos, uma vez que a formação teórica de jovens pesquisadores é um dos objetivos do projeto.

Na filmagem, o processo de definição dos verbetes constituiu-se por uma discussão dos participantes com o pesquisador convidado, seja em reuniões, em seminários ou mesmo por e-mails que já determinavam a singularidade de cada criação. Alguns pesquisadores fizeram apenas uma gravação sem interrupções, outros fizeram várias gravações do mesmo verbete com pausas de discussão com a equipe de filmagem ou ainda, em algumas filmagens, o verbete foi composto de duas ou três gravações diferentes, contando as últimas como acréscimos na edição final. As durações das gravações oscilaram de quatro até onze minutos.

11 Cf. o artigo de Mariani, B. e Medeiros, V. *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, neste livro.

12 Cf. o artigo de Lunkes, F. *Considerações sobre a construção da enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso*, neste livro. Em seu artigo, Lunkes detalha o processo de construção da Enciclopédia, desde suas reuniões iniciais.

As repetições do mesmo verbete constituíram uma prática de escuta da equipe de filmagem, do pesquisador ou dos editores que pontuavam os atos falhos, lapsos de linguagem e participavam da criação dessa composição poética na produção de conhecimento. Os sons de telefones, de aviões, o vento balançando a cortina, o burburinho do espaço público, a filmadora que deixa de funcionar, o cansaço físico, a disponibilidade para ir ao encontro do desconhecido em uma materialidade significativa ainda não posta em navegação (re)definem a enciclopédia virtual a cada gesto de leitura dos participantes do projeto, sejam eles virtuais ou atuais.

O virtual pode ser como uma névoa de sentidos possíveis de nomes de pesquisadores, de conceitos, de participantes, de lugares de gravação em potencial para atualização, de leitores, de espaços de circulação. Jogamos, assim, com a relação entre virtual e atual, de Deleuze e Parnet (1998):

A relação do atual e do virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual. (p. 124).

De um lado, na produção da enciclopédia virtual, há constantes remissões a nomes de pesquisadores que atualizam, no discurso, outros verbetes possíveis de serem criados. São muitos os nomes próprios e os termos possíveis que constituem a virtualidade dessa Enciclopédia virtual, que não se propõe a uma universalidade, mas também não se reduz às etapas iniciais do projeto realizadas em determinadas condições de produção. Por outro lado, na produção da enciclopédia e dos verbetes, também são projetadas imagens de leitores virtuais (ORLANDI, 2008), de modo que ora o autor (em atualização, formulação) remete ao leitor (virtual) que o constitui, nas formações imaginárias, projetando sentidos sobre o que pode e deve ser dito nas condições de produção do conhecimento científico. Desse modo, na segunda etapa do projeto, a definição da Enciclopédia tornou-se nossa inquietação fazendo retornar questões iniciais, tais como: como construir uma enciclopédia virtual

e se a tecnologia que estamos produzindo é uma enciclopédia? Como intitular essa produção e como ela é determinada pelo próprio processo de produção? O que seria definir um verbete audiovisual no campo do conhecimento científico? Como se dará a construção da enciclopédia virtual e sua circulação por redes de compartilhamento no espaço digital?

Segundo Branco (2013), “a forma histórica espaço é determinante da língua e dos sujeitos e, ao mesmo tempo, determinada pela língua e pelos sujeitos de cada espaço específico”, o que nos leva a considerar a materialidade específica do espaço digital como determinante da definição da enciclopédia virtual enquanto tecnologia que coloca em relação autores e leitores e que tem o digital na base da produção (o saber-fazer do projeto em tela, as técnicas de filmagem, os e-mails e as mensagens entre convidados e participantes, o trabalho de edição e decupagem, os textos produzidos enquanto verbetes ou artigos resultantes do projeto) e da circulação (meios de divulgação) da enciclopédia, bem como da constituição, considerando a relação do fundador da Análise do Discurso com as máquinas, e a atual teorização de Eni Orlandi (1996, 2013) sobre o funcionamento da memória metálica e da forma material do (espaço) digital nas relações sociais hoje.

Com vistas à circulação do discurso audiovisual, os *smatphones*, *tablets*, *smart tvs*, *home theaters*, bem como as redes de compartilhamento de vídeos (WhatsApp, Facebook, Youtube, Ufftube) podem ser compreendidos enquanto “materialidades do *locus* em que acontece e se estrutura o significante” (cf. ORLANDI, 2003, p. 8) e que a autora trabalha a partir da noção de *meio*. Um *meio* de circulação do discurso audiovisual que, conforme Orlandi, se constrói na *(in)tensa relação de sentidos entre sujeitos em redes* de base linguística e numérica. As tecnologias hoje têm como condição de existência a(s) língua(s), que, por sua vez, é(são) constituída(s) por sujeitos nos movimentos de gramatização, de informatização, que, com a emergência da Internet, vêm produzindo deslocamentos nas práticas discursivas da sociedade. É na formulação e na circulação do discurso audiovisual no espaço digital, com tempo (velocidade) e espaço próprios (DIAS, 2012), que imagens da fala, da escrita e do corpo se reformalizam constituindo uma corporeidade digital potencializada nos

comentários e compartilhamentos que fazem circular imagens e vídeos nas redes sociais<sup>13</sup>. Desse modo, voltando-nos para a produção do discurso audiovisual e, segundo Pêcheux (2010), compreendendo que o discurso tem a língua como materialidade específica ao mesmo tempo em que ele é a materialidade específica da ideologia, é pela perspectiva de quem questiona os saberes advindos da cultura científica e da cultura literária, que buscamos refletir sobre as determinações históricas do processo de criação da “Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins” no espaço digital das relações de sentidos sobre o conhecimento científico.

A definição de uma enciclopédia virtual não é compreendida como delimitadora de sentidos, mas como uma prática social constitutiva da relação do sujeito com o discurso, na medida em que o trabalho sobre os efeitos de sentidos traz a problemática do deslimite, para dentro dessa noção (PFEIFFER, 2003), bem como para a dos conceitos ou análises a serem postos em circulação. Se definir carrega uma ideia de limitar ou recortar (*découpage*), pode-se considerar que uma leitura da definição se abre em um movimento de implosão das práticas sociais do gesto de definir. Sob a ótica discursiva, na leitura da definição, os sentidos vazam em diversas direções, mas não em quaisquer direções. Nesse processo, a leitura se abre para a interpretação em que “é por esta abertura que há determinação. O lugar mesmo do movimento é o lugar do trabalho da estabilização e vice-versa” (ORLANDI, 1996, p. 13).

### ► Considerações finais

No espaço de discussão teórica sobre o fazer uma Enciclopédia, a denominação *virtual* já traz à baila a polissemia desse termo que correntemente designa o próprio espaço da rede, internet; e, na teoria, também não deixa de ressoar sentidos da sua etimologia advindo de *virtus* enquanto potência, possibilidades de atualização.

13 Cf. TRAJANO, *Sentidos e(m) rede: práticas discursivas e gestos de direcionamento da interpretação no meio eletrônico urbano*, neste livro.

Desse modo, no processo de criação da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*, temos compreendido que as tecnologias não são produtos/objetos necessários inventados pelas ciências denominadas naturais ou exatas, mas objetos de linguagem construídos pela *relação entre as línguas ditas naturais e a língua metalinguística* as quais possibilitam uma administração das relações de sentidos do homem com o mundo; todavia, é pela criatividade, fundamentados na Análise do Discurso, que ousamos fazer algo diferente com essa relação com as máquinas, no coletivo.

### ► Referências

AUROUX, S. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. *Matematização da linguística e a natureza da linguagem*. Trad. Débora Massmann. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2012.

BRANCO, L. K. A. C. *A língua em além-mar: sentidos à deriva – o discurso da CPLP sobre língua portuguesa*. 2013. 325 f. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas-SP, 2013.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo, SP: Editora Escuta, 1998.

DIAS, C. P. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2012.

DIAS, J. P. *Um gesto de interpretação na história do conhecimento linguístico: a definição do nome gramática*. Tese de doutorado. Santa Maria, SP: PPGL-UFSM, 2012.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. (2004) *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Tradução Bethania Mariani e Elizabeth Chaves de Mello. 2 ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2010.

- LACAN, J. (1954-55). Cibernética e a natureza da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *O seminário livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- MARIANI, B.. *Colonização linguística: Brasil (séculos XVI a XVIII) e Estados Unidos da América (século XVIII)*. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2004.
- NUNES, J. H. A Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI). In: A. C. F. Ferreira, R. T. Martins. (orgs.). *Linguagem e Tecnologia*. 1ª ed. Campinas: RG, 2012.
- ORLANDI, E. (1999) *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. (1988). *Discurso e leitura*. 8ª ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2008.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP: Editora Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas-SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.
- ORLANDI, E. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In.: DIAS, C.P. (Org.). *Formas de mobilidade no espaço E-urbano: sentido e materialidade digital*. v. I. Campinas, SP: Labeurb/Nudecri, 2013.
- ORLANDI, E. P. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Editora Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1975].
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1982].
- PFEIFFER, C. C. Definir (,) um percurso. In: ORLANDI, E. (Org.). *Para uma enciclopédia discursiva da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

# De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente

Silmara Dela Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

*Para nós que trabalhamos com linguagem, a abstração produzida pelas TI [Tecnologia da Informação] não dobra a história e a memória da reflexão sobre a linguagem, simplesmente apaga ambas.*  
Eni Orlandi (2003, p. 17)

## ► 1. Da proposta

Um dos aspectos que particularizam o trabalho de produção da *Enciclopédia audiovisual virtual de termos da Análise do Discurso*, a que temos nos dedicado no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS) desde setembro de 2013 (MARIANI, 2013)<sup>1</sup>, são as gravações e edições em vídeo de cada verbete que a compõe. Neste artigo, voltamos nossa atenção a esse processo de produção, com o propósito de compreendê-lo discursivamente, enquanto uma prática que, embora pressuponha uma técnica, ganha existência por sujeitos que se constituem sócio-historicamente e, como tal, produz sentidos. Propomos, assim, um deslocamento no olhar que tradicionalmente é dirigido aos vídeos, observados enquanto produtos decorrentes de uma técnica, para pensa-los em seu processo de produção, que sempre se dá em condições específicas.

1 Sobre a escrita do projeto e a execução do trabalho, cf. artigo de Mariani, B. e Medeiros, V. *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, neste livro.

No percurso que aqui apresentamos, tomamos como ponto de partida estudos no campo da Comunicação Social e do Cinema, lugares do saber em que costumeiramente se encontram teorizações sobre a produção de vídeos e, sobretudo, procedimentos técnicos para elaboração de roteiros, sua gravação e edição. Nesta breve revisão teórica, consideramos tais estudos como constitutivos de um discurso sobre (MARIANI, 1998) os vídeos e sua produção. Para compreender esse discurso, voltamo-nos também à história da produção em vídeo que, no Brasil, é determinante para o modo de funcionamento da mídia, inicialmente a televisão. Pensamos, assim, nas condições de produção que colocam em cena os vídeos, com a chegada do videoteipe no país, no início da década de 1960, e sua ampla circulação na atualidade, possibilitada pelo acesso a aparelhos, como os celulares e *tablets*, que permitem a gravação e difusão quase que instantânea de produções em vídeo na rede eletrônica, em particular, no *Youtube*, *site* de compartilhamento de vídeos, e nas redes sociais. Finalizamos com uma reflexão acerca dos deslocamentos necessários propostos pela Análise de Discurso a respeito das técnicas de produção, geralmente associadas aos vídeos enquanto produtos, para pensa-los como processos discursivos, que se constituem em relação a sujeitos, em uma dada conjuntura sócio-histórica<sup>2</sup>.

No processo de gravação e edição dos vídeos que trazem os verbetes da *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos da Análise do Discurso e áreas afins*, é ao sujeito na posição de analista que esses discursos sobre a técnica de vídeos se colocam, promovendo a passagem de uma posição em que costumam importar somente as análises dos discursos dos/nos vídeos, para um lugar que se quer de sua produção. Os vídeos e as suas práticas de produção deixam, assim, a condição de materialidade significante a ser analisada, para serem alçados ao lugar de materialidade a ser produzida e posta em circulação; ao mesmo tempo em que o

---

2 Neste ponto, as reflexões desenvolvidas no âmbito do projeto de produção da Enciclopédia supracitada (MARIANI, 2013) vão ao encontro das pesquisas que tenho desenvolvido, acerca das relações entre discurso, mídia e sujeitos. Em especial, menciono o projeto de pesquisa docente "Do acontecimento jornalístico às práticas discursivas: o sujeito no discurso da e na mídia", em andamento (Edital Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ 2015/2017).

analista passa a ocupar também a posição de produtor de tecnologia. Sobre esse processo, pensamos ser necessário refletir.

Como nos lembra Orlandi: “a posição do sujeito da informação e o modelo tecnológico disponível atualmente estão constituídos em um mesmo funcionamento discursivo histórico” (ORLANDI, 2003, p. 17), o que não costuma ser levado em conta. Conforme Orlandi (2003), a produção técnica é com frequência considerada como decorrente de ações individuais, desconectadas de seu funcionamento histórico, em um processo que promove um apagamento da linguagem. Pensar discursivamente os vídeos que constituem a *Enciclopédia audiovisual virtual* pressupõe justamente considerar seu processo de produção que, embora contemple uma técnica, não prescinde dos sujeitos – sujeitos de linguagem – em seus gestos de interpretação.

## ▶ 2. Do vídeo e suas técnicas: um discurso sobre

Começamos esta nossa reflexão acerca do discurso sobre a produção em vídeo e as suas técnicas, formulando uma questão aparentemente banal: o que afirmamos acerca da *Enciclopédia audiovisual virtual de termos da Análise de Discurso* quando dizemos que ela é uma produção em vídeo? De imediato, podemos observar que promovemos uma substituição contextual (PÊCHEUX, [1969] 1997a) entre audiovisual e vídeo, o que significa que retomamos, em alguma medida, uma discursividade sobre os vídeos e a sua produção, que circula em nossa formação social.

Como afirma Mariani (1998, p. 60, itálicos da autora): “Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória.”. No caso dos discursos sobre os vídeos e a sua produção, que aqui nos interessam, pensamos que esse efeito de homogeneidade da memória se dá via os discursos da mídia e suas práticas, materializados especialmente na literatura das áreas da Comunicação Social e do Cinema que, por meio da teorização sobre vídeos e das práticas relativas à sua produção e circulação, fazem estabilizar sentidos para o objeto sobre o qual falam.

Esses dizeres funcionam, assim, como “lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento” (Mariani, 1998, p. 60), produzindo como efeito uma naturalização de sentidos.

Em consulta ao *Dicionário de Jornalismo* (BAHIA, 2010), vemos que se destaca a polissemia do verbete vídeo:

**Vídeo.** Elemento **visual** de uma transmissão de TV ou de uma obra cinematográfica. Palavra de origem latina, significa **ver**.

Uma das três modalidades do processo de comunicação, juntamente com o **discurso** (conteúdo léxico da mensagem) e o **áudio**, usual tanto na TV como no cinema.

Elemento que descreve a imagem, através de um **roteiro** ou **script**. Nesse sentido, o oposto de **áudio**.

Parte dos componentes de um **receptor** de TV empregados para a reprodução da imagem.

**Tela** de TV. Televisão. Tela de computador. O próprio monitor ou a tela onde aparecem as imagens. (BAHIA, 2010, p. 389, negritos do autor)

No conjunto das acepções desse verbete no dicionário, temos que vídeo produz efeitos de sentidos diversos, que vão do elemento visual e o próprio ato de ver, ao equipamento que transmite imagens em sua tela, como a televisão e o computador. Chama-nos a atenção, em especial, a associação de Bahia (2010, p. 389) do vídeo a uma “modalidade do processo de comunicação”, que assim se diferenciaria do “discurso”, explicado pelo autor como “conteúdo léxico da mensagem”, e também do áudio. Quando dizemos que a *Enciclopédia audiovisual virtual* é uma produção em vídeo, retomamos em parte esse discurso sobre os vídeos, tomados enquanto uma produção audiovisual, ao apontarmos para elementos que, de algum modo, os constituem: os sons e as imagens.

Esta relação entre som e imagem também se marca no verbete que trouxemos de Bahia (2010), que ainda aponta, no entanto, para uma relação de oposição entre eles (em: “o oposto de áudio”). Ou seja, por um lado, áudio e vídeo são modalidades que se aliam no chamado processo de comunicação, na televisão e no cinema. Por outro lado,

vídeo é justamente aquilo que áudio não é, quando tomada a sua função de descrever a imagem e não o som. Nessas acepções, temos que áudio e vídeo estabelecem relações entre si, o que também pressupõe a possibilidade de seu funcionamento em separado.<sup>3</sup> Essa possibilidade de separação é ainda reafirmada pela menção de Bahia (2010) ao discurso, tomado como “conteúdo léxico da mensagem”, como a linguagem verbal.

Nessas acepções do dicionário, vemos que a polissemia de vídeo não se distingue muito dos diferentes modos como se tomaria o termo no senso comum. Vídeo associa-se a imagem, enquanto áudio, por sua vez, relaciona-se ao som. Do mesmo modo, o discurso é compreendido como um emprego do léxico, provido de conteúdo. Fica pressuposto, nessa acepção, que discurso, vídeo e áudio – elementos considerados constituintes do processo de comunicação pelo autor –, são independentes em seu funcionamento, podendo ser mobilizados ou não pelos sujeitos na posição de comunicadores. O que não se considera, desta posição do comunicador, é que o discurso não se confunde com a língua, mas se constitui em relação a ela, conforme nos diz Orlandi (2001), sendo a língua (e não um conteúdo léxico) “condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2001, p. 22), então entendido como “efeito de sentidos” (PÊCHEUX, [1969] 1997a, p. 82).

Um outro ponto normalmente desconsiderado ao se dizer sobre áudio e vídeo é quanto à natureza da relação entre eles. Se entendemos o discurso como efeitos de sentidos, temos no áudio, entendido enquanto sonoridade, e no vídeo, enquanto o imagético, diferentes materialidades que, ao serem combinadas, produzem efeitos de sentidos conjuntamente, o que não se dá fora da linguagem. Conforme Lagazzi (2011), é preciso considerar as especificidades de cada materialidade significativa, o que não significa

3 Nessa acepção, entendemos que ressoam sentidos que decorrem da imagem e do som enquanto elementos em suas especificidades, como tratados por Chion (2008). Ao abordar o som e a imagem no cinema, Chion (2008, p. 15) afirma: “A percepção sonora e a percepção visual, comparadas entre si, são muito mais díspares do que se imagina. Se temos pouca consciência disso é porque, no contrato audiovisual, estas percepções se influenciam mutuamente e emprestam uma à outra, por contaminação e projeção, as suas propriedades respectivas.”. Em seus estudos, Chion (2008) irá abordar o modo como o sonoro e o imagético funcionam no cinema, a partir de suas propriedades físicas, produzindo o que o autor chamará de “ilusão audiovisual”.

que a relação entre elas seja de complementaridade. Retomando Orlandi (1999)<sup>4</sup>, Lagazzi afirma que “não se trata de analisarmos a imagem e a fala e a musicalidade, por exemplo, como crescemos uma da outra, mas de analisarmos o material no entremeio de seu conjunto” (Lagazzi, 2001, p. 276), uma vez que a relação entre eles é de composição.

Quando afirmamos que a *Enciclopédia audiovisual virtual* é composta por vídeos, em que pesquisadores da área apresentam noções teóricas do campo da Análise de Discurso (MARIANI, 2013), retomamos também uma memória discursiva (ORLANDI, 2001a) sobre os vídeos que os inscrevem enquanto produção audiovisual. A memória discursiva, como afirma Orlandi, é “o saber discursivo que torna possível todo dizer [...] o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” (2001a, p. 31). Logo, retomamos a memória dos vídeos como produtos de uma tecnologia que possibilita a gravação, edição e posterior circulação em formato audiovisual dessas gravações, no caso, realizadas com pesquisadores da área de Análise do Discurso.

Esse já-dito sobre os vídeos também tem lugar nas áreas da Comunicação Social e do Cinema, espaços em que, como vimos afirmando, tradicionalmente se dá a produção em vídeo. Dessa perspectiva, os vídeos são costumeiramente concebidos como produtos, que decorrem de um roteiro e de uma execução específicos, e que buscam atingir um determinado público-alvo, cumprindo, assim, a sua missão de comunicar, transmitindo um conteúdo. Concebidos como produtos, os vídeos, bem como os demais produtos decorrentes das chamadas tecnologias de informação e comunicação, instauram, assim, uma “posição de produtores de tecnologia”, posição que, como aponta Orlandi (2003, p. 17), traz consigo um sujeito “curiosamente autônomo para escolher, se informar, e agir”.

Dessa perspectiva, o que não se considera é que pensar os vídeos desse modo, como produtos, é toma-los como um mero processo de transmissão de informações, em uma linearidade em que se tem, de

4 Trata-se de uma menção de Lagazzi (2011) à primeira edição da obra *Análise de discurso: princípios e procedimentos*, referida ao longo deste texto em sua terceira edição (ORLANDI, 2001a).

um lado, um produtor de tecnologia, munido de aparatos como uma câmera e, na atualidade, um programa de computador voltado à edição de áudio e vídeo, e de outro, um receptor. O vídeo, enquanto produto, funcionaria então como uma mensagem a ser transmitida, como se o sentido pudesse ser um, como se mensagem houvesse e não processo de produção de sentidos. É esse o já-dito sobre os vídeos que se encontra, por exemplo, na afirmação de Santoro (1989, p. 17), em: “... chamaremos de vídeo não os equipamentos, mas o processo de transmissão de mensagens gravadas (...) produzidas eletronicamente...”.

Os vídeos, enquanto produtos comunicacionais e como meios que buscam transmitir uma informação, demandam, dentre outras coisas, técnicas específicas para a sua produção. Questões como enquadramento de imagens, planos e velocidade da informação a ser disponibilizada fazem parte desse conjunto de técnicas que o “bom comunicador” busca aprender e usar a seu favor na hora de efetivar suas produções em vídeo. Nos termos de Harris Watts: “Uma das dificuldades (e prazeres) da produção são os diversos procedimentos técnicos que os produtores esperam dominar – tudo, desde animação até objetiva *zoom*.” (WATTS, 1990, p. 15). Aos produtores de tecnologia compete, assim, “dominar procedimentos técnicos”, de modo a assegurar em suas produções a transmissão da mensagem esperada.

Nesse discurso sobre os vídeos e a sua produção temos, como afirma Orlandi, um trabalho “já sob o efeito da existência de um objeto, de um produto chamado informação. E da existência de uma circulação possível desta informação através da língua natural, computacional, para além do trabalho de interpretação.” (ORLANDI, 2003, p. 17)<sup>5</sup> Embora Orlandi (2003) faça tais considerações a respeito das tecnologias de informação para pensar o digital, ao se voltar às especificidades de uma *Enciclopédia Discursiva da Cidade* com circulação na rede eletrônica, lançamos mão dessas suas observações porque entendemos que elas também dizem muito

5 Orlandi (2003) faz essa observação ao retomar o trabalho de C. Wanderley, que integra a obra por ela organizada, que trata de modo mais específico do discurso eletrônico na construção do sistema da Enciclopédia Discursiva da Cidade (ENDICI).

desse discurso sobre as tecnologias de produção de vídeos. São sentidos estabilizados, que funcionam conjuntamente à própria concepção da mídia como meio de comunicação de massa ou veículo de transmissão de informações. São discursos que, conforme Orlandi (2003, p. 17), alinham-se a uma “prática liberal da circulação da informação”, e que como trouxemos na epígrafe deste trabalho, promovem um efeito de apagamento da história e da memória, na reflexão sobre a linguagem.

### ► 3. Das técnicas ao processo: os vídeos como prática discursiva

Para que possamos pensar os vídeos em seus processos de produção de sentidos, de modo a desestabilizarmos os já-ditos que mostramos funcionar nos discursos que de modo predominante circulam a respeito de sua produção e circulação, temos de nos lembrar que esses sentidos têm uma história, estando relacionados, no caso do Brasil, ao próprio movimento de constituição da mídia no país.

É corrente nas obras que tratam da história da mídia no Brasil a afirmação de que é a possibilidade de gravação em vídeo, proporcionada inicialmente pelo surgimento do videoteipe, que resultou no efetivo funcionamento da televisão, possibilitando posteriormente a sua consolidação como grande mídia (DELA-SILVA, 2008), ou seja, como um lugar privilegiado de formulação e constituição de sentidos, como temos afirmado, e com ampla circulação junto aos sujeitos.<sup>6</sup> O videoteipe começa a ser usado no Brasil no ano de 1962, possibilitando às emissoras de televisão, em funcionamento no país há uma década, a gravação de

6 Encontramos essa afirmação, por exemplo, em Mattos (2010), que ao tratar do modo com as telenovelas surgiram e se consolidaram na programação televisiva brasileira, diz: “o videoteipe só surgiu na década seguinte [1960] e foi um dos fatores decisivos para o desenvolvimento deste gênero de programa [telenovelas] no Brasil.” (MATTOS, 2010, p. 90). Brandão (2010, p. 54), por sua vez, afirma: “Com a chegada do videoteipe, em 1962, muitos programas ganham uma circulação mais ampla. A televisão começa a se implantar como veículo de massa.”. Paternostro (2006) também destaca os efeitos do videoteipe para a televisão no Brasil. Nos termos da autora: “Em 1960, chega ao Brasil uma grande novidade: o equipamento de videotape. [...] Estava inaugurada a revolução do VT: operações atualizadas, racionalização da produção, economia de custo e de tempo, melhor qualidade nos programas.” (PATERNOSTRO, 2006, p. 21).

seus programas para posterior exibição. Com a possibilidade trazida pelo videoteipe de registrar em fitas magnéticas os seus variados programas, as emissoras de TV conseguem ampliar sua grade de programação, o que será decisivo para a sua consolidação junto ao público.

A gravação possibilitada pelo videoteipe, ao mesmo tempo em que aparece como marco no discurso sobre a mídia no Brasil, também produz seus efeitos no discurso sobre a prática de produção de vídeos. No verbete videoteipe de seu dicionário, Bahia (2010, p. 390) atribui a este recurso a capacidade de pluralizar a linguagem da TV, ao se configurar como um dispositivo que permite “trucagens e outros recursos técnicos”. Bahia destaca ainda o modo como a possibilidade de gravação de áudio e vídeo, inaugurada com o videoteipe, permitiria a instrumentalização de “processos educativos, científicos, de pesquisa, clínicos, artísticos etc.” (Bahia, 2010, p. 390). À gravação, vemos associadas, assim, a possibilidade quase que irrestrita de circulação que com ela se abre, bem como as técnicas de alterações da imagem e produção de efeitos especiais, as tais “trucagens” que são mencionadas por Bahia (2010, p. 390).

Esse funcionamento da tecnologia que permite gravações e seus impactos voltou a comparecer fortemente no campo da Comunicação Social recentemente, em decorrência das facilidades trazidas pelas câmeras de celulares e *tablets*, que proporcionam a qualquer sujeito, munido desses equipamentos, registrar áudios e vídeos, bem como disponibilizá-los na rede eletrônica, em *sites* como o *Youtube*, ou em redes sociais quase que instantaneamente. Os discursos sobre as mídias passam a incorporar discussões a respeito da chamada hipermídia, reflexões sobre o chamado jornalismo participativo e a era cidadã nas comunicações (CAVALCANTI, 2008).

Contudo, a separação entre os sujeitos e as imaginárias mensagens produzidas pela mídia se mantém. É o que podemos observar, por exemplo, na afirmação de Ferrari, a respeito da hipermídia: “No caso das narrativas midiáticas, o foco muda e o poder de escolha passa para as mãos do leitor. Ele é o sujeito da ação.” (FERRARI, 2008, p. 12). E prossegue: “O que muda do esquema clássico [esquema de comunicação de Jakobson] para a relação atual na mídia digital é que [...] agora a escolha do leitor torna-se

diluída pelos recursos multimidiáticos do meio digital.” (FERRARI, 2008, p. 12). Assim, afirma-se a centralidade no sujeito que recebe a informação enquanto um produto, agora com um funcionamento outro dado pelo digital, mas, ainda assim, um produto.

Em todos os casos, temos que no discurso sobre os vídeos e a sua produção funciona um já-dito que separa a linguagem, o sujeito e os efeitos de sentidos; um dizer que aparta as técnicas de produção, dos produtores de tecnologia, dos vídeos enquanto produtos que resultam desse encontro. Pensar os vídeos discursivamente, como propomos na elaboração da *Enciclopédia audiovisual virtual*, pressupõe inscrever sentidos para as gravações que produzimos em outras memórias discursivas, considerando os vídeos como produções que decorrem de tecnologias sim, mas que são constituídos sócio-historicamente, em um trabalho de linguagem e de sujeitos em posições ideológicas específicas.

Quando pensados somente como produtos, os vídeos adquirem um caráter instrumental, o que necessariamente apaga a indissociável relação entre suas condições de produção e circulação. Enquanto produtos, cada vídeo comporta em si um efeito de completude, e como qualquer materialidade significativa, produz sentidos. O que não se pode perder de vista é que se trata de um efeito de completude e de um efeito de sentido possível, que sempre se inscreve em meio a outros mais. Em uma de suas reflexões, Orlandi (2001, p. 9) nos fala de como o discurso é, ao mesmo tempo, constituição (“a partir de uma memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo); formulação (“em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas”); e circulação (“em certa conjuntura e segundo certas condições”). Orlandi (2001, p. 9) afirma ainda: “É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”. Quando olhamos para os vídeos para além de sua imaginária condição de produto, permitimo-nos pensar em seus processos de formulação, um processo discursivo de retomada de sentidos e de constituição de sujeitos. É o que Lunkes (2016, neste livro) nos dá a saber, por exemplo, ao retomar o processo de implementação do projeto de pesquisa e as discussões teóricas que antecederam a filmagem

de cada verbete, bem como seus processos de edição. Em seus termos: “os integrantes [do projeto] envolvem-se com o processo de edição, exigindo um retorno ao material e a revisão do que está sendo construído”, o que necessariamente coloca em suspenso o caráter de mero produto, ao dar ênfase ao processo de constituição dos vídeos enquanto discurso e, em consequência, dos sujeitos em posição de pesquisadores, produtores de tecnologia. E é também o que Trajano (2016, neste livro) permite-nos refletir, ao tratar dos recursos técnicos como “gestos de direcionamento da interpretação” e questionar a relação dos objetos audiovisuais em sua recepção. Como afirma Trajano: “Esta impossibilidade de controle [dos sentidos] é o que impulsiona as tentativas de assegurar, por meio de uma insistência na mobilização de determinados gestos, os sentidos que o espectador pode e deve ver/ler/escutar.”

Distanciando-nos, assim, da perspectiva instrumental que toma os vídeos como servindo apenas à divulgação de informações, que mostramos ser corrente no discurso sobre a produção de vídeos no percurso que empreendemos nos campos da Comunicação Social e do Cinema, e assumindo a nossa posição de analistas de discurso, temos buscado pensar a prática de produção dos pequenos vídeos que irão constituir em seu conjunto a *Enciclopédia audiovisual virtual de termos da Análise de Discurso* enquanto um processo: um processo de estudos e aprimoramento dos pesquisadores do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF); e também um processo de produção e circulação de sentidos sobre o campo teórico dos estudos do discurso, portanto, um processo discursivo (PÊCHEUX, [1975] 1997; ORLANDI, 2001).

Isto porque o analista na posição sujeito de produtor de tecnologia, no caso, ao produzir vídeos, coloca-se no lugar da formulação de discursos, e formular, como nos lembra Orlandi (2001, p. 9) “é dar corpo aos sentidos.”. Estabelece-se, assim, um novo posicionamento teórico a ser assumido pelo analista de discurso, alçado à posição de produtor de tecnologias que não são quaisquer, mas sim tecnologias de linguagem.

Entender cada produção do grupo e cada uma das etapas de pesquisa como um processo discursivo, assim como cada um dos vídeos que temos produzido, pressupõe pensar que cada um desses processos significa

sócio-historicamente para e por sujeitos, como afirma Orlandi (2001a), ao discorrer a respeito do funcionamento discursivo. A Análise de Discurso preconiza que os discursos funcionam, isto é, produzem efeitos de sentidos, quando referidos às suas condições de produção (PÊCHEUX, [1969] 1997a, ORLANDI, 2003a). Desse modo, o discurso é um processo linguístico-histórico e enquanto tal é que deve ser analisado. Os vídeos, em sua materialidade específica audiovisual, constituem também discursos, o que significa afirmar que eles não possuem conteúdos em si mesmos, mas produzem efeitos de sentidos para e por sujeitos.

Em 1981, Michel Pêcheux, em seu clássico texto intitulado “Ler o arquivo hoje”, irá estender essa reflexão sobre o discurso para o funcionamento tecnológico de criação e gestão dos chamados banco de dados, que começavam a ser amplamente viabilizados pela ascensão da informática. Distanciando-se da proposta de pensar os arquivos enquanto simples produtos armazenados pela máquina, Pêcheux ([1981] 2010) direciona o seu olhar para o gesto que constitui tais arquivos e para as suas leituras (im)possíveis. Nos termos de Pêcheux ([1981] 2010, p. 51), trata-se de “marcar e reconhecer as evidências práticas que organizam essas leituras, mergulhando a ‘leitura literal’ (enquanto apreensão do documento) numa ‘leitura’ interpretativa – que já é uma escrita”, de modo a instaurar “um espaço polêmico das maneiras de ler”. Do mesmo modo, diante dos vídeos que decorrem de nosso projeto, é um exercício deslocarmo-nos em relação ao olhar que se volta exclusivamente ao produto para pensa-los enquanto práticas que são inscritas sócio-historicamente.

É certo que as questões que normalmente são pensadas do âmbito exclusivo da técnica, em nosso projeto também demandam reflexões. Os enquadramentos possíveis da imagem, os limites da câmera, o gesto que (não)edita, a trilha sonora, a geração de caracteres ao final de cada vídeo, dentre tantas outras questões que perpassam o gesto de produção dos vídeos da pesquisa têm sido pensadas justamente desse modo: enquanto gestos que, conforme Pêcheux ([1969] 1997a, p. 78), são “atos no nível simbólico”, que inscrevem sentidos. Assim pensados, tais gestos se tornam mais que simples escolhas de um sujeito; tornam-

se práticas de significação para e por sujeitos, que, como sabemos, produzirão determinados efeitos de sentido e não outros, possibilitando, assim, gestos de interpretação (ORLANDI, 1996).

A nosso ver, esse é o desafio do analista de discurso que, para além da análise, assume colocar-se no lugar da produção e da circulação de sentidos na posição de produtor de tecnologias: ele considera que, sustentando a câmera que filma, há condições de produção específicas; e que constituindo o sujeito que segura a câmera, e que, imaginariamente, escolhe as tomadas que enquadrarão a cena, há uma tomada de posição (PÊCHEUX, 1990)... uma tomada de posição entre outras, que privilegia certos sentidos e não outros.

### ► Referências

BAHIA, J. *Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia: século XX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRANDÃO, C. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Orgs.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 37-55.

CAVALCANTI, M. (Org.). *Eu, mídia: a era cidadã e o impacto da publicação pessoal no jornalismo*. Rio de Janeiro: OPVS, 2008.

CHION, M. *A audiodivisão: som e imagem no cinema*. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

DELA-SILVA, S. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 225 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

FERRARI, P. O impacto da hipermídia na democracia digital. In: CAVALCANTI, M. (Org.). *Eu, mídia: a era cidadã e o impacto da publicação pessoal no jornalismo*. Rio de Janeiro: OPVS, 2008. p. 5-14.

LAGAZZI, S. Análise de discurso: a materialidade significante na história. In: DI RENZO, A.; MOTTA, A.L.A.R.; OLIVEIRA, T.P. (Orgs.). *Linguagem, história e memória: discursos em movimento*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2011. p. 275-290.

MARIANI, B. *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro: Faperj, 2013.

\_\_\_\_\_. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas-SP: Unicamp, 1998.

MATTOS, S. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

ORLANDI, E. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas-SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003. p. 7-20.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4 ed. Campinas-SP: Pontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 3 ed., Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PATERNOSTRO, V.I. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PÊCHEUX, M. [1981]. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

\_\_\_\_\_. [1983]. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi... [et al.]. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Tradução de Bethania Mariani... [et al.]. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161.

SANTORO, Luís Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo: Summus, 1989.

WATTS, Harris. *On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. Trad.: Jairo Tadeu Longhi. São Paulo: Summus, 1990.

# Sujeitos, sentidos e(m) rede: práticas discursivas (d)e direcionamentos da interpretação no meio eletrônico urbano

Raphael de Moraes Trajano

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/CAPES/LAS

*[...] nesse vai-e-vem dos teóricos, dos cientistas, dos filósofos da ciência [...] que os sentidos circulam na materialidade dos gestos de interpretação, quando entramos no discurso eletrônico e na sua memória (discursiva). Sem parada. Sem sursis. Em um processo de significação que se movimenta o tempo todo em todos os lugares.*

(Eni Orlandi, 2013)

*[...] ao mesmo tempo em que os pontos e os nós compõem a geometria do trançado, há espaços de brechas, desvãos e buracos, que criam poros abertos, por onde escorregam vazios, escapam silêncios, escorrem os não-ditos e interditos.*

(Lucília Romão, 2004)

## ► 1. Introdução

Fazer (produzir) e escrever sobre o que se faz (produz): eis o desafio que este projeto de pesquisa impõe.

A inclinação à escrita deste artigo se dá a partir de inquietações teóricas, analíticas e metodológicas que me vêm enquanto pesquisador vinculado a um projeto de construção de uma enciclopédia audiovisual virtual, filiado ao campo teórico da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1975; ORLANDI, 1984) e afetado pela injunção a corresponder ao que se espera de um sujeito dito, atualmente, “antelado”, “conectado” etc., o qual adentrou um século (XXI) que “nasce com marcas de silício nas

veias, embalado pelo ideário de liberdade construído a partir da explosão das tecnologias de comunicação” (ROMÃO, 2004, p. 71). Os traços deste século, no que concerne ao advento de inovações tecnológicas incessantes,

imprimem outra forma de mediação da linguagem, no caso, mediada pela máquina na rede digital, apontando assim um outro modo de funcionamento discursivo. Isso porque, além de possibilitar a vivência da mobilidade, ubiquidade, a sociedade em rede [...] vive também a abertura para a possibilidade do encontro, no espaço digital, com o outro. (GARCIA; SOUSA, 2016, p. 85).

À abertura para a possibilidade de encontro com o outro, apontada pelas autoras, acrescento a iminência da abertura para impossibilidades, limites, desencontros, enquanto oriundos da falha, do equívoco, constitutivos da linguagem em qualquer que seja o espaço em que se podem estabelecer relações entre sujeitos. Isto porque “[a] interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão” (ORLANDI, 2013, p. 4).

Minhas já mencionadas inquietações se alinham, como já dito, a uma demanda produzida pela realização do projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, um projeto que visa desenvolver uma *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*.

Em face deste processo, a primeira pergunta que me fiz foi: como se constitui um trabalho desta competência, em que se relacionam o tradicional e o inovador, encorpando um objeto movente construído com a intervenção de inúmeros pesquisadores, cujas práticas se atravessam, tanto os protagonistas dos verbetes gravados em vídeos, quanto os que atuam nos bastidores (professores, graduandos, mestrandos e doutorandos)? Um trabalho que envolve a escolha dos pesquisadores colaboradores, a gravação em si dos verbetes, a preparação do suporte técnico, do ambiente; enfim, as condições históricas de produção de um objeto dinâmico.

Neste escrito, em específico, decidi refletir sobre a hipótese de se abordar as produções áudio-visuais enquanto práticas discursivas, nas quais se inscrevem marcas possíveis de serem trabalhadas em procedimentos

analíticos. Trata-se dos recursos técnico-tecnológicos mobilizados na produção de discursos convencionalmente tomados como peças eletrônicas, digitais, atravessados ou não pelo artístico (em representações pictóricas, áudio-visuais, musicais, corporais), publicadas na Internet.

No fluxo de reflexões como as de Orlandi (2013), considero que a mobilização de qualquer aparato técnico ou tecnológico pode e deve ser abordada, a partir de sua materialidade, como gesto de interpretação, copartícipe de uma prática. Uma prática que movimentava espaços, impulsionando gestos de leitura, em seus diferentes domínios do conhecimento, com a especificidade de se constituírem na polêmica das leituras no espaço digital<sup>1</sup>. Isto sem perder de vista, conforme sublinhado por Dela Silva (2016)<sup>2</sup>, “o desafio do analista de discurso que, para além da análise, assume colocar-se no lugar da produção e da circulação de sentidos na posição de produtor de tecnologias”.

## ▶ 2. Discurso e(m) ditas “plataformas interativas”: sobre processos de interlocução no meio eletrônico urbano

Conforme Dias (2011), o espaço urbano e o espaço digital se sobrepõem e se significam. Desse modo, trata-se de espaços em que se podem observar as relações sociais, os efeitos de sentido, o funcionamento da ideologia, do político, dos conflitos, das tensões, enfim, “o real dessa relação de mão dupla entre o eletrônico e o urbano” (DIAS, 2011, p. 1). Ou seja, ambos não estão apartados um do outro, mas se entreatravessam mutuamente, de modo que não se possa demarcar onde um começa e o outro termina - **eletrônico e(é) urbano**.

É importante reiterar, com Costa (2016), o fato de a tecnologia não ter simplesmente acontecido, mas se constituir como “resultado de

1 Cf. Dias (2016), artigo *Por uma definição da enciclopédia da análise do discurso: processos de produção de tecnologia no campo das ciências da linguagem*, neste livro.

2 Cf. Dela Silva (2016), artigo *De produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente*, neste livro.

agitações subjetivas na história. Isto é, sujeitos e práticas estão imbricados em tudo o que se pode chamar de tecnológico”<sup>3</sup>.

As estruturas do que se costuma denominar, em termos técnicos, de plataformas interativas da Internet (BURGESS & GREEN, 2009), prevêm o estabelecimento de inúmeras relações entre sujeitos, em que se pode notar o discurso eletrônico significando o social na ordem do discurso urbano (DIAS, 2011). Uma dessas plataformas, a mais popular no mundo, é o *Youtube.com*, um espaço digital – urbano – em que sujeitos postam vídeos, assistem, comentam, são direcionados a outros objetos por meio de palavras-chave e os podem compartilhar em redes sociais interligadas.

No *Facebook*, por exemplo, um perfil de sujeito é gradativamente “montado” com base em suas preferências, na regularidade de suas postagens, assim se constituindo sua *timeline* (linha do tempo), que descreve os movimentos do sujeito na rede social, de maneira cronológica, construindo-se uma memória que se supõe estável, a qual se dá pelo acúmulo, não pela historicidade – uma memória metálica (ORLANDI, 2010). Cabe lembrar aqui um dizer que circula socialmente e faz referência a esta ilusão de completude do/no digital: “Se não está no *Google*, não existe”.

O funcionamento da Internet enquanto meio e das redes sociais em que os vídeos circulam prevê diferentes movimentos que têm a ver com a relação estabelecida entre o sujeito e a disponibilidade que o coloca diante de um vídeo.

Pensando sobre o projeto que deu vida aos artigos publicados neste livro, um projeto que tem como escopo a divulgação científica em Análise do Discurso, dois direcionamentos são possíveis após a publicação dos verbetes audiovisuais. Tanto pode o sujeito chegar ao discurso conduzido por um gesto de busca a algo de que ouviu falar, entrando em contato com diversos *links*, quanto pode, em um movimento inverso, o vídeo chegar ao sujeito por intermédio de outros vídeos, de compartilhamentos

---

3 Cf. Costa (2016), artigo *Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre a significação dos objetos*, neste livro.

ou marcações em redes sociais, de propagações em sítios específicos, de indicações por e-mail, *etc.*

Ao final das produções, inicia-se a largada em processos de visualização, indicação e compartilhamento possíveis e passíveis de contarem com direcionamentos no modo como se efetua a divulgação, mas impossíveis de serem controlados no que tange a sua recepção e repercussão.

Observe-se a imagem a seguir:



Figura 1. O funcionamento de uma plataforma interativa tomada discursivamente como espaço de interlocução

No funcionamento do sítio *Youtube.com*, observa-se, centralizada, uma barra de pesquisas que remete o espectador ao vídeo procurado, no bojo de um procedimento que se evidencia como da ordem de um automatismo. O sujeito espectador também tem acesso à quantidade de visualizações, assim como de apreciações positivas e negativas daqueles que já assistiram ao vídeo, representadas imagetivamente por pequenas mãos fazendo sinais de positivo (gostei) ou de negativo (não gostei). À direita, demonstra-se a relação entre o vídeo assistido e outros supostamente a ele interligados.

A imagem acima representa o resultado da busca por um nome no *Youtube.com*. Ao digitar o nome próprio da pesquisadora “Eni Orlandi”, no espaço reservado para pesquisas, somos conduzidos a inúmeros vídeos

em que a autora, precursora da reterritorialização e da divulgação da Análise do Discurso no Brasil, comparece: entrevistas, conferências, mas não só. Por meio de uma associação promovida pelo que é da ordem da logicidade da máquina, somos levados a quaisquer vídeos que estabeleçam todo tipo de relação possível ou suposta conexão lógica com o nome “Eni Orlandi”: vídeos sobre Eni Orlandi ou associados a algo que se possa interligar ao sujeito e suas práticas como autora, professora e pesquisadora. Portanto, em sua dispersão constitutiva, a Internet funciona constituindo uma memória sobre a qual se imagina tudo abranger.

A questão do alcance e da recepção de um objeto audiovisual é inestimável, incontornável, inimaginável, assim como sua repercussão social. Publicar uma aula, um texto, uma opinião, um quadro ou qualquer apresentação artística, por conseguinte, é sempre da ordem do “não saber no que vai dar”, por mais que quem publique idealize ter em vista um tipo de público alvo. No caso do projeto da enciclopédia audiovisual virtual coordenado pela professora Bethania Mariani e desenvolvido no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/UFF), desde 2013, projeta-se ter como público alvo estudantes de Letras e áreas afins, que podem estabelecer um contato com a Análise do Discurso, no seio das inovações tecnológicas contemporâneas. Nada impede, no entanto, a (re)produção espontânea de outros movimentos, movimentos imprevisíveis, inimagináveis. Isto é, nada impede que tais projeções sejam surpreendidas por um inesperado que se constitua a partir da disponibilidade de um material posto em circulação. Embora demande investimentos em termos de direcionamento de sentidos, tendo em vista se tratar de práticas científicas institucionalizadas, não há quaisquer garantias de controle absoluto da efetividade no/do que se projeta, antecipadamente, em termos de alcance e recepção.

Esta imprevisibilidade e impossibilidade de controle sobre o alcance, a recepção e repercussão do que circula na Internet abre para “a divulgação e a circulação de outros dizeres que afetam o funcionamento da sociedade” (GARCIA; SOUSA, 2014). Pensando para além da utilização do meio eletrônico como ferramenta de divulgação, pode-se dizer que sua mobilização permite, inclusive, constituir “um espaço para a militância,

para que os sujeitos silenciados pela sociedade tenham voz, digam sobre seus desejos, medos, lutas” (GARCIA; SOUSA, *ibid.*).

Não é plausível deixar de abordar, ainda que minimamente, aquilo que vem a constituir este espaço simbólico de que tanto se tem falado até aqui. Espaço este, antes de tudo, no qual sujeitos (se) significam, isto é, produzem sentidos. Nele, operam mecanismos que tornam possíveis inúmeros gestos discursivos, tanto da parte de quem participa da produção e publicação de um vídeo, quanto da parte de quem confere o que Dias (2013) chama de *audiência*. Tal audiência, com potencial para fazer circular incontrolavelmente, gerando mais compartilhamentos, comentários e/ou novas apreciações, atua retroalimentando *ad infinitum* um espaço que funciona – como já estamos avisados – pela “memória da máquina, da circulação, produzida por um construto técnico” (ORLANDI, 2010, p. 9).

Destarte, as redes sociais como espaços de interlocução engendram relações entre vídeos – discursos que se atravessam e se sobredeterminam –, regidos pelo efeito de transparência e literalidade da linguagem e dos sujeitos. Assim sendo, anula-se, não mais do que apenas ilusoriamente, enquanto efeito de evidência produzido pelo ideológico, a divisão de sentidos sobre dado discurso, que pode gerar diferentes interpretações, em função da abertura constitutiva dos processos de significação. Esta abertura faz com que uma mesma palavra ou expressão venha a receber diferentes sentidos, “todos igualmente evidentes”, já que os sentidos das palavras estão vinculados às relações que mantêm com outras palavras ou expressões, em dadas condições históricas (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 147-148).

Estamos falando de linguagem tomando-a sempre, enfim, como incompleta, não toda, de acordo com Orlandi (1996).

### ► 3. Práticas discursivas: possibilidades de resistência e(m) gestos de direcionamento da interpretação

Qualquer material que lança mão do meio eletrônico para tornar-se conhecido de um público simula – porque isto se dá no âmbito do imaginário – a organização daquilo que não se pode efetivamente organizar, mesmo que seja possível haver estabilizações históricas de

sentidos (sempre provisórias). Simula, no mesmo movimento ilusório, prever o que é da ordem do imprevisível e, portanto – ou por isso –, inelutavelmente, sujeito à falha.

Há outra questão demasiado importante, aquela que se refere às barreiras impostas pelas circunstâncias que compreendem as condições de produção do discurso no meio eletrônico urbano. Publicar na Internet é uma das maneiras possíveis de produzir dizeres, mas é preciso ter em conta que a circulação também permanece dependente do provedor e, sendo assim, é passível de esbarrar em certos limites.

Dias (2013) aponta, como algo que merece ser olhado mais de perto, que as produções de evidência de realidade do funcionamento das tecnologias – sempre de linguagem – como o que intermedia a relação do homem com o mundo tem afetado os sujeitos incessantemente. Acaba havendo, por um lado, um efeito de automatização das coisas do mundo em relação a uma automatização das leituras e, por outro, a possibilidade que se coloca de encontro do sujeito com o impossível de ser significado. É importante frisar que falamos sempre de um sujeito ideologicamente determinado que, na/pela linguagem, em qualquer que seja o espaço, percorre relações (ORLANDI, 2010).

Não obstante, também é imprescindível considerar a coexistência de deslimite(s) na horizontalidade das relações estabelecidas. Des-controles, imprevisibilidades, impossibilidades, justamente porque a Internet é constituída de uma teia imensurável que desfaz “pontos fixos ou limites predeterminados para o tráfego de dados” (MORAES, 2007, p. 2). Logo, “não há centro nem periferia, e sim entrelaçamentos de percursos” (*ibid.*) entre sujeitos que podem “atuar, simultaneamente, como produtores, emissores e receptores, dependendo de lastros culturais e habilidades técnicas” (MORAES, *ibid.*).

É mister tomarmos como premissa inegociável que a produção dos sentidos e os posicionamentos dos sujeitos estão fortemente relacionados às bases de constituição dos discursos. Desta forma, as redes sociais não funcionam tão-somente como meios possíveis de constituir, formular e fazer circular sentidos no meio eletrônico urbano. Ou seja, as redes sociais são mais do que simples maneiras de escapar ao controle da mídia hegemônica,

mais também do que elementos de uma estratégia que visa expandir o alcance de determinados materiais. Elas abrem para possibilidades, em modos diversos de produzir dizeres, para sentidos inesperados. Isto porque está pressuposta uma sua relação indissociável com a história, já que se deve compreender o eletrônico como “processo discursivo a partir do qual os sujeitos produzem sentidos” (DIAS, 2011, p. 11).

Como aprendemos com Henry (2013[1992]), toda prática é, enquanto tal, uma prática social, (a)sujeita(da), portanto, à determinação das formas de existência histórica das relações sociais de produção e reprodução. Desse modo, toda prática social é, por excelência, uma prática discursiva.

Discutindo a questão da publicação de vídeos na Internet, concedo destaque à premissa de que os aparatos técnicos funcionariam como co-produtores de efeitos discursivos, uma vez que os “agentes” das práticas sociais, indivíduos concretos, são constituídos como sujeitos pelo ideológico (HENRY, 2013[1992], p. 24). Assim sendo, deve-se considerar que os objetos produzidos e publicados na internet resultam de práticas de sujeitos constituídos pela ideologia.

Os recursos técnicos atuam, juntamente com palavras, cores, sujeitos, ambientações *etc.*, enquanto gestos que fomentam uma prática discursiva a serviço da interpelação do interlocutor, a qual está atrelada a certa maneira, a partir de dada posição ideológica, de interpretar a textualidade que se forma na *composição* – e não *complementaridade* – (LAGAZZI, 2010) entre elementos em cena.

Os recursos de produção costumam ser tratados, de forma evidente, como elementos meramente técnicos constituintes da edição/produção de um vídeo, mas proponho que sejam considerados, em análises discursivas, como gestos que produzem tentativas de direcionamento da interpretação. É este o início de uma proposta, a qual não se pretende encerrada, mas que se irá desenvolvendo e aprimorando a partir desta primeira largada reflexiva.

As interpretações permanecem sempre sujeitas a direcionamentos empreendidos pelos aparatos evidenciados como técnicos enquanto gestos que influenciam o modo como se interpela o sujeito que assiste. O processo

ideológico que determina as produções discursivas audiovisuais segue em sua função de tornar evidentes alguns sentidos e silenciar outros.

Pode-se dizer desta ordenação na construção de uma cena imagética, com os efeitos que produzem a alocação de sujeitos e objetos, os movimentos de câmeras, as trocas de ângulo, os *closes* e afastamentos, a iluminação, se tomados sempre como gestos discursivos, que constituem o que Lunkes (2014) formula como *política na imagem*, em que se inscreve, incontornavelmente, o político enquanto divisão de sentidos.

Estes recursos, tomados como gestos de interpretação, conseqüentemente, atuam na sustentação do imaginário de complementaridade que se almeja produzir entre as linguagens em *imbricação material significante* (LAGAZZI, 2010), isto é, em distintas materialidades discursivas que se compõem em um objeto áudio-visual e também verbal (haja vista a não admissão, aqui, de que se perca de vista a relevância que há em levar em conta “as nuances de voz que singularizam ainda mais um dado pesquisador em sua posição de autoria do verbe”<sup>4</sup>).

Os gestos discursivos se efetuam também no sentido de reinscrever já-ditos/já vistos, em novas condições de produção, de maneira que se almeje limitar as possibilidades de interpretação.

Contudo, apesar de sua eficácia no que se refere à reprodução de determinados imaginários, a instauração destes gestos não assegura o controle absoluto da interpretação. Esta impossibilidade de controle é o que impulsiona as tentativas de fechar, por meio de uma insistência na mobilização de determinados gestos, os sentidos que o espectador pode e deve ver/ler/escutar.

Esta reflexão nos leva a pensar, colocando-nos no lugar de quem se propõe a produzir verbetes audiovisuais com o propósito de promover a divulgação científica da Análise do Discurso, sobre nossa própria posição neste processo.

Não nos cabe analisar, supondo um lugar à distância do empreendimento

4 Cf. Mariani e Medeiros (2016), artigo *Divulgação científica em análise do discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, neste livro.

realizado pelo LAS, nossa própria prática de produção e divulgação de uma *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*, mas considero que seja preciso e devido problematizarmos as posições que assumimos em tais práticas.

Somos analistas do discurso, de certo modo, habituados a analisar materiais audio-visuais, compreendidos como objetos simbólicos, que circulam no espaço eletrônico urbano; por outro lado, somos sujeitos que produzem e publicam, ainda que na esteira de um afazer que conta com certa espontaneidade, objetos que circularão sob a etiqueta do científico, do institucional, da divulgação de conhecimentos.

Como o fazemos? Que recursos são mobilizados concernentes ao modo como vamos decidindo direcionamentos, montando um mosaico de singularidades que se entrelaçam para constituir um trabalho coletivo?

A princípio, não passam de questionamentos que nos colocam no lugar de advertidos sobre as determinações ideológicas e inconscientes que atravessam nossas práticas, mas jamais alheios ou imunes a tais determinações.

### ▶ **Considerações e “afinais”**

Para Medeiros (2013, p. 63) “o lugar de veiculação significa social e discursivamente”. Este lugar “funda um modo específico de dizer” (DIAS, 2007), constituindo espaços em que os sujeitos estabelecem inúmeras relações. Espaços que os mergulham em efeitos de literalidade, e que se constituem, ao mesmo tempo, na tensão entre o imaginário de completude do arquivo digital e a dispersão no arquivo físico (DIAS, 2013). Espaços, todavia, que furam, abrindo-se para a produção de sentidos inesperados.

Por mais que se queira controlar – no caso específico deste trabalho, toco na questão do controle pela mobilização de recursos técnicos enquanto práticas discursivas de direcionamento dos sentidos –, a possibilidade de resistência é constitutiva. Há algo que fura em todo sistema, se o tomamos, assim como Milner (1987) toma a língua, como linguagem, com seu modo peculiar de produzir equívocos, constituído de uma abertura pela qual o sujeito pode escapar, embora nem sempre o faça.

O que (e se), em meio a tal funcionamento, é passível de constantemente irromper e constranger qualquer vontade/ilusão de controle, em que se inclui aquilo que é operado no modo como construímos uma *Enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*?

Esta pergunta se faz tendo em vista que, na Internet, diferentemente do que acontece nas tentativas de direcionamento de sentidos por jornais, rádios e televisão, o que foge ao controle não parece estar na ordem do esporádico, mas de uma recorrência prevista no próprio de seu funcionamento disperso e fugidio. Não trago a questão como algo a ser necessária e imediatamente respondido, mas como ponto a ser continuamente pensado.

Cito, para encerrar com o prenúncio de um prosseguimento urgente, a colocação/questionamento de Orlandi (2010), como aquilo que me move a manter a reflexão sobre as problemáticas ora lançadas: “O fato de pensarmos o urbano digital nos coloca frente à questão: que injunções interpretativas são aí produzidas e que natureza de efeitos isso produz tanto sobre o urbano como sobre o virtual” (ORLANDI, 2010, p. 14). Por fim: e sobre as práticas de sujeitos no mundo?

## ► Referências

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

DIAS, Cristiane. *E-urbano: a forma material do eletrônico no urbano. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital*, Campinas: Labeurb, 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> – Laboratório de Estudos Urbanos LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Consulta em 16 de janeiro de 2016.

DIAS, Juciele Pereira. O cálice indizível e a demanda das vozes no youtube: uma construção de arquivos do sujeito contemporâneo. Texto apresentado na Jornada *O Indizível, o Ininteligível e o Imperceptível*, Niterói, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2013.

GARCIA, Dantielle Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão Letras*, v. 9, n. 11, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55143/33536>. Consulta em 16 de janeiro de 2016.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução: Maria Fausta P. de Castro. 2 Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013[1992].

LAGAZZI, Suzy. Linha de passe: a materialidade significativa em análise, *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*, n. 16, Volume 2, 2010. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>. Consulta em 16 de janeiro de 2016.

LUNKES, Fernanda Luzia. *O discurso sobre depressão na revista Veja (1968-2010) em materialidades verbais e não-verbais: o triunfo dos efeitos de sentidos de medicalização*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

MEDEIROS, Cassiane Sousa de. *Sociedade da imagem: a (re) produção de sentidos da mídia do espetáculo*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2013.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Tradução de Angela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MORAES, Dênis de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación* vol. IX, n. 2, mayo – ago, 2007. Disponível em: [www.eptic.com.br](http://www.eptic.com.br). Consulta em 16 de janeiro de 2016.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORLANDI, Eni. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*. Campinas: LABEURB., Volume 2, no. 16, 2010.

\_\_\_\_\_. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital*. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> – Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/ Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Consulta em 17 de janeiro de 2016.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69) – parte I e II. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1993[1969]. p.61-145. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2009[1975].

ROMÃO, L. M. S. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v.5, p. 71-91, 2004.

# Demanda de virtual ou demanda do virtual: reflexões sobre (condições de produção do discurso de) divulgação científica na contemporaneidade

Marcos de Sá Costa

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/CAPES/LAS

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, Muda-se o ser, muda-se a confiança; Todo o mundo é composto de mudança...”*

Luis de Camões

## ► Sobre o que propomos

O projeto *Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, cuja culminância se dá tanto na construção de uma *Enciclopédia Audiovisual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*, quanto na organização deste livro, se constitui em um lugar de pensar o que se produz enquanto textualização do discurso de divulgação científica na prática teórica. Nesse sentido, torna-se necessário construir uma reflexão sobre o gesto empreendido pelos pesquisadores vinculados ao Laboratório Arquivos do Sujeito da Universidade Federal Fluminense (LAS-UFF) que, engajados no compromisso de pensar as condições atuais de produção e circulação do discurso de divulgação científica, produziram uma *Enciclopédia Audiovisual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins*.

Nossa posição aqui, neste texto, reside, fundamentalmente, em ocuparmos de compreender os (outros/novos?) modos de circulação do discurso de divulgação científica possíveis em nossa conjuntura sócio-histórica. O que corresponde a construir uma reflexão sobre uma tomada de posição que se propõe a trabalhar uma “materialidade a ser produzida e posta em

circulação; ao mesmo tempo em que o analista passa a ocupar também a posição de produtor de tecnologia.”<sup>1</sup>

Para isso “faz-nos tomar necessariamente em consideração as novas tecnologias de linguagem” (ORLANDI, 2001, p. 21), as quais guardam uma relação imbricada sobre o modo como os objetos, dentre eles uma enciclopédia, são tomados em redes de sentidos, sempre tensionados numa relação com o político e o ideológico.

### ► Divulgação científica, tecnologia, inovação

Orlandi (2001) propõe “pensar a presença do conhecimento na sociedade e seus modos de circulação através das tecnologias de linguagem postas à disposição” (ORLANDI, 2001, p. 21). É possível afirmar que na formulação da autora algo fica por dizer. Pensar as novas tecnologias como algo posto à disposição nos levaria ao procedimento necessário de nos perguntar: Por quem? Para quem? Com quais finalidades? E ainda: quais os efeitos que disso decorrem?

De início, para compreendermos nosso gesto teórico-prático de produzir a referida enciclopédia, *audiovisual virtual*, torna-se necessário entender que os lugares possíveis pelos quais o discurso científico é posto em circulação se estendem na contemporaneidade. Aos artigos em revistas impressas, aos livros, às apresentações em congressos, às matérias jornalísticas que se propõem a divulgar o conhecimento produzido pela ciência, somam-se os artigos, revistas, livros disponibilizados *on-line*. E, no nosso caso, *vídeos* teóricos disponibilizados no ambiente virtual, que “deixam, assim, a condição de materialidade significativa a ser analisada” (ORLANDI, *idem*), para figurarem em uma outra posição, a de produção de conhecimento científico. Lugar esse, propomos, não-mediado por um discurso sobre o fazer científico, didatizador (domesticador) dos questionamentos postos pela ciência, mas lugar de entremeio dos processos de fazer dessa prática

1 Cf. Dela Silva (2016), artigo *De Produtos a processos: pensando a produção em vídeo discursivamente*, neste livro.

não só uma técnica, mas uma tomada de posição crítica sobre os gestos de leitura que nesse movimento podem se instalar.

Talvez não seja possível conceber as novas formas de circulação do discurso, possibilitadas pelo que se chama de novas tecnologias, como algo que simplesmente ocorreu, surgiu, sem precedentes. Os sentidos sempre buscam outros caminhos. A tecnologia, desse modo, figura como resultado de agitações subjetivas na história. Isto é, sujeitos e práticas, afetados pelo ideológico, estão imbricados em tudo o que se pode chamar de tecnológico.

O que se chama de novas tecnologias, desse modo, não se colocaria, nesse sentido, à disposição dos sujeitos, como se os sujeitos se deparassem com ela e, de repente, “boom”, é preciso saber o que fazer. Torna-se imprescindível levar em conta o ideológico, as determinações históricas que fazem tais e quais lugares de circulação de discurso serem legitimados em detrimento de outros. Isto é, não é possível produzir uma reflexão sobre nosso gesto sem o situarmos nas condições atuais de produção e circulação (ponto principal do movimento empreendido aqui) do discurso, especificamente, para nós, do discurso de divulgação científica.

O fato de trabalharmos em um projeto de divulgação científica de termos da Análise do Discurso implica uma tomada de posição crítica sobre o que fazemos. É preciso compreender esse movimento como um movimento na história, sujeito a (re)significações, deslizamentos, retomadas, deslocamentos, etc., os quais podem, de algum modo, nos fazer considerar, em nossa prática teórico-discursiva, as condições históricas nas quais estamos inseridos enquanto pesquisadores e produtores de um conhecimento científico. Do movimento de produção da enciclopédia à compreensão dos mecanismos que permitem (hoje e não há dez anos) tal projeto, há um campo (de sentidos) opaco que precisa ser levado em conta.

Sendo assim, é prudente tomar nosso gesto no bojo das práticas sócio-históricas que legitimam formas de circulação que dantes não existiam. Essa *existência*, de modo algum, é fruto do acaso, mas sim efeito, que precisa ser pensado também no campo teórico-prático, de agitações de redes de sentidos na história, espaço discursivo no qual o ideológico vem deixar suas marcas não só nos sentidos em relação

ao não-sentido, mas também nos modos de circulação legitimados em uma dada conjuntura.

Torna-se, portanto, necessário, para nós, pensar nas causas e consequências dessa tomada de posição pela qual nos propomos a divulgar a Análise do Discurso por meio de uma materialidade audiovisual virtual. Dentre os pontos de interesse em nossa reflexão, um se mostra como fundamental: os modos de administração dos sentidos na contemporaneidade. Isto é, as condições (históricas) de produção do discurso que tornam necessária (ou seria *incontornável?*) a disponibilização de uma materialidade audiovisual no ambiente virtual, se desejarmos cumprir o projeto de divulgação científica de acordo como os “moldes” do período histórico atual. Estamos, para isso, advertidos de que o funcionamento discursivo que determina, em uma formação ideológica dada, “o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2007[1990], p.43), também estabelece por quais lugares tal e qual dizer poderá ou não circular.

Orlandi (2001, p. 22) afirma ainda que “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam.” Desse modo, é possível dizer, a partir da autora, que os sentidos são determinados em sua constituição, em sua formulação e em sua circulação. Isto é, as mesmas determinações históricas (efeitos de memória, atravessamento do interdiscurso, deslizamentos, rupturas, silenciamentos...) mostram seus efeitos, também, nos modos de circulação dos sentidos, do discurso.

Com o que propomos aqui, considerar o dizer científico e os modos (possíveis/legitimados) de sua circulação como produtos da história, nos afastamos da ideia de que a ciência deve, no mesmo passo que a escola<sup>2</sup> e outros lugares de saber, “moldar-se” a um mundo cada dia mais tecnológico, produzindo um ambiente de atendimento às demandas do *mundo virtual*. Nosso movimento não constitui um apelo da ciência por um (dentre os possíveis) modo de circulação de conhecimento que

2 Penso nas normas, leis, diretrizes que “incentivam” a escola a trazer para si o funcionamento das chamadas novas tecnologias, ainda que não se saiba o que fazer com isso, com o objetivo (ilusão) de tornar-se mais inclusiva e “modernizada”. A proposta, de algum modo, é tornar a escola mais “antenada” com o que acontece no mundo. Com isso, (re)instrumentaliza-se a tecnologia, deixando de concebê-la enquanto processo sócio-histórico.

lhe dê (mais) visibilidade, mas sim em um questionar-se sobre quais seriam os efeitos (de sentidos) produzidos a partir de outros modos de “socialização do conhecimento” (ORLANDI, 2001, p.28) científico, postos em cena a partir do funcionamento do virtual.

A problemática engendrada pela questão do *virtual* se apresenta, de algum modo, tal como a mídia no sentido mais geral (jornais, revistas, etc.), como “apoio, a sustentação sem a qual, na circulação, não há disponibilidade da” (ORLANDI, 2001, p.28) divulgação científica. Desse modo, o funcionamento do virtual não é algo do que a ciência pode ou não se servir para cumprir os seus propósitos de pôr em circulação o conhecimento. É um efeito sócio-histórico pelo qual a ciência pode oferecer um lugar possível de “leitor de ciência [...] que permite ao sujeito-leitor] se relacionar com esse lugar” do cientista (*id.*, *ibid.*). Torna-se necessária uma tomada de posição crítica que possibilite à ciência sair de si, sair “do seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos” (ORLANDI, 2001, p. 23).

Nosso movimento está fundamentado nessa necessidade de partilha de uma posição crítica de leitura, de um modo de compreensão de mundo que leva em conta a não-transparência da linguagem, do sentido e do sujeito. Colocar em cena, em nosso gesto teórico-prático, uma possibilidade de relação entre sujeito-leitor e produção científica, possibilitando à ciência estabelecer outros pontos de contato com o cotidiano, parece-nos ser um modo produtivo de nos expor aos efeitos discursivos em nossa própria prática. Do gesto de produção da enciclopédia audiovisual virtual aos gestos (possíveis) de leitura, há um espaço que constitui o lugar de maior interesse da Análise do Discurso: o de possibilidades, não o de certezas e direcionamentos.

Para tal, tomaremos a enciclopédia enquanto *objeto simbólico* em relação à história. Assim é possível estabelecer a relação pela qual sujeito e objeto (sentido) estão imbricados no funcionamento ideológico. Nessa perspectiva é possível afirmar que a Enciclopédia – assim como qualquer *objeto* no mundo – é afetada pela história. Cabe-nos levantar algumas questões sobre essa imbricação sócio-ideológica visando à

compreensão dos (novos/outros/possíveis?) modos de circulação do conhecimento na contemporaneidade e como isso produz afetações em nossa prática teórica.

### ► Os objetos e o tempo histórico-social: efeitos de sentidos, gestos de leitura

Poderíamos afirmar que a criação da referida enciclopédia surge de uma necessidade de *inovação* nos caminhos da *divulgação científica*? Talvez sim, mas não sem desconfiança sobre como se compreende o termo *inovação*. Segundo Castello Branco (2016)<sup>3</sup>:

“Inovar, discursivamente, não é sem o político e o ideológico que nos constituem. Desloca-se do produto para o processo, do senso comum para o questionamento, da evidência da linearidade dos sentidos para o múltiplo, da memória arquivística para a memória discursiva, do tudo lembrar para o esquecer para o pode lembrar.”

Os (novos?) caminhos (possíveis) de circulação do discurso de divulgação científica, que instauram possibilidades de leitura pela relação entre as posições do cientista e a do leitor, são afetados, por assim dizer, pela história, pelo ideológico inscrito em práticas (discursivas).

Talvez seja possível dizer caminhos *necessários* em vez de *possíveis*. Eu diria, porém, caminhos incontornáveis. Contudo, cabe advertir que é preciso pensar na significação dos objetos, sujeitos e suas práticas, que estão estritamente vinculados ao tempo histórico-social em que se apresentam.

Os objetos (sentidos), os sujeitos, as práticas mudam, são afetados pelos movimentos da memória inscritos no acontecimento discursivo que faz da internet produtora de campos distintos de sentidos. A tecnologia, nessa perspectiva, figura enquanto efeito, não causa. Não deve ser colocada apenas como agente de mudança, nem somente como resultado.

Henry (1984) afirma que “*não há ‘fato’ ou ‘evento’ histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe*

3 Cf. Castello Branco, *Inovação – significante em movimento*, neste livro.

*achemos causas e consequências*” (HENRY, 1984, p. 47, grifo nosso). Isto é, o acontecimento, uma vez inscrito no campo do discurso, é tomado em redes de formulações diversas, contraditórias, divergentes, etc., constituindo, assim, uma ordem de inscrição que está para além da palavra, está nos sentidos: uma ordem do discurso. O *virtual*, enquanto acontecimento, produz uma série de afetações discursivas que, de algum modo, constituem os modos de textualização dos objetos, sujeitos e práticas, fazendo-os deslizar para lugares outros, dos quais podem advir os discursos sobre *inovação*. A *demanda do virtual*, dessa maneira, aquela engendrada pelo advento da internet, figura enquanto efeito ideológico pelo qual sujeito, sentidos e práticas são postos em funcionamento, deslocando dizeres para modos de circulação digitais, oferecendo lugares outros (?) de interpretação.

Na perspectiva da Análise do Discurso não é possível pensar o objeto fora da história, fora do efeito ideológico elementar pelo qual, de algum objeto, pode se afirmar ser o que é (PÊCHEUX, 1997[1975], p.166). Isso corresponde a dizer que um dado objeto mantém uma relação inextricável com a conjuntura na qual ele pode ser posto em cena. Compreender isso é conceber que as condições de produção das relações sociais (de sentidos) de uma dada época apontam uma textualização dos objetos que, somente na referida conjuntura, se torna possível observar. Henry (1992 [1985]) afirma:

*só nas condições materiais de existência determinadas pela dominância das relações de produção especificamente capitalistas que os conhecimentos que impõem a necessidade do conceito de ‘luta de classes’ representam conhecimentos necessários prática e concretamente* para a classe dominada, única suscetível de usá-los numa transformação prática no antagonismo de classes e na transformação das condições materiais de existência das massas. (HENRY, 1992[1985], p. 134, grifo nosso)

Tanto na formação (construção) dos conceitos, necessidade teórica, como na significação das coisas, necessidade cotidiana, o movimento dos sentidos adquire bordas sempre em relação ao tempo histórico no qual se constitui.

Os conhecimentos necessários, segundo o autor, se tornam necessários para uma dada época, para um tempo. O que Henry (1992[1985]) aponta reside no fato de que o conceito de luta de classes não faria sentido antes da sociedade ser dividida em classes. Há condições históricas sem as quais a significação só pode ser concebida enquanto idealização.

Uma relação imbricada entre diacronia e sincronia nos sentidos constitui os atravessamentos nos quais o objeto pode ser tomado enquanto *sentido*. Isto é, em sua significação, os efeitos de memória, os já-ditos, o interdiscurso, as lacunas do dizer, o silêncio (ORLANDI, 1992) são postos em relação ao acontecimento, pelo funcionamento de um domínio (de sentidos) de atualidade, no qual o objeto não pode ser tomado enquanto coisa, mas enquanto *um* (dentre outros) efeito de sentido.

Com efeito, muitos objetos, presentes em nosso tempo sócio-histórico contemporâneo, são objetos já significados, já tomados na memória do dizer. O que não exclui possibilidades de resignificação, rupturas, das quais podem decorrer deslizamentos nos modos de apreensão de tal ou qual objeto em um dado período sócio-ideológico.

O ponto específico de nossa reflexão aqui reside no movimento que faz a enciclopédia se deslocar, no discurso, de sua forma impressa para um formato audiovisual virtual. Um movimento que poderíamos caracterizar de “perfeitamente transparente”, em um período no qual o mundo se nomeia “globalizado”, legitimando formas de circulação nunca dantes pensadas, sob o efeito de transparência da necessidade, e “profundamente opaco” (PÊCHEUX, 2006[1983], p20), pois desse movimento, dos modos (outros) de circulação do saber que se tornam possíveis, outras afetações também serão produzidas.

Nesse processo, na circulação dos sentidos, uma *demanda de virtual* parece também ser posta em cena. Não apenas *virtual*, tomado enquanto exterioridade subjetiva, mas um *virtual*, enquanto demanda do sujeito. Sujeito constituído nos lugares “transferências de identificação” (PÊCHEUX, 2006[1983], p.55) possíveis em uma dada conjuntura. Desloca-se, assim, a ilusão pela qual se pode afirmar que o virtual, a internet, funciona na vida social e os sujeitos devem se “adaptar” a ela. O que faria da tecnologia um processo sem sujeito.

Essa produção, portanto, a que nos propusemos realizar, a enciclopédia, é colocada nesse lugar constitutivo dos dizeres, no qual sujeito e sentido se constituem enquanto efeito ideológico. A significação desse objeto, a enciclopédia, de algum modo, desliza para um outro lugar, passa a reclamar, por um efeito discursivo da conjuntura na qual se constitui, outras formas de apreensão. Com efeito, uma enciclopédia *audiovisual virtual* não “faria sentido” há 20 anos. Hoje ela faz. Diríamos ainda, ela *produz* sentidos. É isso que Henry (1992) nos permite dizer ao trazer a questão das *condições materiais de existência determinadas* por uma dada conjuntura.

Falar do virtual, portanto, de (novas) tecnologias,

*da história, em termos de pessoas e de coisas, de sujeitos e objetos, de intenções e do estado das coisas*, como algo natural, como distinções transparentes que aparecem na linguagem sem qualquer ambiguidade, é desconsiderar totalmente *a constituição essencialmente ideológica do discurso e do sentido*. (PÊCHEUX, 2011[1978], p.252, grifo nosso)

Pessoas, coisas, sujeitos, objetos, estado de coisas, instâncias, segundo Pêcheux (2011[1978]), devem ser pensadas numa perspectiva essencialmente ideológica. Nessa direção, a *demanda do/de virtual* não está aí pela graça do céu. Ela é resultado de um processo histórico, no qual homens e mundo são significados pelo virtual. Impressões digitais (dedos) nos bancos digitais (virtuais) dos órgãos governamentais responsáveis pela identificação civil dos cidadãos; impressões digitais para acesso a caixas eletrônicos; registros *online* de declarações de imposto de renda; inscrições para concursos que são realizadas exclusivamente pela internet; redes sociais (virtuais); aplicativos de celular para tudo; os sujeitos, resistindo ou não, estão já alcançados pelo virtual. A demanda do virtual, aquela que esse funcionamento impõe, desde o recrutamento de voluntários para as redes sociais às imposições incontornáveis dos serviços públicos realizados apenas pela internet, constitui um efeito ideológico de con-vocação de sujeitos na contemporaneidade. Lugares (outros) de identificação produzidos.

Tomamos posição para nos expor aos efeitos de um modo de circulação de saber que se mostra muito profícuo em nosso tempo: os vídeos no domínio da Internet. Os vídeos, de mais ou menos cinco minutos, que

compõem a enciclopédia, podem ser tornar *virais*<sup>4</sup>, não pelos conceitos teóricos trabalhados ali, mas pelo trejeito de um pesquisador, pela roupa de outro, por um desvio de prosódia, por uma formulação teórica tomada fora do desenrolar da reflexão, etc. Ou seja, não há garantias. Mas ao tratarmos de discurso, não há (nunca) garantias.

A reflexão levantada aqui nos impõe uma análise do movimento de circulação dos vídeos de divulgação científica produzidos no projeto. Com esse modo (outro) de produzir materialidade, e de pôr em circulação, os lugares postos no movimento discursivo de divulgação científica se alteram, outras relações se tornam possíveis, outros efeitos de sentidos poderão ser produzidos.

### ► **Sobre efeitos de sentidos na relação sujeito-leitor/sujeito-autor: por uma textualização do discurso científico sem mediações didatizadoras**

Romão (2004) afirma que “toda a materialidade da rede (virtual) é simbiose caleidoscópica de recursos verbais e não-verbais: o caminho de leitura do internauta pode deslizar de texto para imagem, de imagem para imagem, de texto para texto, etc.” (ROMÃO, 2004). Continuaríamos o pensamento: pode deslizar, também, para os *vídeos*, imagens-texto em movimento.

A questão posta pela autora se mostra nos efeitos de leitura, a partir do modo de circulação de sentidos que o virtual possibilita. Falamos, portanto, dos efeitos de sentidos para a posição sujeito-leitor. Desse modo, a posição sujeito-leitor pode deslizar no entremeio das materialidades (dos sentidos), deslocando-se, movendo-se na história, nos sentidos.

Orlandi (2001) afirma que, no que tange ao jornalismo científico, o que é posto em circulação, enquanto divulgação da produção de conhecimento empreendida pela ciência, pode ser visto “como uma

4 Um vídeo se torna *viral* quando alcança muitos dígitos zeros na contagem de suas visualizações. Para ler mais sobre os efeitos discursivos de circulação de *vídeos* (materialidade significativa) na rede, ver, neste livro, o artigo *Sujeitos, sentidos e(m) rede: práticas discursivas (d)e direcionamentos da interpretação no meio eletrônico urbano*, de Trajano, 2016.

certa *versão* do texto científico” (ORLANDI, 2001, p. 27, itálico da autora). De modo distinto, nos vídeos produzidos para a enciclopédia audiovisual virtual, não se trata de um posição-sujeito que “lê em um discurso e diz em outro” (ORLANDI, 2001, p. 23). O que é posto em relação com o sujeito-leitor é a posição-autor produtora (organizadora) do conhecimento posta em circulação.

Isso implica um não distanciamento do dizer científico, das características que fazem do texto científico o que ele é. Ou seja, o conhecimento científico é posto em circulação não mais sob os efeitos do discurso relatado, já interpretado, com as modalizações que fazem do discurso do jornalismo científico uma caricatura do discurso científico (ORLANDI, 2001).

A relação entre posições, sujeito-autor e sujeito-leitor, deixa de ser mediada por um outro que seria “responsável” por uma “didatização do discurso da ciência” (ORLANDI, 2001, p.27). Didatização que produz, como efeito, um imaginário do sujeito-leitor que o coloca na posição de não ser capaz de compreender o fazer científico, necessitando de que alguém (de um gesto de leitura legitimador de um [dentre muitos outros] modo de ler) lhe faça as honrarias de “entregar de bandeja” tudo já, previamente “mastigado”, pronto para digerir.

O funcionamento próprio da ciência, os traços (a letra, a marca) discursivos que lhe atravessam e constituem, os procedimentos nos quais se inscrevem, as evidências das quais a ciência trabalha para se distanciar, ficam apagadas no movimento mesmo de interposição de um gesto de leitura pelo qual a ciência deve ser apresentada. Os gestos de leitura – no modo de circulação do conhecimento científico posto em cena pelo jornalismo científico, já de antemão administrados sob a égide do *como se deve dizer* a ciência para que esta seja entendida (ou, de fato, do *como ela deve ser entendida*) – são postos em relação com a posição sujeito-leitor, que, a partir de uma *versão*, produzirá (ou reproduzirá) o que lhe for possível.

O gesto que empreendemos em nosso projeto de divulgação científica visa a expor a produção de conhecimento científico, no campo da Análise do Discurso, com suas formulações próprias, seus modos de reflexão, suas inscrições, distanciamentos construídos. Objetiva-se colocar em relação o modo crítico de leitura proposto pela Análise do Discurso. Um gesto

de leitura que toma como constitutivo o efeito ideológico elementar da evidência (ALTHUSSER, 1985), trabalhando para desconstruí-lo em montagens discursivas pelas quais o sujeito-leitor pode, de algum modo, dar-se conta de que não há *o sentido*, mas sentidos.

Isso não corresponde a dizer que o que se propõe, em nosso gesto, é *uma pauta de leitura* para os verbetes trazidos à reflexão nos vídeos. Ao contrário, o que se propõe é um procedimento de (des)leitura, de desnaturalização dos sentidos, de desarrumação dos modos de administração dos sentidos que colocam, sob o efeito do *deve ser assim*, o sujeito-leitor em um lugar de reprodução, como sendo aquele a quem deve ser ensinado o *como deve ser* do discurso cotidiano de dominação. Instaura-se, sem um procedimento de desconstrução dos efeitos ideológicos que trabalham na administração do sujeitos e dos sentidos, uma ilusão de que *o modo pelo qual se diz a ciência no jornalismo científico* é o único possível. Domestica-se o sentido, enclausura-se o sujeito.

Ao discursivizar, na enciclopédia audiovisual virtual, o fazer científico a partir da posição-autor da produção do conhecimento posta em cena, é possível pôr em relação uma desconstrução de gestos de interpretação. Da posição sujeito-leitor passa a ser possível ao sujeito se relacionar com uma desconstrução do saber (ideológico, que se apresenta como *uno*) e não com um modo fixo do que deve ser entendido. Não se propõe, com isso, uma textualização do discurso da ciência que se colocaria no lugar de capaz de *ensinar*, tal como a ilusão posta e mantida ainda hoje sobre a escola, o que o sujeito-leitor deve ou não compreender sobre um dado objeto de estudo. Trata-se de dar a ver o processo pelo qual o fazer *científico* é posto enquanto crítica aos modos de leitura homogeneizantes que enclausuram o sentido e fazem com que o movimento do sujeito tenda à paráfrase, à repetição.

No movimento do jornalismo científico, se apaga o modo pelo qual os sentidos se constituem. Como dissemos anteriormente a partir de Orlandi (2001), e retomamos aqui, os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam. Sendo assim, para o jornalismo científico ficam apagadas as instâncias da constituição e da formulação dos sentidos, levando em conta em sua prática somente

uma forma (uma pauta de leitura determinada pela posição do jornal) posta em circulação a partir da posição de intérprete-relator (posição constituída sob efeito ilusório de uma literalidade, que é impossível) que o sujeito-jornalista ocupa.

O gesto teórico-prático de pôr em circulação, em vídeos-reflexões, o pensamento da Análise do Discurso tal como se constitui – no entremeio das significações, dando a ver os momentos de interpretação pelos quais o sentido se empenha em *colar* como único – faz com que outras possibilidades de leitura se instaurem. Para a Análise do Discurso, ler é atribuir sentidos. Isso faz do sujeito-leitor, de alguma forma, coparticipante do processo de produção de sentidos. Um outra relação pode se estabelecer no contato entre posição sujeito-autor e posição sujeito-leitor. Não uma relação alicerçada na firmeza (ilusória) de que há algo a ser ensinado, que aprendemos algo e sabemos exatamente do que se trata. “As coisas a saber (...) são sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não à aprendizagem por interação” (PÊCHEUX, 2006[1983], p.54)

### ► Por uma (noção de) leitura que desconstrua

Trata-se, assim, de produzir uma reflexão e pôr em circulação um dizer científico que possa dar a ver as lacunas, os buracos nos quais sentidos e sujeito tropeçam, os vazios, os silenciamentos, os já-ditos, o efeito de evidência que se apresentam como uno; trata-se de conceber e aceitar que há pedras no meio do caminho dos sentidos. Afastamos de um gesto de leitura que pavimente o conhecimento científico para que o sujeito-leitor não tropece. Que o sujeito-leitor caia, que tropece, que construa, que desloque, que se perca, que se relacione com um modo de produzir conhecimento que não se con-forma com um dizer que (se) quer (O) dizer: é um dos propósitos da Análise do Discurso. Desconstrução das evidências.

As novas tecnologias, para nós, não figuram apenas como instrumentos, como meio, como suporte. “As ‘máquinas’, no entanto, não vieram sozinhas

na teoria pecheutiana. Ao lado delas estavam outras questões que interessavam igualmente a Pêcheux: a do sujeito, a do sentido, a da política e a do político.<sup>5</sup>

Desse modo, é possível tomar o que fizemos nesse projeto como um arquivo, compreendido tal como a Análise do Discurso o tem trabalhado, o qual não pode ser inscrito

na ilusão do tudo compor, de tudo dizer, de, seguindo Mariani (2010), tudo guardar; ao contrário, arquivo com funcionamento, isto é, que se marca (...) por um *não-esgotável*; arquivo que considera nossa contemporaneidade e que se propõe como espaço de reflexão consistente e com consequências sobre ela.<sup>6</sup>

Propomos uma leitura de arquivo que dê lugar à ruptura, à falta, à incompletude, pondo em relação, no âmbito do *Virtual*, um leitor virtual (ORLANDI, 2006, p.9; MARIANI, 2010) e uma posição sujeito-autor que se propõe a empreender uma escuta para a presença virtual (PÊCHEUX, 2006[1983], p. 55) de discursos outros que fazem com que o modo tal como se apresenta o texto da Análise do Discurso se mostre sempre como incompleto, atravessado. Desejamos nos expor ao próprio do discurso, lugar de “interpretações sem margens” (PÊCHEUX, 2006[1983], p.57) nas quais o sujeito-leitor pode achar (ou se perder no) seu próprio caminho (de leitura).

## ► Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

HENRY, P. A história não existe? Tradução: José Horta Nunes. In: *Gestos de leitura: da história no discurso*. Eni Orlandi (org.) et alii. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1984] 2010, p. 23-47.

5 Cf. Zanella, (Um) a relação de Michel Pêcheux com as máquinas, neste livro.

6 Cf. Mariani & Medeiros (2016), *Divulgação científica em análise do discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias*, neste livro.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, [1985] 1992.

MARIANI, B. Arquivo e língua nacional: percursos de pesquisa. In: TEDESCO, M. T.; MEDEIROS, V. (org.). *Travessias nos estudos de Língua Portuguesa. Homenagem a Evanildo Bechara e a Olmar Guterres*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010. (e-book)

ORLANDI, E. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 7ª edição, Campinas, SP: Pontes, [1990] 2007.

\_\_\_\_\_. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª Ed. Campinas, SP: Unicamp, [1992] 2007.

\_\_\_\_\_. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (org.). *Produção e circulação do conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001, p. 21-30.

\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 7ª ed. São Paulo; Cortez, 2006.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi et al. 3ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 1997.

\_\_\_\_\_. As massas populares são um objeto inanimado? Tradução Suzzy Lagazzi. In: ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos selecionados*. 2a. ed. Campinas, SP: Pontes, [1978] 2011, p. 251-273.

ROMÃO, L. Nós, desconhecidos, na grande rede. In: *Linguagem e (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v.5, n.1, p. 71-91, jul./dez. 2004.

# (Um)a relação de Michel Pêcheux com as máquinas

Alexandre S. Zanella

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE/CAPES

*“...uma novíssima muralha vos espera.”*

(Ana Cristina Cesar, 1969)

*“É pela construção de um dispositivo informático que começa a  
aventura do discurso!”*

(Denise Maldidier, [1993] 2011)

*“A análise do discurso não será mais uma prótese da leitura, mas  
uma provocação à leitura.”*

(Michel Pêcheux [et alii], 1982)

## ► Introdução

A teoria do discurso tecida por Michel Pêcheux, na França, se iniciou nos anos 1960 incidindo, dentre outras questões, sobre um funcionamento específico: o das máquinas. Tratava-se de uma questão teórica que o autor perseguiu com intensidade naquele momento de formação de um campo teórico discursivo, mas que se manteve ao longo de seu trabalho. Com este texto, cuja proposta surgiu a partir de reflexões teóricas e práticas vinculadas ao Projeto *Por uma enciclopédia audiovisual virtual de termos, conceitos e pesquisas da Análise do Discurso e áreas afins*<sup>1</sup>, tenho o objetivo de pontuar algumas questões relacionadas às máquinas e às

1 Cf. Mariani, B. & Medeiros, V. “Divulgação científica em Análise do Discurso: investigação e inovação com base nas novas tecnologias”, neste livro; e, também, Lunkes, F. “Considerações sobre a construção da *Enciclopédia audiovisual de conceitos da Análise do Discurso*”, igualmente presente neste livro.

tecnologias que se elevam da obra de Pêcheux, demonstrando como o tecnológico e o informático, bem como os discursos sobre ambos, comparecem à luz da Análise de Discurso.

### ► Primeiras anotações em Pêcheux

Início meu percurso a partir de uma afirmação de Pêcheux: “Um processo de produção discursiva é concebido como uma **máquina** autodeterminada e fechada sobre si mesma [...]” (PÊCHEUX, 1983, p. 307, grifo meu).

Trata-se de uma anotação de Pêcheux sobre o que viria posteriormente a ser chamada de primeira fase da teoria da Análise de Discurso, ou AD-1. Neste primeiro momento de reflexões sobre a teoria do discurso, Pêcheux (1983) considerava que, para o trabalho analítico discursivo, devia-se partir de um *corpus* fechado de sequências discursivas produzidas por sujeitos – os quais, por sua vez, seriam determinados por um “sujeito-estrutura” (*idem*, p. 307), isto é, completamente assujeitados – num espaço discursivo estabilizado, com condições de produção supostamente homogêneas. Como lemos em Pêcheux, sobre o “método de dedução frequencial”:

Designamos assim o processo que consiste em recensear o número de ocorrências de um mesmo signo linguístico (palavra ou lexia, mais frequentemente) no interior de uma sequência de dimensão fixada, e em definir uma frequência que pode ser comparada com outras, o que fornece um teste de comparabilidade entre vários itens da mesma sequência, ou entre várias sequências paralelas para o mesmo item. A grande vantagem desse método foi desenvolver instrumentos científicos adequados ao tratamento da informação [...]. (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 62).

Nesse método proposto pelo autor, seria possível distribuir as variações empíricas encontradas no *corpus* até chegar a uma estrutura da máquina discursiva que supostamente os havia produzido, como se houvesse uma matriz que dominasse tal produção, numa operação maquínica. Por isso se tratava de uma análise *automática*. Para Maldidier, “A elaboração de uma análise *automática*, isto é, de um dispositivo técnico complexo

informatizado, se inscreve em sua reflexão de então sobre as práticas e os instrumentos científicos.” (MALDIDIER, 2003, p. 20, itálico da autora).

Esses procedimentos analíticos, detalhados por Pêcheux no texto *Análise automática do discurso (AAD-69)*, só eram possíveis porque, segundo o autor, as máquinas discursivas seriam unidades fechadas sobre si mesmo e com uma capacidade de autodeterminação.<sup>2</sup> Tal tomada de posição por Pêcheux é feita numa empreitada em que, por meio de fórmulas complexas, seria possível chegar a uma matriz de sentido. Tratava-se de uma máquina de leitura, na qual importava o dispositivo informatizado que a permitisse (por *recenseamento, frequência, sequenciação, comparação e tratamento da informação*, como reunimos a partir da citação acima).

Os significantes *máquina, maquinaria, automatização* que aparecem no texto da AAD-69 deflagram uma *paixão* de Pêcheux pelas máquinas, para nos referirmos a Ferreira (SEAD/2015)<sup>3</sup>. Conforme esta autora, Pêcheux era um homem de muitas paixões, e a paixão pelas máquinas foi uma das que mais o agarraram – ao lado das paixões pela língua e pela política –, ao mesmo tempo em que foi uma das que sempre o acompanharam:

Desde o início, como AAD-69, se faz presente o dispositivo informatizado que implica uma teoria não-subjetiva do discurso. Essa é a máquina discursiva que Pêcheux apresenta à comunidade de intelectuais franceses, com todo o espanto e desconcerto que a obra produziu nos seus leitores. (Ferreira, SEAD/2015)

As “máquinas”, no entanto, não vieram sozinhas na teoria de Pêcheux. Ao lado delas estavam outras questões que interessavam igualmente a Pêcheux: a do sujeito, a do sentido, a da política e a do político. Tais articulações que o autor projetava conferiram à teoria do discurso um caráter revolucionário, porque subvertiam o que vinha sendo pensado nas ciências sociais e nas teorias da linguagem que até então excluía

2 Apenas mais tarde Pêcheux iria verificar as relações desiguais que marcam os processos discursivos.

3 Faço referência à conferência de abertura feita por Maria Cristina Leandro Ferreira (a quem carinhosamente agradeço a disposição do texto apresentado), no VII Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), realizado em Recife entre os dias 13 e 16 de outubro de 2015.

a questão da história – e, por conseguinte, a questão do sentido – da e na língua. Excluía-se, enfim, a materialidade. O que Pêcheux faz, desde um primeiro momento da Análise de Discurso, é reinserir o caráter material do sentido na língua. Como diz Paul Henry, “Pêcheux sempre teve como ambição abrir uma fissura teórica e científica” ([1969] 2010, p. 12). Refere-se este autor, naquele momento (1969), exclusivamente ao campo das ciências sociais e da psicologia social, e sabemos que para Pêcheux essa ambição se perpetuou em todas as suas empreitadas teóricas e metodológicas até o fim de sua vida.

Já naquele momento, o da AAD-69, o autor apoiava-se sobre os pilares que guiariam a formação da teoria materialista do discurso, os quais promoviam uma verdadeira reviravolta:

...o materialismo histórico tal como Louis Althusser o havia renovado a partir de sua releitura de Marx; a psicanálise, tal como a formulou Jacques Lacan, através de seu “retorno a Freud”, bem como certos aspectos do grande movimento chamado, não sem ambiguidades, de estruturalismo. [...] O que interessava a Pêcheux no estruturalismo eram aspectos que supunham uma atitude não reducionista no que se refere à linguagem. (Henry, [1969] 2010, p. 13).

Ora, esses elementos se mostravam tão presentes na formulação teórica proposta por Pêcheux que, segundo Ferreira (SEAD/2015), só lhe foi possível pensar o sistema da análise automática do discurso devido a eles. Entretanto, essa tríade que fundamentava o pensamento pecheutiano não foi apresentada com o texto da AAD-69:

Pêcheux decidiu separar a apresentação de seu sistema de análise automática do discurso da apresentação dos problemas teóricos, filosóficos e políticos que o levaram a conceber tal sistema e isso lhe trouxe, como nos adianta Paul Henry (1990, p. 36), consequências sérias.

As consequências foram que o instrumento da análise automática do discurso acabou sendo usado de forma empírica, indo na contramão do que Pêcheux propunha. Porque, ainda conforme Ferreira,

O que ele pretendia era ler objetivamente os textos, utilizando o dispositivo informatizado, afastando-se, assim, de uma leitura impressionista, subjetivista, conteudista. Na conjuntura da época dos anos 60, a AD se lançava como intervenção política fazendo da leitura crítica ideológica um modo de combater os positivismos das ciências régias, até então, dominantes. (FERREIRA, SEAD/2015)

Não obstante o desvio,

o efeito político principal, em parte foi atingido; uma fissura acaba sendo aberta no campo “inimigo”, uma “cunha” é interposta com a apropriação feita dos instrumentos pela teoria. A AAD acaba sendo mobilizada (efeito “Cavalo de Troia”) por vários pesquisadores das ciências sociais, que acabam assim conseguindo formular inúmeras questões, o que talvez não ocorresse sem o dispositivo utilizado. E esse efeito destabilizador já representava um grande ganho. Para Pêcheux o que realmente importava eram as questões suscitadas pelo programa, mais até do que as respostas do instrumento. (FERREIRA, SEAD/2015)

Se Pêcheux esteve, como vimos afirmando, sempre vinculado, sempre atento, sempre coerente às suas propostas – e é possível visualizarmos isso nas retificações que percorreram sua obra, por exemplo –, não consideramos que se possa falar, de fato, no que concerne à Análise de Discurso, em *fases* de-limitadas. É bem verdade que Pêcheux apresenta, em artigo intitulado “A análise de discurso: três épocas (1983)”, uma categorização da teoria; mas olhando pelo lado do fio condutor que unifica os diferentes momentos teóricos pelos quais passou, veremos que ele esteve sempre preocupado com suas paixões, vale frisarmos, pela língua, pelas máquinas, pela política.

E foram de fato as questões suscitadas a partir do dispositivo da maquinaria discursiva – a propósito, Malidier (2003, p. 19, itálico da autora) nos diz que é no momento inaugural da AAD-69 que “se ligam – pela primeira vez – todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: o *discurso*” – que permitiram a Pêcheux, mais tarde, construir um campo teórico fortalecido, incidindo:

[...] na articulação de três regiões do conhecimento científico:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Convém explicitar ainda que essas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica). (PÊCHEUX & FUCHS, 2010 [1990], p. 160).

Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, o dispositivo teórico-metodológico é deslocado da maquinaria fechada para as relações (desiguais) de forças e de sentidos que se produzem (PÊCHEUX, [1975] 2009). Aí entram as noções de formação discursiva e de interdiscurso e a teoria toma corpo, numa relação de nunca acabar!

### ► Distanciamentos, aproximações, inovações

Embora Pêcheux tenha se distanciado, em seus textos após a AAD-69, das questões que as máquinas e a informática traziam, esta foi, reafirmamos, uma paixão que o perseguiu até o fim.

Segundo Maldidier, o encontro de Pêcheux com o linguista Jean-Marie Marandin abria para *o futuro*:

Jean-Marie Marandin oferecia uma possibilidade de relance teórico para a análise de discurso. Além disso, ele partilhava com Michel Pêcheux a paixão da informática. Desde 1978 ele reuniu a equipe “Língua, discurso, ideologia” onde ele ia desempenhar um papel essencial na elaboração dos algoritmos de “segunda geração”: a AAD-80. (MALDIDIER, 2003, p. 72-73)

Vê-se que a paixão pelas máquinas e pela informática ardia com novo vigor. E era uma tentativa que operava no interior mesmo na Análise de Discurso. Para onde ela ia?

No ano de 1983, o Colóquio intitulado “Materialidades Discursivas” vai sensivelmente tocar em pontos importantes da Análise de Discurso, com a colaboração de outros pesquisadores (Marandin, Jacqueline Authier, Jean-Claude Milner, Jean-Jacques Courtine). Aqui, tantos caminhos vão surgindo. Um deles, o da leitura de arquivo, se torna essencial, ao recobrar um problema presente na teoria do discurso desde a AAD-69. A “máquina de ler” fica para trás, dando lugar ao campo do “confronto com os textos sócio-históricos mais diversos” (MALDIDIER, 2003, p. 80). Mas os algoritmos igualmente se faziam presentes. A questão da informática insistia.

A propósito, Maldidier (*idem*) também declara que o grupo de Recherche Coopérative Programée (RCP) trabalhou com intensidade sobre o tema da informática em Análise de Discurso. Marandin possibilitou o encontro de Michel Pêcheux e do grupo que o acompanhava com Pierre Plante, da Universidade de Montreal, que havia construído o software DEREDEC. Segundo Ferreira:

DEREDEC [...] era um software que permitia estocar uma série de informações de diferentes níveis linguísticos (de fonológicos a discursivos), possibilitando também o trabalho com esses diferentes funcionamentos de linguagem. [...] Aqui o projeto era de construir “máquinas paradoxais”, que davam espaço a novas hipóteses e abriam o caminho para se prever as falhas do sistema. Pêcheux, como bom estrategista, recuava, quando se sentia vulnerável, mas nunca desistia e tentava avançar com um novo recomeço para uma AD reconfigurada e, quem sabe, revigorada. (FERREIRA, SEAD/2015).

Tal vínculo interuniversitário fez com que Pêcheux se voltasse à AAD-69 em 1982, quando publicou o texto “Apresentação da análise automática do discurso” juntamente com Jacqueline Leon, Simone Bonnafous e Marandin. Nesse momento finalmente se colocava (por escrito) a problemática que havia envolvido a formulação teórica pecheutiana de 1969, bem como se (re)apresentavam os algoritmos da AAD-69 ao lado das atualizações e dos novos algoritmos que desde então se haviam desenhado. Como exemplo, abandonava-se a ideia de um trabalho em

Análise de Discurso constituído por *corpora* experimentais, tal qual na AAD-69; nesse momento, o da AAD-80, apenas os *corpora* de arquivo constituíam uma possibilidade efetiva de trabalho. Para além disso, nesse momento, Pêcheux estava interessado na desconstrução das maquinarias discursivas fechadas, isto é, da rigidez do dispositivo que havia sido inicialmente pensada. Através do DEREDEC, isso se tornou mais palpável, à medida que se construía, agora, máquinas paradoxais que:

permettent, par un mouvement incessant la production de nouveaux moments de corpus, la formulation de nouvelles hypothèses, l'ouverture de nouveaux trajets à la découverte des réseaux qui constituent l'énoncé. Par un étrange cheminement, Michel Pêcheux retrouve à la fin le Foucault qu'il n'avait pu rencontrer. (MALDIDIER, 1993, on-line).

Ora, a partir do que lemos em Maldidier e em Pêcheux *et alii*, o que se apresentava era um método da análise automática de discurso com novo alento, preocupado com as críticas à AAD-69 e com as perspectivas que surgiam com a AAD-80. Neste momento último, ficava estabelecido que “A confecção de algoritmos de análise do discurso é apenas uma parte de uma problemática mais vasta.” (PÊCHEUX *et alii*, [1982] 2010, p. 277), porque i) somente “regiões bem conhecidas” (*id.*, *ibid.*) seriam suscetíveis de cálculo, contando com hipóteses gerais passíveis de testes em *corpora* suficientemente vastos, e porque ii) as questões do analista e as interpretações não seriam calculáveis.

Uma série discursiva só poderia então ser descrita considerando “dois espaços [um vertical e outro horizontal]<sup>4</sup> e, em cada espaço, vários algoritmos que respondem a diferentes definições de objeto” (PÊCHEUX *et alii*, [1982] 2010, p. 277). Isso importa à medida que, conforme colocam os autores, era a significação do sintagma *análise do discurso* que queriam modificar, abandonando uma prática que reduzia uma série discursiva a uma lei ou a um modelo, e promovendo uma prática contraditória que considerasse a morfologia e a leitura.

4 Trata-se dos dois eixos que Courtine explora em sua tese, conforme Maldidier (2003, p. 86, itálicos da autora): “o eixo vertical da dimensão histórica do discurso e o eixo horizontal do sequenciamento”.

Tudo isso demonstra que havia uma tecnicidade do trabalho da RCP atuando no seio da Análise de Discurso, refletindo sobre questões de arquivo, de leitura e de memória. Conforme Maldidier (2003, p. 86), “A informática, longe de ser um instrumento neutro, fazia parte integrante da própria pesquisa.”

Não à toa, Marandin e Pêcheux escrevem juntos um artigo intitulado “Informática e análise de discurso”.<sup>5</sup> O texto abre com uma declaração importante:

A referência à informática em Análise do discurso não é nem recente nem o resultado de um efeito de moda. Podem-se citar os programas AAD-69 (M. Pêcheux) e 3AD75 (Del Vigna), entre outros. O principal bloqueio provinha da ausência de analisador sintático suficientemente potente (suscetível de tratar *corpora* não restritos que não se inscrevessem numa língua técnica) e também de uma colaboração insuficiente com os pesquisadores em informática criadores de programas de análise de textos em língua natural (LN). (Marandin & Pêcheux, [1984] 2011, p. 111).

Segundo os autores, duas ordens de escolhas determinavam a referência à informática: uma de política científica e outra metodológica.

Sobre a primeira, Marandin e Pêcheux (*idem*) falam sobre o momento de desenvolvimentos tecnológicos e sobre o movimento de “resistência cultural à uniformização lógico-semântica” (p. 112), evidenciando que a Análise de Discurso se distancia da Inteligência Artificial e de abordagens quantitativas de representação semântica. A proposta dos autores nesse artigo é demonstrar

que o nível sintático dos fenômenos linguísticos é irreduzível a toda abordagem que os assimilaria a um cálculo das intenções de

---

5 Destacamos a distinção entre este texto e outro intitulado, de forma semelhante, “Análise de Discurso e informática”, publicado por Michel Pêcheux em 1981, em *Actes du Congrès international: “informatique et sciences humaines”*. Há tradução em português publicada em *Análise de Discurso: Michel Pêcheux* (Orlandi, 2011). Neste texto, Pêcheux, dentre outras coisas, faz uma retrospectiva das relações binárias entre enunciados propostas pela AAD-69 e apresenta um “balanço sobre os diferentes aspectos filosóficos, sócio-históricos, linguísticos e informáticos” (Pêcheux, [1981] 2011, p. 280). Lemos nesse texto que o autor queria enfim marcar um lugar distanciado dos procedimentos lógico-empíricos no que concerniam à leitura, encaminhando-se para o tratamento dos arquivos textuais.

locutores ou a processos mentais que se inscrevem na psicologia dos comportamentos, condutas ou operações. (MARANDIN & PÊCHEUX, [1984] 2011, p. 112)

A diferença da Análise de Discurso estaria em tomar como *determinante* a referência à linguística, à sintaxe e à lexicologia, não ignorando a dimensão sintática do léxico e não se reduzindo aos esquemas de análise sêmica.

Quanto à escolha metodológica, os autores reforçam aquilo que se propunha na AAD-80: que as interpretações e leituras não são passíveis de cálculo. Lemos:

Os procedimentos informatizados visam antes a intervir de maneira regulada sobre o gesto espontâneo ou culto de leitura. Propondo ao olhar leitor recortes heterogêneos do texto a ler, atraíndo-o sobre linhas de leitura emaranhadas, constringendo-o a considerar os níveis opacos à ação de um sujeito (sintaxe, léxico, enunciado), uma Análise de discurso pode mudar a natureza do gesto de leitura: não mais um gesto globalizante no qual a interpretação se confunde com o reconhecimento, mas vários gestos nos quais a interpretação se efetua na tensão. (MARANDIN & PÊCHEUX, [1984] 2011, p. 113-114)

Ora, vê-se aí uma proposta que se distancia da “máquina de ler” para uma tomada de posição que vincula a informática ao gesto de leitura, na tensão da interpretação.

O artigo termina fazendo menção à abordagem do DEREDEC:

Os algoritmos atualmente regulados no grupo Informática e AD buscam multiplicar os ângulos de ataque descritivos; eles podem se reagrupar segundo dois eixos: paradigmático e sintagmático. Os algoritmos paradigmáticos, que exploram a dimensão do enunciado (no sentido de Foucault) estão na entrada lexical ou sintática: eles retomam, para avaliá-los, um certo número de problemas ou de hipóteses tradicionais da AD (construção dos objetos de discurso, pesquisa das zonas de instabilidade...). Os algoritmos sintagmáticos exploram a dimensão do intradiscurso (dinamismo lexical, recortes das sequências, efeitos de sequencialidade sobre os objetos discursivos). Esses algoritmos devem fornecer o quadro de um estudo da enunciação entendida como sistema de lugares para sujeitos. (MARANDIN & PÊCHEUX, [1984] 2011, p. 114-115)

É visível, então, que o campo da Análise de Discurso pecheutiana nunca se distanciou de fato do dispositivo informático que fez o *link* lá nos primeiros anos da teoria, quando Pêcheux, sob o pseudônimo de Thomas Herbert, pôs à luz seus textos iniciais. As máquinas, o informático, nunca deixaram de acompanhá-lo, ora mais, ora menos próximo. E o desfecho se comprova com a última comunicação feita por Pêcheux, em julho de 1983, sobre o DEREDEC (FERREIRA, SEAD/2015).

### ► Tecnologia, linguagem, leitura: revoluções

Orlandi (2012) escreve que as manifestações da Análise de Discurso não são homogêneas, mas múltiplas. Certamente, as formulações e os avanços que a RCP promoveu nos anos 1980 foram decisivos para pensar o lugar teórico da Análise de Discurso incidindo grandemente sobre uma questão que permanece, ainda hoje, atual, fazendo movimento (de) dentro desse campo disciplinar. Pêcheux esteve sempre, e sobretudo, preocupado com as novas *tecnologias de linguagem*, porque ambas (por isso as destaco) lhe interessavam igualmente. E estava também atento às condições de produção moventes.

Com efeito, em seu texto “Ler o arquivo hoje”, de 1982, Pêcheux se interroga sobre as relações entre história e psicologia ligado à leitura de arquivo, considerando o aspecto matemático e informático que envolve a constituição dos bancos de dados e a forma como eles tratam dos arquivos, entendidos, segundo o autor, como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 51).

São muitas as questões problematizadas nesse texto. Tentarei, a seguir, mapear algumas delas.

A primeira marca uma diferença:

O discursivo informaticamente marcado sob a forma dos “dados textuais” não tem, efetivamente, a mesma relação nos procedimentos lógico-matemáticos que este outro tipo de dados, de natureza quantitativa, utilizados em economia, em demografia, em história, etc. (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 49-50)

O que lemos a partir daí, e que Pêcheux marca muito propriamente, é uma diferença entre “culturas”: uma mais *exata*, e outra mais *humana*, que a história das ideias vai marcar sob a égide do “literário” e do “científico”. Desta forma, lemos, ainda:

Por tradição, os profissionais da leitura de arquivos são “literatos” (historiadores, filósofos, pessoas de letras) que têm o hábito de contornar a própria questão da leitura regulando-a num ímpeto, porque praticam cada um deles *sua* própria leitura (singular e solitária) construindo o seu mundo de arquivos. (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 50).

Uma segunda questão diz respeito a uma vertente de leitura de arquivos que trata de gerar uma memória coletiva por meio de uma divisão social do trabalho – cuja origem da Idade Média se dava por alguns clérigos que podiam, aliás, eram permitidos, ler, escrever, falar em seus nomes e os outros que também fazia sua leitura, mas por meio de um apagamento do sujeito-leitor em nome da instituição à qual pertencia (PÊCHEUX, [1982] 2010b) – vinculada aos aparelhos de poder das sociedades. A esta divisão caberia, através de gestos de leitura, selecionar, classificar, indexar, codificar, *etc.*, de forma *objetiva*, os textos.

O que disso resulta é que essa objetividade de classificação, a qual apaga o sujeito-leitor e, conseqüentemente, o político que promove a divisão social do trabalho<sup>6</sup>, associada à necessidade de gerir os documentos textuais, fez com que se desse a alguns “o direito de produzir leituras originais, logo ‘interpretações’, constituindo, ao mesmo tempo, atos políticos (sustentando ou afrontando o poder local)” e “a outros, a tarefa subalterna de preparar e de sustentar, pelos gestos anônimos de tratamento ‘literal’ dos documentos, as ditas ‘interpretações...’” (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 52-53).

O que isso importa em relação às máquinas?

Ora, os arquivos, em nossos dias, estão *nas* máquinas, e, mais recentemente, *na nuvem*. Pêcheux compreendia como essa relação reorganizava e aprofundava a divisão social do trabalho da leitura:

<sup>6</sup> Com efeito, é o político que produz o efeito de apagamento da divisão do trabalho social.

A lógica das classificações autoriza o desvio da atividade matemática pela gestão administrativa, ou seja, pelo funcionamento de “máquinas” cuja memória é constituída exclusivamente de lembranças, listas e quadros: a palavra “IBM” [International Business Machines] está aí para nos lembrar que a informática tem, espontaneamente, parte ligada à burocracia administrativa. (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 53).

É preciso frisar que Pêcheux não estava, naquele momento, posicionando-se *contra* as máquinas, mas reclamando o lugar da memória histórica, discursiva. Tratava-se de uma questão política, e a política, como vimos acima, era outra das paixões arrebatadoras de Pêcheux. Por isso é que o posicionamento do autor é contra o “*policimento dos enunciados*”, a “*normalização asséptica da leitura e do pensamento*” e o “*apagamento seletivo da memória histórica*” (PÊCHEUX, *idem*, p. 55, itálicos do autor).

Por outro lado, manifesta-se que o “fato da língua” é subestimado nos projetos de leituras de arquivo. Nesse ponto reside a proposta de Pêcheux: considerar “a materialidade da língua na discursividade do arquivo” (PÊCHEUX, *idem*, p. 59) nas práticas sobre os arquivos textuais. E ainda:

nem ceder às facilidades verbais da pura denúncia humanista do “computador”, nem se contraidentificar ao campo da informática (o que tornaria a reforçar o projeto desta), mas tomar concretamente partido, *no nível dos conceitos e dos procedimentos*, por este trabalho do pensamento em combate com sua própria memória, que caracteriza a leitura-escritura do arquivo, sob suas diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende hoje a apagar este trabalho. Isso supõe *também* construir procedimentos algoritmos informatizados, traduzindo, tão fielmente quanto possível, a pluralidade dos *gestos de leitura* que possam ser marcados e reconhecidos no espaço polêmico das leituras de arquivos. (PÊCHEUX, [1982] 2010b, p. 59, itálicos do autor).

Mesmo antes deste texto, Pêcheux ([1981] 2011) já se mostrava empenhado em opor-se à recusa histórica que, segundo ele, pareciam cada vez mais presentes no domínio da informática. Um reencontro entre o informático e sua importância para os gestos de leitura então se desenhava, de modo que Pêcheux almejava que o dispositivo informático

atuasse no sentido do não-apagamento, mas no da memória e no das muitas formas de ler.

### ▶ À guisa de conclusão

Neste texto, pudemos mapear na obra de Pêcheux pontos de contato com as questões de informática e das máquinas e avaliar como o autor preocupou-se com elas em diversos momentos de sua teorização sobre a Análise de Discurso. Nesse sentido, considero que tais questões sejam fundamentais para se pensar como essa “novíssima muralha” – para voltar a citar Ana Cristina Cesar – nos esperou e nos espera.

Pêcheux ocupou-se de pensar sobre as máquinas, sobre os algoritmos, sobre os programas e os seus funcionamentos. Não teve tempo de se debruçar sobre a internet (tal como a concebemos hoje, em sua forma moderna), sobre os modos como os sujeitos se inscrevem nesse espaço virtual, sobre como as relações intersubjetivas se dão levando em consideração este espaço. Daí a necessidade de os analistas de discursos continuarmos a jogar luz sobre tais questões.

### ▶ Referências

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Conferência de abertura do VII Seminário de Estudos em Análise do Discurso – SEAD. 2015.

HENRY, Paul. (1969). Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani *et alii*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MALDIDIER, Denise. “L’inquiétude du discours. Un trajet dans l’histoire de l’analyse du discours: le travail de Michel Pêcheux”, *Semen* [on-line], n. 8, 1993. Disponível em: <<http://semen.revues.org/4351>>. Acesso em: 26 nov. 2015.

MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel. (1984). Informática e Análise do discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 111-115.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso e contemporaneidade científica. In: \_\_\_\_\_. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani *et alii*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et alii*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. (1981). Análise de Discurso e Informática. In: ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

\_\_\_\_\_. (1982). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010b.

\_\_\_\_\_. (1983). A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani *et alii*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_; LEON, Jacqueline; BONNAFOUS, Simone; MARANDIN, Jean-Marie. (1982). Apresentação da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani *et alii*. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

## Sobre os autores

### ▶ **Alexandre da Silva Zanella**

Doutorando em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense, com pesquisa na área da Análise de Discurso. Bolsista CAPES. Professor do Departamento de Letras do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ).

E-mail: aleszanella@gmail.com

### ▶ **Bethania Mariani**

Professora Titular do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da UFF, bolsista do CNPq e Cientista do Nosso Estado FAPERJ. Pesquisadora do LAS e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. É doutora em Linguística (UNICAMP), com pesquisas na área de Análise do Discurso, História das Ideias Linguísticas e Psicanálise.

E-mail: bmariani@id.uff.br

### ▶ **Fernanda Luzia Lunkes**

Professora Adjunta do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da UFSB. Doutora em Estudos de Linguagem (UFF), com pesquisas na área de análise de discurso. Autora do livro *O sujeito e o corpo: construções heterogêneas no filme Clube da Luta* (2010, Annablume). Integra o Grupo de Pesquisa de Teoria do Discurso (GTDIS/UFF).

E-mail: flunkes@gmail.com

### ▶ **Juciele Pereira Dias**

Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS), da UFF, com bolsa CAPES-PNPD, sob a supervisão de Bethania Mariani. É doutora em Letras (Estudos Linguísticos) pela UFSM (2012), com doutorado-sanduíche

CAPES-PDEE na Universidade de Franche-Comté (2011-2012). Tem experiência na área de Letras e desenvolve pesquisa em Análise de Discurso e em História das Ideias Linguísticas.

E-mail: jucieledias@gmail.com

#### ▶ **Luiza K. Castello Branco**

Pós-doutorado com bolsa CAPES-PNPD no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem no Instituto de Letras, da UFF, sob a supervisão de Bethania Mariani; mestre em Língua Portuguesa pela UFF; doutora em Linguística pela UNICAMP; pesquisadora do LAS; membro do grupo de pesquisa Teoria do Discurso – GTDIS. Suas pesquisas são na área de Análise de Discurso e de História das Ideias Linguísticas.

E-mail: luizakcb@gmail.com

#### ▶ **Marcos de Sá Costa**

Formado em Letras (Português/Literaturas), Mestre em Letras (UFF) e Doutorando em Estudos de Linguagem (UFF), bolsista CAPES, com pesquisada vinculada ao Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF).

E-mail: marcoscosta@gmail.com

#### ▶ **Raphael de Moraes Trajano**

Professor de Linguística na Faculdade de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques. Formado em Letras (Português/Literaturas), mestre em Linguística (UERJ) e doutorando em Estudos de Linguagem (UFF), bolsista CAPES, com pesquisada vinculada ao Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF).

E-mail: raphademorais@gmail.com

#### ▶ **Silmara Dela Silva**

Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da UFF, e jovem cientista FAPERJ (2015/2017). Pesquisadora do LAS e docente do Programa de Pós-Graduação em

Estudos de Linguagem. É jornalista e doutora em Linguística, com pesquisas na área de Análise de Discurso.  
E-mail: silmaradela@gmail.com

► **Vanise Gomes de Medeiros**

Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras, da UFF, bolsista CNPq e Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ (2009/2012; 2012/2015). Pesquisadora do LAS e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. É doutora em Linguística (UFF), com pesquisas na área de Análise do Discurso e História das Ideias Linguísticas.  
E-mail: vanisegm@yahoo.com.br

## Equipe de filmagem (entre 2013 / 2016)

**Alexandre Zanella** (doutorando UFF/CAPES, 2013/2015)

**Amanda Lima** (mestranda UFF, 2014/2015)

**Ana Bezz** (doutoranda UFF/CAPES, 2014/2015)

**Bethania Mariani** (pesquisadora UFF/CNPq/FAPERJ, 2013/2016)

**Carla Barbosa Moreira** (pesquisadora UFF/CAPES-PNPD, 2013/2014)

**Carolina Fedatto** (pesquisadora UFF/UFMG/CAPES-PNPD, 2013/2014)

**Felipe Caneca** (graduando Letras UFF/IC-CNPq, 2013)

**Fernanda Lunkes** (pesquisadora UFF/CAPES-PNPD, 2013/2014)

**Flávio Benayon** (graduando Letras UFF/IC-CNPq, 2013/2014)

**Frederico Sidney Guimarães** (doutorando UFF/CAPES, 2014)

**Joyce Palha** (doutoranda UFF/UFSJ/CAPES, 2013)

**Juciele Pereira Dias** (pesquisadora UFF/PNPD-CAPES, 2013/2016)

**Karen Conceição** (graduanda Letras UFF/estagiária, 2013)

**Karoline Teixeira** (graduanda Letras UFF/IC-FAPERJ, 2013)

**Luiza Castello Branco** (pesquisadora UFF/CAPES-PNPD, 2014/2016)

**Marcos de Sá Costa** (doutorando UFF/CAPES, 2013/2015)

**Mariana Vita** (graduanda IACS UFF, 2013)

**Mauricio Beck** (pesquisador UFF/FAPERJ, 2013)

**Milene Maciel Carlos Leite** (mestranda UFF/CNPq, 2014/2015)

**Phellipe Marcel** (pesquisador BN/UERJ, 2016)

**Raphael de Moraes Trajano** (doutorando UFF/CAPES, 2013/2015)

**Sarah Moreira Casimiro** (iniciação científica UFF/FAPERJ, 2013/2014)

**Silmara Dela Silva** (pesquisadora UFF/FAPERJ, 2013/2015)

